

ANAIS DO IX ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA 2019

A LITERATURA INFANTOJUVENIL



A. PEDRO CORREIA
ADELA FIGUEROA
ANA CORDEIRO
ANDRÉ LETRIA
ANDRÉA ZAMORANO
CREMILDA DE LIMA
DANIEL COMPLETO
GERMANO ALMEIDA
JOSÉ FANHA
KÁTIA CASIMIRO
OLINDA BEJA
SÍLVIA ALVES
TERESA DUARTE REIS



ANAIS DO IX ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

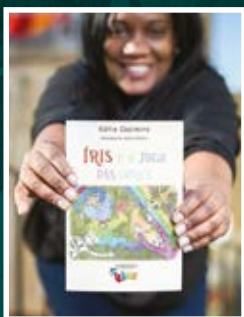
LITERATURA E LUSOFONIA

2019

A LITERATURA INFANTOJUVENIL







Ficha Técnica

Título

LITERATURA E LUSOFONIA
ANAIIS DO IX ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA 2019
A literatura infantojuvenil

Edição

UCCLA
Coordenação geral
Rui D'Ávila Lourido

Coordenação

Filomena Nascimento

Revisão e edição de textos

Maria do Rosário Rosinha

Fotografia

Câmara Municipal da Praia | Cabo Verde
Anabela Carvalho | UCCLA

Ilustrações

Henrique Castanheira

Design e paginação

Catarina Amaro da Costa | UCCLA

ISBN

978-989-54173-8-4

Impressão

Imprensa Municipal

Tiragem

300 exemplares

Apoios

Câmara Municipal de Lisboa e Sociedade Portuguesa de Autores

Patrocinador Oficial

EMEP



Novembro 2022

Os textos incluídos nesta obra, Literatura e Lusofonia 2019, são da responsabilidade exclusiva dos seus autores. A presente edição segue a grafia do Acordo Ortográfico de 1990, exceto nos casos em que os autores optam por manter a grafia antiga.

ANAIS DO IX ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA
2019

A LITERATURA
INFANTOJUVENIL



CIDADE DA PRAIA – CABO VERDE

ÍNDICE

§	Texto de Apresentação	15
	Vitor Ramalho	
§	Introdução	17
	Rui Lourido	
§	Homenagem a Germano Almeida – Prémio Camões 2018	23
	Ana Cordeiro sobre o autor e a sua obra: "O Tratado do Riso" de Germano Almeida	

Tema Geral | A LITERATURA INFANTOJUVENIL

§	1º Tema Pôr imagens e sons nas palavras, pôr palavras nas imagens	
	PATO LÓGICO	
	O Conhecimento do Mundo como Estímulo para a inclusão	
	André Letria	35
	O SOM DAS PALAVRAS	
	Daniel Completo	51
§	2º Tema A literatura infantojuvenil, lugar do afeto e da emoção	
	O MUNDO FANTÁSTICO DAS HISTÓRIAS INFANTIS...	
	UM...DOIS... TRÊS...PLIIM!!!!	
	Cremilda de Lima	59

	LITERATURA INFANTO-JUVENIL, LUGAR DE AFECTO, EMOÇÃO E VIAGEM	
	José Fanha	73
	PEQUENAS ILHAS, GRANDES MUNDOS	
	Sílvia Alves	79
	OLHOS QUE FALAM, SORRISO QUE ABRAÇA	
	Teresa Duarte Reis	85
	CONTOS TRADICIONAIS INFANTIS – A SUA IMPORTÂNCIA	
	Kátia Casimiro	95
	SEM PRESSA DE VIVER – 1, 2, 3, ERA UMA VEZ...	
	Olinda Beja	101
§	3º Tema Escrever o Mundo, escrever-se a si	
	AFINAL OS JOVENS LEEM E ESCREVEM – "FANFICTONS" E OUTROS GÊNEROS LITERÁRIOS NA PONTA DOS DEDOS	
	Andréa Zamorano	107
	A LITERATURA INFANTOJUENIL NA GALIZA: UMA NECESSIDADE EDUCATIVA E CULTURAL	
	Adela Figueiroa Panisse	115
	ERA UMA VEZ UM RAPAZINHO	
	A. Pedro Correia	127
§	Fotografias do IX EELP Cidade da Praia	133
§	Programa do IX EELP Cidade da Praia	157
§	Referências Biobibliográficas	161

Os Anais do IX Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, *Literatura e Lusofonia 2019*, incluem apenas os textos que foram enviados para publicação.

ANAIS DO IX ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA

2019

A LITERATURA
INFANTOJUVENIL





O criador de géneros,
de Henrique Castanheira
Aquarela e lápis | 36 x 28 cm | 2020



IX Encontro de Escritores de Língua Portuguesa

O IX EELP (Encontro de Escritores de Língua Portuguesa) foi o quarto a realizar-se no contexto da proposta da Câmara Municipal da Praia de sediarmos os EELP na sua cidade. Proposta de imediato aceite pela UCCLA.

Neste âmbito, foi escolhido como tema central para o IX EELP – “A Literatura infantojuvenil”, com os seguintes subtemas: “Pôr imagens e sons nas palavras, pôr palavras nas imagens”, “A literatura infantojuvenil, lugar do afeto e da emoção” e “Escrever o mundo, escrever-se a si”.

Agradeço ao Senhor Presidente da Câmara Municipal da Praia, Dr. Óscar Santos, a toda a Vereação e aos demais membros dos órgãos e serviços autárquicos, a colaboração e o apoio prestado na parceria com a UCCLA para a realização deste Encontro.

Tem havido a preocupação permanente (foi assim com os oito encontros anteriores) de, em função dos temas, obter a participação de personalidades de renome de todos os países de língua oficial portuguesa. Nestes EELP já participaram escritores consagrados pelos principais prémios da literatura escrita em Língua Portuguesa (incluindo seis prémios Camões: Arménio Vieira, Eduardo Lourenço, Germano Almeida, João Ubaldo Ribeiro, Pepetela e Mía Couto). Estou muito grato, por isso, a todos os escritores pela aceitação do convite para este IX Encontro. Na pessoa do nosso Coordenador Cultural, quero igualmente agradecer a toda a

equipa da UCCLA que, sob minha orientação, organizou estes nove Encontros, garantindo o seu sucesso.

A riqueza de Cabo Verde, abrangendo também todos os domínios da intensa e diversificada atividade cultural que a Câmara Municipal da Praia dinamiza, não poderia deixar de ter, por todas estas razões, uma forte representação. Cumpre igualmente a estes encontros resgatar a memória de grandes escritores de Cabo Verde, como fizemos com Corsino Fortes, Jaime de Figueiredo e Arménio Vieira. Neste IX EELP homenageamos Germano Almeida, cuja obra literária recebeu o prémio Camões 2018.

A circunstância de, nas sessões de abertura e de encerramento do IX EELP, terem estado presentes membros de órgãos de soberania de Cabo Verde ao mais alto nível (Primeiro-Ministro, Ministro da Cultura e Ministra da Educação), para além do Presidente da Câmara da cidade da Praia e da Senhora Reitora da Universidade de Cabo Verde, foi uma enorme honra para todos nós.

Vitor Ramalho
Secretário-Geral da UCCLA



IX Encontro de Escritores de Língua Portuguesa

INTRODUÇÃO

O presente livro, com o título *A LITERATURA INFANTOJUVENIL*, é uma edição da UCCLA, no âmbito da nossa coleção de Literatura dos Países de Língua Portuguesa, com as colaborações enviadas pelos escritores que participam nos Encontros de Escritores de Língua Portuguesa (EELP). Este nono encontro foi uma coorganização da Câmara Municipal da Cidade da Praia (CMP, com o apoio direto do seu Presidente, Dr. Óscar Santos) e da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA, com o apoio direto do seu Secretário-Geral, Dr. Vítor Ramalho) e realizou-se de 19 a 22 de junho de 2019, na Cidade da Praia, em Cabo Verde. Queremos aqui expressar o nosso público reconhecimento à Câmara Municipal da Praia pelo apoio empenhado na organização do IX EELP, o quarto a ser realizado na Cidade da Praia, tendo os primeiros quatro EELP sido realizados na cidade de Natal, Brasil, e o quinto EELP na cidade de Luanda, Angola. Queremos igualmente endereçar um agradecimento especial às duas equipas, da Câmara Municipal da Praia e da UCCLA, que fizeram um trabalho fundamental na organização do IX EELP e na preparação deste livro que, devido à pandemia, só em 2022 foi possível trazer à luz do dia.

A juventude é um tema de enorme atualidade, considerando que as sociedades ocidentais desenvolvidas apresentam graves problemas de sustentabilidade devido às baixas percentagens de população jovem. Baseadas em dados recolhidos pelas

Nações Unidas em 2019 e analisadas pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, foram feitas projeções não muito animadoras para 2060, prevendo-se uma diminuição gradual, mas contínua, da percentagem de jovens entre os 15 e os 29 anos, que passaria de 24,5% para 20% da população mundial. Esse estudo aponta a Coreia do Sul, o Japão, a Europa e os EUA como os países com maior perda e menor percentagem de jovens. Ao contrário, a África manter-se-á como o continente com a maior percentagem de população jovem – entre os 15 e os 29 anos – do mundo, sendo que mais de metade da população de África tem cerca de 18 anos. Quanto aos Países de Língua Portuguesa, é preocupante verificar a tendência de decréscimo da população jovem brasileira, a qual deverá cair cerca de 10 pontos percentuais, passando de 25,2% para 15,3% da população em 2060¹. Os restantes Países de Língua Portuguesa (com exceção de Portugal, que acompanha o decréscimo da juventude nos países europeus) registam um enorme potencial de crescimento demográfico, decorrente do facto de cinco desses países se localizarem em África. Angola, Moçambique, Timor-Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau são os países da CPLP com a população mais jovem (com a faixa etária 0-14 anos a ultrapassar os 40% do total da população)².

Nas atividades integrantes dos EELP já é tradicional contar com a apresentação, pela UCCLA, de dois livros. Assim, o Coordenador Cultural da UCCLA apresentou o vencedor da 4ª edição do Prémio UCCLA de Revelação Literária – “Novos talentos, novas obras em Língua Portuguesa,” o arquiteto e artista plástico António Pedro Correia, que foi o autor do livro premiado – *PRAÇAS*³. Desde a sua 1ª edição, em 2015, que este prémio se tem revelado o mais amplo Prémio de Revelação literária de todo o espaço Lusófono, a nível de candidaturas, pois temos vindo a receber anualmente entre sete e oito centenas de obras em língua portuguesa, enviadas de todos os 5 continentes, abrangendo mais de 20 países, incluindo os 8 países de Língua Oficial Portuguesa. Já recebemos candidaturas da Ásia (Macau, Japão e

¹ Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas para o Atlas das Juventudes, contou com a coordenação do professor Marcelo Neri. Fonte: FGV Social/CPS a partir das estimativas e projeções da ONU (2019) – Atlas das Juventudes. <https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-populacao-e-percepcoes/projecao-populacional/>

² Mas será interessante registar que, na faixa etária da população ativa (sensivelmente entre os 15 e os 64 anos), segundo os dados divulgados pelo FNUAP (Relatório do Fundo das Nações Unidas para a População), intitulado “Acedendo ao Estado da População Mundial – 2017), Macau tem o grosso da população nesse intervalo, com 77%, seguido por Brasil (70%), Cabo Verde e Portugal (ambos com 65%), Guiné Equatorial (60%), Guiné-Bissau (56%), São Tomé e Príncipe (54%), Timor-Leste (53%), Moçambique (52%) e Angola (51%).

³ A. Pedro Correia, *PRAÇAS*, edição A Bela e o Monstro para a UCCLA, Lisboa, 2019

Austrália), de África (África do Sul e os 5 de língua portuguesa), da América (Brasil, Canadá, EUA, Chile, Paraguai) e da Europa (para além de Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Inglaterra e Suíça). O outro livro que é habitualmente apresentado é o que edita os textos que foram apresentados ao anterior EELP e que neste caso se referiu ao VIII EELP, *Literatura e Lusofonia, A Cidade e a Literatura: Conexões entre cidadania, criatividade e juventude*.⁴

O IX EELP teve o apoio do Ministério da Educação de Cabo Verde, o que permitiu organizar a visita de vários escritores de Cabo Verde e do estrangeiro a escolas e bibliotecas escolares dos Municípios de Santiago. O encontro de Arménio Vieira e de Germano Almeida, prémios Camões, com alunos do 11º das escolas do Município da Praia, na Biblioteca Nacional de Cabo Verde, decorreu com grande entusiasmo. Algumas das escolas deram às suas bibliotecas o nome de escritores como Germano Almeida ou José Fanha e receberam a oferta de livros.

Entre as atividades complementares, realizaram-se visitas culturais à Cidade Velha, a primeira capital de Cabo Verde, à cidade de Assomada, para visitar a casa onde viveu Amílcar Cabral, e também ao museu e velho Campo de Concentração do Tarrafal e cidade do Tarrafal.

De forma a melhor associar o IX EELP à população da cidade da Praia e propiciar um convívio mais direto dos leitores da Praia com os escritores de Cabo Verde e dos países de Língua Portuguesa, bem como promover um maior impacto mediático, a Sessão de Abertura foi organizada no Parque 5 de Julho da Cidade da Praia, paralelamente a uma feira do livro. Na sessão de abertura participaram o Primeiro-Ministro do Governo de Cabo Verde, Dr. José Ulisses Correia e Silva, o Presidente da Câmara Municipal da Praia, Dr. Óscar Santos, o Secretário-Geral da UCCLA, Dr. Vítor Ramalho e o Presidente da EMEP, Eng. Victor Coutinho. Esteve igualmente presente a Ministra da Educação e Ministra da Família e Inclusão Social, Dr^a. Maritza Rosabal Peña.

Dando continuidade à promoção dos principais expoentes da Literatura de Cabo Verde, coube ao IX EELP, em 2019, na sessão de abertura, a honra de homenagear Germano Almeida, consagrado escritor de Cabo Verde, autor de inúmeros *bestsellers* e vencedor, no ano anterior, do Prémio Camões 2018 pela sua obra literária. Para dignificar esta homenagem, convidámos o outro escritor cabo-verdiano galardoado com o Prémio Camões, Arménio Vieira, que fez uma sentida

⁴ *Literatura e a Lusofonia, A Cidade e a Literatura: Conexões entre cidadania, criatividade e juventude*, coordenação Rui Lourido, ed. UCCLA, Lisboa, 2019

e entusiasmada intervenção sobre a obra de Germano Almeida. Convidámos igualmente a especialista da sua obra e sua biógrafa, a Professora Ana Cordeiro, a qual chamou ao seu texto “O Tratado do Riso de Germano Almeida” (este é primeiro texto deste livro). Nele, a autora refere que o premiado Germano Almeida tem o condão de colocar o leitor “a observar a sociedade cabo-verdiana através da multiplicidade de espelhos de um caleidoscópio, sem nunca a podermos apreender por inteiro. ... [destacando] o facto de que, para Germano Almeida, a escrita é não só um ato libertador como um exercício de liberdade”. No final da sessão, Germano Almeida manifestou o seu agradecimento pelas intervenções realizadas.

O facto de as sessões do segundo e terceiro dias do Encontro se terem realizado na Biblioteca Nacional de Cabo Verde permitiu que, além do público habitual da cidade, tenha participado um público de jovens estudantes e leitores daquela instituição, bem como de escolas secundárias, que assim puderam contactar diretamente com escritores de outras ilhas de Cabo Verde, bem como com escritores de Angola, Brasil, Galiza, Guiné-Bissau, Portugal e São Tomé e Príncipe.

O presente livro inclui todos os textos que nos foram enviados (doze), de entre as várias comunicações que foram apresentadas ao IX Encontro de Escritores de Língua Portuguesa.

A diversidade de perspetivas sobre os temas em debate é uma das riquezas deste livro, que está organizado em três capítulos que reproduzem os três temas discutidos no IX EELP: o primeiro – “Pôr imagens e sons nas palavras, pôr palavras nas imagens”, o segundo – “A literatura infantojuvenil, lugar do afeto e da emoção” e o terceiro – “Escrever o mundo, escrever-se a si”.

Como forma de abrir a curiosidade e apetite literário para a leitura dos textos que a seguir editamos, identifiquemos, ainda que de forma sumária, os contributos dos escritores para os diferentes temas/capítulos:

No 1º tema: **Pôr Imagens e Sons nas Palavras, Pôr Palavras nas Imagens**, recebemos dois textos. O escritor e designer português André Letria, com o texto intitulado “Pato Lógico – O Conhecimento do Mundo como Estímulo para a Inclusão”, deu a conhecer o trabalho desenvolvido pela sua pequena editora, chamada Pato Lógico, que trabalha com escolas, bibliotecas e outras instituições, com o objetivo de criar novos leitores com base na “experiência lúdica da fruição da leitura”, encarando os livros como forma de desenvolvimento da criatividade das crianças e jovens. O escritor e músico português Daniel Completo intitulou a sua intervenção de “O som das palavras”. Nela destaca a importância das histórias infantis para a formação de futuros leitores. A sua experiência privilegia os audiolivros

para as crianças dos jardins de infância, onde a música se une às histórias para criar “momentos de aprendizagem, de desenvolvimento da imaginação, da competência linguística, do espírito crítico, da fruição estética, afetiva e lúdica.” Defende o autor que é muito importante os escritores irem às escolas e às bibliotecas.

Quanto ao 2º tema: **A Literatura Infantojuvenil, Lugar do Afeto e da Emoção**, temos seis textos, cujos títulos são bem significativos do seu posicionamento. Da escritora angolana Cremilda de Lima, “O mundo fantástico das histórias infantis... um...dois...três...pliiim!!!!”; do português José Fanha, “Literatura infanto-juvenil, lugar de afecto, emoção e viagem”; da portuguesa Sílvia Alves, “Pequenas ilhas, grandes mundos”; da portuguesa Teresa Duarte Reis, “Olhos que falam, sorriso que abraça”; da guineense Kátia Casimiro, “Contos tradicionais infantis – a sua importância”; e da escritora de São Tomé e Príncipe Olinda Beja, “Sem pressa de viver – 1, 2, 3, era uma vez...”.

No 3º e último tema: **Escrever o Mundo, Escrever-se a Si**, temos três textos. Da escritora brasileira Andréa Zamorano, “Afiml os jovens leem e escrevem – “fanfictions” e outros gêneros literários na ponta dos dedos”; da escritora da Galiza Adela Figueiroa Panisse, “A literatura infantojuvenil na Galiza: uma necessidade educativa e cultural”, e de A. Pedro Correia, o vencedor do prémio UCCLA de Revelação Literária de 2019, “Era uma vez um rapazinho”.

Os EELP assumem-se igualmente como ações de promoção da cidadania ao inculirem valores universais que resgatam a literatura como espaço de liberdade e do exercício de ser cidadão hoje. Quanto maior o acesso às literaturas africanas, americanas, asiáticas e europeias, maior capacidade de acesso à informação, ao conhecimento, logo, maior capacidade crítica e intervenção cívica o leitor poderá assumir na sociedade.

Boa leitura!

Rui Lourido
Coordenador Cultural da UCCLA
Historiador



O pai escritor,
de Henrique Castanheira
Lápis de cera sobre papel | 36 x 28 cm | 2020



O TRATADO DO RISO de Germano Almeida

ANA CORDEIRO

Nestes momentos de celebração, em que é suposto falar-se da vida e obra do homenageado, justifica-se um regresso ao início da sua carreira literária, na revista Ponto & Vírgula e, mais exatamente, ao nº 13, onde Germano Almeida transcreveu um excerto da obra "O Tratado do Riso". Embora escrito por ele, o livro nunca existiu e o editorial onde consta a transcrição não está assinado, mas tenho dois bons motivos para começar por aqui: em primeiro lugar porque esse texto é uma espécie de manifesto literário e de filosofia de vida e em segundo lugar porque foi nesse ano, 1985, que nos conhecemos, numa agradável tertúlia que os diretores da revista organizavam diariamente na Galeria Alternativa. Tornámo-nos amigos para a vida e parceiros no projeto de uma editora, a *Ilhéu*, que já publicou 17 dos seus dezoito títulos, e do jornal Aguaviva, um mensário publicado entre março de 91 e julho de 92.

Ao longo destes quase trinta e cinco anos já escrevi muito sobre os aspetos que considero mais marcantes na sua obra: a forma como baralha ficção e realidade; a confusão propositada entre o autor e os seus alter-egos; a capacidade de fugir à linearidade cronológica, embora sabendo sempre, no momento certo, fazer o conto voltar atrás; a intrincada forma de encadear as estóreas umas nas outras; as personagens que transitam de uns romances para outros e se movem num universo real por entre pessoas reais... enfim, é como se nos pusesse a observar a sociedade

cabo-verdiana através da multiplicidade de espelhos de um caleidoscópio, sem nunca a podermos apreender por inteiro, porque o autor está sempre a alterar-nos o ângulo de observação.

Tenho, em especial, realçado o facto de que, para Germano Almeida, a escrita é não só um ato libertador como um exercício de liberdade. Libertador porque foi em jeito de catarse que deu por si a escrever, como confessou numa entrevista. Tinha dezasseis anos e as suas noites eram assombradas por uns defuntos desaparecidos num trágico naufrágio na ilha de Boa Vista. Decidiu então escrever uma história em que os acompanhava no alto mar lutando com a morte, e cito: “*Vinguei-me transferindo para eles o medo que vinha sentindo e terei mesmo tido a maldade de deixar que um ou outro fosse comido por tubarões no meio de gritos de cortar o coração. O certo é que no fim estava completamente liberto.*” Esta necessidade de se libertar esteve também, como ele próprio tem referido, na génese de obras como *Os dois irmãos* – porque sentiu que, na época do julgamento, não tinha compreendido inteiramente o acusado – ou *A ilha fantástica*, que começou a escrever em 1968 no norte de Angola, para se libertar daquela “*imensidão desconhecida e hostil*”, como a designou.

Há obras que, naturalmente, terão tido outras motivações: a necessidade de fazer justiça onde ela falhou, que encontramos em *O dia das calças roladas* ou em *Os dois irmãos*; a demanda da verdade e da compreensão do outro que se esconde por detrás de comportamentos incompreensíveis, como o assassinato de um ilustre escritor pelo seu melhor amigo (*O fiel defunto*), de um fratricídio (*Os dois irmãos*), ou de traições e infidelidades (*Eva*); ou a busca da cabo-verdianidade, que esteve na origem da *Viagem pela história das ilhas*. Contudo, seja qual for a preocupação a que Germano Almeida procure dar resposta, não podemos esquecer que ele é, como sempre se tem apresentado, um contador de estóreas, pelo que a inspiração primordial é sempre uma boa estórea à espera de ser contada.

Estamos perante uma obra que resulta, sobretudo, de um exercício de liberdade. Germano é um homem visceralmente livre, um iconoclasta que critica tudo e todos, o que lhe permite falar das pessoas, dos lugares e das coisas sem eufemismos e sem o recurso a nomes fictícios. Tudo é objeto de uma crítica profundamente irónica e incisiva, seja a história de Cabo Verde e as suas gentes, seja a independência ou as mudanças políticas que se lhe seguiram, sejam figuras públicas ou até os seus amigos. Uma liberdade que lhe permite entrar em territórios proibidos ou que, pelo menos, estavam afastados da recatada tradição literária das ilhas. Uma liberdade que se reflete também na forma como usa as suas línguas: o português e o cabo-verdiano.

Sem limites nem cerimónias, mas de que resulta ouvirmos algumas personagens falarem crioulo, escrevendo ele embora em português.

Porque não me quero repetir, regressarei então a esse texto, na verdade porque se trata de uma espécie de declaração de princípios, de um texto programático, que nos permite refletir sobre o significado que tem para ele o ato de escrever e a forma como, enquanto intelectual, se relaciona com a sociedade em que vive e o poder político que a controla e como é que, na sua obra, é tratada essa relação entre os intelectuais e o poder.

Sabemos que política e cultura são esferas sociais distintas, com lógicas e objetivos diversos. A tarefa do intelectual é a de agitar ideias, levantar problemas, sonhar utopias. A do político é a de tomar decisões, fazer escolhas no mundo dos possíveis. Por breves momentos, sobretudo em épocas de grandes mudanças políticas e sociais, quase se confundem, mas voltam a seguir caminhos separados porque rapidamente a lógica das ideias se deixa afogar pela lógica da realidade. Em Cabo Verde, a luta pela independência e a luta pela sobrevivência do país, nos primeiros anos que se lhe seguiram, foram um desses raros momentos em que intelectuais e políticos se encontraram do mesmo lado, lutando pelos mesmos ideais. Depois a utopia começou a chocar com a realidade e esse frágil equilíbrio foi sendo minado.

Poderá então o escritor ser um intelectual engajado, comprometido com o seu povo, sempre ao lado do povo, como publicamente defendia *o meu poeta* (embora desviasse o olhar para não ver desmandos nem injustiças e calasse a sua voz crítica para não pôr em causa os meios de subsistência)? Ou deve o intelectual, para continuar livre e libertário, colocar-se à margem da sociedade e das suas normas, como defendia Vasco, uma espécie de escritor maldito, visceralmente cínico, personagem que morre na obra *O meu poeta*, para ressuscitar em *A morte do meu poeta*.

Nos romances de Germano Almeida encontramos todo o tipo de intelectuais. Desde os marginais que se querem integrar aos que, estando já integrados, se passeiam com a pose de marginais. Desde os que se dedicam à política, sem deixar de ser intelectuais, como um ministro da Cultura que é poeta, um Presidente da República que é escritor ou um escritor que se recusa fazer parte da vida política, como acontece na obra *O fiel defunto*.

Ficção à parte, impõe-se-nos uma pergunta: pode o intelectual cabo-verdiano virar a cara às causas e lutas político-sociais do seu país? Pode, em nome da objetividade e livre crítica, manter-se distante? Afinal, vamos cair sempre na grande e velha aporia filosófica: pode a pena ser separada da espada?

Nos tempos do Ponto & Vírgula, que me propus revisitara, tal seria difícil, se não impossível. Viviam-se em regime de partido único que se autoproclamava “força, luz e guia do povo cabo-verdiano”, pelo que intervinha em todos os domínios da vida quotidiana, do social ao político, do económico ao cultural, do coletivo ao pessoal. Quando, em 1983, oito anos depois da independência, surgiu a revista Ponto & Vírgula pelas mãos de Germano Almeida, Leão Lopes e Rui Figueiredo, não se viviam tempos de feroz repressão, perseguições políticas ou de censura institucionalizada, mas julgo não provocar grande discordância se disser que se vivia debaixo de uma bastante sensível pressão. Alguns dos editoriais da revista, por exemplo, são dedicados à questão da falta de liberdade de expressão o que, como se pode ler no nº 5, obrigava os cidadãos a comunicarem através de uma “*invenção moderna chamada de entrelinhas*”.

Hoje sabemos que esses editoriais foram escritos por Germano Almeida e mereciam ser objeto de estudo, pois não só nos permitem traçar um esboço da vida político-cultural das ilhas nos anos 80 como, por estarmos perante verdadeiras crónicas, aí encontrarmos as marcas literárias que o identificam enquanto escritor.

Vamos então ao “Tratado do Riso” cujo excerto começa assim: “*Ria sempre! Ria de tudo! Tudo no mundo está sujeito ao riso! E de facto nada há mais demolidor que uma esplêndida gargalhada, dada com os olhos e a garganta. Claro que a boca, as diversas posições da boca têm um papel relevante nesse riso-chicote e bem entendido que é necessário, para que a arma possa ser usada com eficiência, que se faça a pontaria certa, isto é, que o riso saia na hora exata, nem antes nem depois.*” O autor continua fazendo a distinção entre os diferentes tipos de riso e volta a citar: “*há a aparência de sorriso, que consiste num levantamento das pestanas acompanhado dum ligeiro movimento dos cantos da boca. Podia ser chamado de um espanto sarcástico. Normalmente é utilizado para destruir os inseguros quando se fingem senhores da situação. Assim como se utiliza o Baygon para as baratas.*” Passa depois para o sorriso da seriedade, aquele que aparentemente tentamos evitar, mas em vão, porque, e cito de novo, “*a coisa não depende de nós, a barraca que o outro está a dar é tão grande que todo o nosso esforço é impotente. (...) Há ainda a questão dos roncões de garganta (...) que podem ser curtos e secos ou sibilantes e longos, conforme a ocasião,*” mas que, embora aparentem ser dados de forma involuntária, “*cheguem ao ouvido do falante,*” sem esquecer, naturalmente, os sorrisos frontais e as esplêndidas gargalhadas. E o autor acrescenta: “*provei que essas armas, assim baratas, destroem mais que qualquer bomba e são sobretudo eficazes contra polícia e seus acólitos.*”

Em *O meu poeta*, a questão do riso volta a ser tratada, e pela boca de Vasco é

dito o seguinte: “*Um fulano que se ri de tudo, tanto pode ser um indiferente como um desenganado. Mas não creio que se possa dizer o mesmo de um fulano que decide rir-se de tudo. Porque um fulano que decide rir-se de tudo, no fundo está a criticar, está a intervir, até pode estar a demolir. É a chamada arma do riso.*” (p. 285)

Julgo que todos os que o conhecem e o leem concordarão que se trata de um texto programático a que ele se tem mantido inteiramente fiel, tanto na escrita como na vida.

Germano Almeida viveu os momentos mais decisivos da história recente de Cabo Verde e não hesitou em entrar em embates políticos sempre que o considerou necessário. Relembro que foi fundador do MpD¹ e deputado por esse partido entre 91 e 95 e que apoiou a candidatura de Pedro Pires em 2000 e não só viveu esses momentos enquanto cidadão como mais tarde os recriou enquanto escritor.

Das alegrias e convulsões da independência, por exemplo, encontramos registo em *Eva*, *O Testamento do Sr. Napumoceno*, *Estóreas dentro de casa* ou *D. Pura e os Camaradas de Abril*. Nestas obras temos a exaltação da luta e o relato da extraordinária alegria e orgulho com que ele e a maior parte dos cabo-verdianos viveram a independência, mas também encontramos o drama das vidas interrompidas e dos exílios voluntários, nem por isso menos dramáticos.

O Meu Poeta e *A Morte do Meu Poeta* são os dois lados da mesma moeda – o exercício do poder, numa sociedade muito marcada por uma herança cultural e política autoritária, assente na fragilidade dos cidadãos, vítimas da pobreza das ilhas e da fatalidade das secas. Vivem as populações numa situação de dependência das autoridades que são, em muitas situações, o único garante da sua sobrevivência. Assim, seja um poder assente num regime de partido único (de que trata *O meu poeta*, 1990) seja num regime pluripartidário (*A morte do meu poeta*, 1998), o poder é exercido de forma semelhante: abusando das fragilidades económicas dos cidadãos, sendo generoso com os bons filhos e implacável com os maus filhos. A denúncia do oportunismo, da arrogância e dos desmandos de quem se instala no poder está presente nas duas obras.

Ora, numa sociedade tão frágil, tão dependente dos poderes e dos favores públicos, como é que os intelectuais se podem posicionar? Em *O Meu Poeta* escreveu que “*dos 20% de letrados nacionais, 15% giram à volta do Poder e 5% à volta de*

¹ MpD é a sigla de Movimento para a Democracia, um partido político de Cabo Verde fundado em março de 1990, que esteve no poder entre 1991 e 2001. Informação obtida em 8 de setembro de 2019, em https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_para_a_Democracia.

enriquecer” e que os restantes 80% da população constituem uma “*classe apenas preocupada em não morrer à fome*” (p. 338).

Daqui se conclui que a vida em Cabo Verde não é fácil para ninguém. Ao fim e ao cabo, só 5% da população tem como objetivo enriquecer. Os outros apenas procuram encontrar um emprego compatível com a sua formação ou escapar à fome. O *meu poeta*, por exemplo, para chegar a deputado e mais tarde a embaixador, teve de fazer sabe-se lá o quê (Vasco acusava-o até de ter sido informador), e quando, anos depois, se candidatou à presidência da república teve de se sujeitar a todos os incómodos e desvarios de uma campanha eleitoral para conseguir chegar ao poder. “*E para quê?*” interroga-se Vasco em *A morte do meu poeta*, acrescentando: “*as pessoas com um pouco de juízo na cabeça deveriam recusar ser governantes em Cabo Verde, do mesmo modo que se foge do serviço militar obrigatório em tempo de guerra (...).*” Afinal, “*mais não fazem que exercer as funções de despenseiro, de distribuidor das ajudas internacionais.*” (pp.199 e 198)

Se quisermos traçar um paralelismo com as relações estabelecidas, no reino animal, entre espécies diferentes, podemos dizer que o modo como Germano Almeida descreve os vínculos entre intelectuais e poder oscilam entre uma forma de comensalismo (em que ambas espécies obtêm vantagens mas uma está em situação de superioridade sobre a outra, como é o caso das hienas que comem os restos da refeição dos leões) ou de parasitismo (em que uma das espécies sai prejudicada, como é o caso das pulgas que se alimentam do sangue dos cães). A verdade é que os intelectuais, para sobreviver, necessitam de “*ter vínculos comestíveis com o Estado*”, expressão que Germano criou nos finais dos anos 80 e se popularizou. Ao fim e ao cabo, tal como na natureza, estas relações ecológicas acabam por ser úteis a todas as partes. Para os intelectuais que, com os empregos ou os subsídios do Estado, conseguem sobreviver e produzir, e para o Estado que, sempre que necessário, não hesita em se servir dos intelectuais para se legitimar e glorificar... ou para outros pequenos favores.

É o que acontece em *O fiel defunto*, em que Governo e Autarquia se apoderam do falecido para organizar um funeral de estado como nunca se tinha visto nas ilhas. Recordo que este, o famoso escritor Miguel Lopes Macieira, assassinado no dia do lançamento do seu último livro, regressara às ilhas, reformado e aparentemente em situação económica desafogada, para se dedicar à escrita. Logo à sua chegada declara: “*Não pretendo nenhum cargo, nenhuma honraria, não vou entrar a fazer política.*” (p. 38). Assim aconteceu. Chegou até a recusar fazer parte da Comissão de Honra de um candidato a Presidente da República e dedicou-se a escrever desenfreadamente

até que um dia, de forma igualmente súbita, deixa de escrever e descobre que as dependências não são apenas económicas ou políticas. A escrita, diz ele, é uma “*canga, uma forma de escravatura.*”

Como disse atrás, o funeral do escritor transformou-se numa cerimónia de estado, digna da sociedade-espetáculo que hoje vivemos (e que o sociólogo francês Guy Debord² anunciara nos anos 60). Os capítulos finais de *O Fiel Defunto*, com os preparativos para o velório no Palácio do Povo, os discursos, a rua de Lisboa devidamente enfeitada para o efeito, a construção de um gigantesco palco para acomodar a solene missa de corpo presente bem como as entidades políticas, culturais, religiosas e militares, um sofisticado sistema de som e de imagem para garantir a transmissão em direto para todo o mundo, são a sátira perfeita a uma sociedade que já não sabe viver senão pela mediação da imagem.

Mas já muitos anos antes, Germano Almeida tinha escrito sobre este fenómeno no último número da revista *Ponto & Vírgula* – o número em que se despedem a caminho de Pasárgada. Esse editorial é a delirante antecipação da comemoração do cinquentenário da revista *P&V* com a transmissão em direto da cerimónia comemorativa, no ano 2033, que teve lugar no edifício da Câmara Municipal de São Vicente, devidamente remodelado e modernizado dentro do estilo “*sempre a subir*”, como ele escreve. Nessa cerimónia de homenagem, o diretor Rui Figueiredo não esteve presente porque estava de cama com um ataque de gota, o diretor Germano Almeida chega em cadeira de rodas, incontinente, “*surdo que nem uma porta e incapaz de enxergar uma cadeira a um metro de distância*”, e o diretor Leão Lopes, embora amparado, chega pelo seu pé, pois era o único que ainda dava alguns passos, mas que, embora “*aprumado e inteiriço*”, estava calvo que nem um ovo, sem sinais da juba que o caracterizara. Ora, esta hilariante antecipação da comemoração do cinquentenário da revista era uma paródia e uma crítica às comemorações do cinquentenário da revista *Claridade* que tinham acontecido um ano antes, em 1986, com pompa e circunstância, depois de ter sido ignorada nos primeiros anos da independência e menorizada em relação à chamada “literatura de intervenção”. Durante o Simpósio comemorativo dos 50 anos, é finalmente e oficialmente assumido o importante papel que a revista teve na literatura cabo-verdiana e, para não haver dúvidas, o jornal *Voz di Povo*, na altura, publicou um artigo com o esclarecedor título: “Aos 50 anos Claridade entra oficialmente na história de Cabo Verde”.

² *A Sociedade do Espetáculo* (1967), de Guy Debord.

Neste último editorial, Germano aproveita para denunciar o perverso jogo de luzes e sombras que o poder utiliza para, conforme os momentos e enquadramentos políticos, ignorar, recuperar ou premiar intelectuais e artistas. Lembra-se então de estabelecer, pela voz do orador principal dessa futura comemoração, uma analogia entre as revistas Claridade e P&V chamando a atenção para o facto de ambas terem resultado de um ato “*igualmente arrojado e temerário, até porque não beneficiavam de nenhum subsídio para publicação*”, de ambas terem sido “*conotadas com uma certa oposição*”, acrescentando ainda ter “*o prof. Gerald Moser brilhantemente demonstrado que as vertentes comuns à Claridade e ao P&V foram justamente nenhuma se ter metido em coisas de religião, nenhuma se ter metido em coisas de política o que vale a esta distância dizer que nenhuma se meteu em coisa nenhuma.*” (P&V, nº 17)

Peço desculpa se me excedi no número de citações, mas isto resulta de uma valiosa lição aprendida no "Tratado do Riso". É que o riso é uma arma e, como qualquer arma, necessita de perícia para ser manejada. Não é qualquer um, nem em qualquer situação, que o sabe utilizar. Ora, quando não se tem o humor do Germano, é melhor não correr riscos, pelo que me fiz valer das suas palavras. Relembro, aliás, que o "Tratado" acaba com a história de um jovem que se quis rir da polícia, mas que, por não ter as aptidões necessárias, não só apanhou um tiro na orelha como umas valentes cacetadas “*até ficar pacífico e bom para seguir para a esquadra.*” (P&V, nº13)

Germano Almeida é tão incapaz de escrever sem satirizar como uma personagem do escritor espanhol Torrente Ballester, o sr. Emilio Roca, que passava a vida a entrar e a sair da cadeia por causa de uns versinhos cáusticos que escrevia contra o Presidente da Câmara, e que confessava, contrito: “*às vezes até me lembro de escrever um soneto a dar-lhe manteiga, mas não sei o que têm os meus versos, que sempre me saem satíricos.*” Assim é o Germano, que, para falar seja do que for, inclusive de si próprio, é incapaz de evitar o riso e a ironia. E, sobretudo, é-lhe impossível não exercitar a sua ironia mordaz e crítica sobre o exercício do poder e sobre os que o exercem ou gravitam de forma manhenta³ à sua volta. Há, aliás, um aforismo de João Varela (o escritor João Vário) que ele gosta de citar com frequência: “*não se pode ser manhento e culto ao mesmo tempo.*”

Não nos deixemos iludir pela leveza crítica e bem-humorada da sua escrita. É verdade que ele nos proporciona o que normalmente se chama uma leitura feliz,

³ Em Cabo Verde usa-se com o sentido de guloso, mas também de interesseiro, materialista, ganancioso, que é o caso.

porque é um extraordinário contador de estórias e porque nos consegue transmitir aquilo que para ele é indissociável, o prazer e a escrita, mas por mais divertidos que sejam os seus romances, todos, sem exceção, podem ser objeto de diversas e complexas leituras e são, e serão, essenciais para se conhecer e perceber as complexidades da história, da sociedade e da identidade cabo-verdianas.



IX EELP na Cidade da Praia – Cabo Verde



1º TEMA
PÔR IMAGENS
E SONS NAS
PALAVRAS,
PÔR PALAVRAS NAS
IMAGENS

ANDRÉ LETRIA | **PATO LÓGICO - O Conhecimento do Mundo
como Estímulo para a Inclusão**

DANIEL COMPLETO | **O som das palavras**



IX ENCONTRO DE ESCRITORES
DE LÍNGUA PORTUGUESA

Conferencistas do 1º tema
PÔR IMAGENS E SONS NAS PALAVRAS,
PÔR PALAVRAS NAS IMAGENS

EM CIMA:

Da esquerda para a direita,
André Letria e Daniel Completo



PATO LÓGICO

O Conhecimento do Mundo como Estímulo para a Inclusão

ANDRÉ LETRIA

Sou ilustrador e editor. Trabalho como ilustrador há 25 anos e há cerca de sete anos decidi criar uma editora: o Pato Lógico.

O Primeiro Livro

Deixem-me começar por contar-vos uma pequena história: a da publicação do primeiro livro desta editora. Tratava-se de um livro sobre o Benfica. O maior clube de futebol português. Diria mesmo o maior clube de futebol do mundo. Como se vê, sou um fã de futebol e um fervoroso adepto do Benfica.

Na primeira escolha que fiz como editor deixei-me levar pelo peso deste colosso desportivo e imaginei que um livro sobre um clube com milhões de adeptos seria o maior sucesso editorial do século. As vendas, certamente aos milhares por mês, suportariam os próximos projectos da editora por muitos anos.

Assim que o livro ficou pronto, organizei uma acção de marketing no dia de apresentação da equipa no início da época, num estádio com cerca de 55 mil pessoas. Venderam-se 4 livros!

Realidade

Esta pequena história dá conta das minhas primeiras desilusões como agente activo no mundo editorial. Desde logo, como adepto do Benfica, por confirmar que os

^oSem Acordo Ortográfico



adeptos de futebol (e os do Benfica em particular) não são adeptos dos livros; mas também como editor, por perceber que, por mais atraente que pareça o tema do livro, isso não lhe garante empatia e contacto com público.

Este livro conta a história de um pai e de um filho que num dia de jogo fazem o caminho para o estádio enquanto recordam a memória de um avô ausente. É um livro que fala da memória, da relação entre gerações, da partilha de afectos e do respeito pelos adversários, do respeito pelo outro. O futebol serve apenas de pretexto.

Talvez por isso, por não ser um produto óbvio, este livro ficou irremediavelmente condenado ao fracasso.

Novas Necessidades

Estes obstáculos trouxeram ao de cima novas questões. Como trabalhar livros que precisam de tempo para serem explorados, para serem compreendidos; livros que estimulam o pensamento crítico; livros que desafiam a inteligência do leitor; livros que não seguem as regras de um meio que os trata muitas vezes como mercadoria de consumo rápido?

Acima de tudo, num meio adverso às editoras independentes, sem condições para competir com grandes projectos editoriais, como fazer chegar estes livros a novos leitores?

Portanto, o acesso dos leitores aos livros do Pato Lógico tinha de ser trabalhado de formas diferentes daquelas que apenas estão ao alcance das grandes editoras.

Projecto Educativo

Como resposta a estas questões, o Pato Lógico tornou-se também um projecto educativo.

O que começou apenas como uma editora entende hoje a sua actividade a escolas, bibliotecas e outras instituições, através de um serviço educativo que assenta a sua prática na ideia de que a democratização do conhecimento estimula a curiosidade. Esta abordagem diversificada permite um acesso personalizado a camadas do público que não são naturalmente leitoras, por pertencerem a meios familiares que não estimulam a leitura ou por viverem em locais geograficamente mais isolados, longe de bibliotecas ou outros equipamentos culturais, como museus, locais que têm dificuldade em conseguir visitas de autores ou animadores culturais, e que necessitam de um acompanhamento mais próximo no contacto com os livros.

Assim, em vez de uma situação convencional de produção orientada para a venda exclusiva em livrarias, moldou-se um projecto que hoje existe com um formato de abrangências múltiplas, visando um processo de educação do leitor baseado na experiência lúdica da fruição da leitura.

Como Funciona o Serviço Educativo do Pato Lógico?

O serviço educativo do Pato Lógico consegue promover e trabalhar o tema da inclusão, através da actuação em diversas áreas, como a educação cívica, a sensibilização para a diferença, a igualdade de género e, sobretudo, a da acessibilidade dos conteúdos a escolas e bibliotecas.

O serviço educativo do Pato Lógico utiliza os livros como ponto de partida para uma série de aplicações práticas criadas com base no seu conteúdo e nos temas tratados.

Cada livro, para além das suas qualidades artísticas, transforma-se numa plataforma para a reflexão sobre o ser humano e a sociedade que o rodeia.





Os livros do Pato Lógico desdobram-se em várias vertentes que permitem um trabalho diversificado com os leitores.

De um livro podem nascer exposições, oficinas pedagógicas, sessões de autores, festas, eventos, etc.

Este trabalho pressupõe a noção de que ambientes e tempos diferentes de reflexão e de apropriação do conteúdo favorecem a revelação de novos olhares.

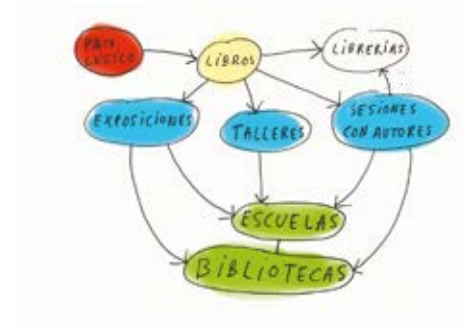
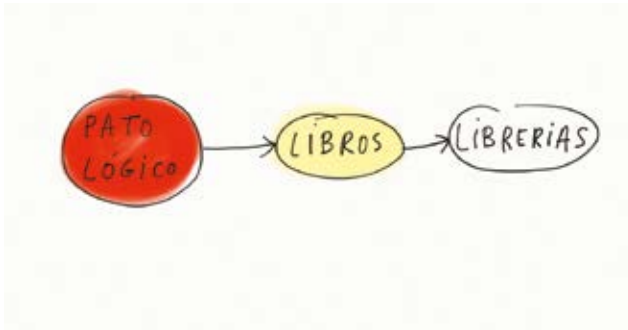
Em cada um destes espaços a equipa do Pato Lógico trabalha com mediadores de leitura, bibliotecários ou professores com experiências particulares, que orientam a abordagem ao livro tendo em conta questões geográficas, sociais ou étnicas, oferecendo assim olhares e interpretações renovados.

Porque um livro não se encerra a si mesmo numa mensagem absoluta e definitiva. A sua leitura depende do olhar do leitor e, nestes casos, também do mediador de leitura.

MAR, Uma Ferramenta Educativa

Mar é um exemplo das várias hipóteses de exploração de um livro pelo serviço educativo do Pato Lógico. Foi editado em Portugal em 2012 e está publicado em espanhol pela fantástica Editora Ekaré.





Mar pertence a uma colecção em que cada título está organizado por ordem alfabética, como um dicionário. Paralelamente às entradas sobre cada assunto, são propostas actividades práticas para os leitores. Daí o nome da colecção: *Atividários*, uma palavra inventada para traduzir este conceito de actividades + dicionário.

Esta colecção representa bem o espírito do serviço educativo do Pato Lógico: são objectos de arte que transmitem conhecimento e estimulam a curiosidade; não são destinados a uma faixa etária específica e por isso promovem o contacto entre gerações e públicos diversificados. As actividades estão pensadas para serem postas em prática em ambientes como o da escola, estimulando o contacto entre professores e alunos, ou em família, juntando alunos com diferentes origens ou diferentes necessidades, promovendo deste modo a integração e o conhecimento mútuo.

Festa, o Contacto com o Público

A apresentação do livro foi transformada numa festa de rua onde foram postas em prática algumas das actividades propostas no livro.

Este lançamento teve, como têm todos os lançamentos de livros, propósitos







comerciais. Mas a partir deste momento os conteúdos deste livro ganharam vida própria e foram muitas vezes transformados em projectos autónomos.

Oficinas Pedagógicas

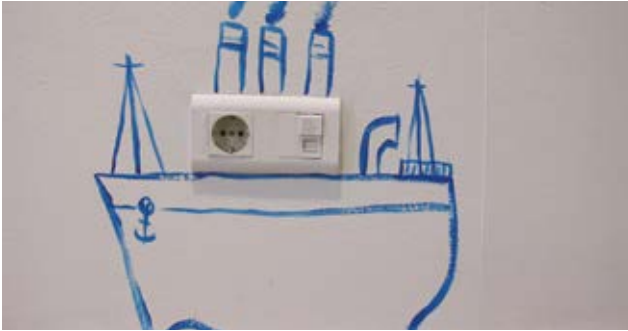
Esta colecção em particular, graças à variedade do conteúdo de cada título, permite uma adaptação aos temas tratados pelos currículos escolares em determinados períodos do ano lectivo. No caso do *Mar*, as actividades propostas no livro transformam-se em oficinas pedagógicas que exploram o conhecimento científico, as preocupações ambientais, ou os contextos históricos e sociais.

Em algumas localidades do litoral de Portugal este livro é utilizado para relembrar as tradições e hábitos de uma determinada comunidade, promovendo desta forma uma reaproximação dos jovens às gerações dos avós, reforçando o conceito de comunidade e a noção de trabalho em equipa.

Exposições, o Museu vai à Escola

As exposições estão pensadas para permitir um acesso alargado a escolas ou bibliotecas com poucos meios económicos, que subsistem com dificuldade em meios





rurais afastados das grandes cidades, cujas crianças têm dificuldade em deslocar-se a museus ou outros espaços culturais existentes apenas nos grandes centros urbanos.

As exposições são construídas a partir da utilização de meios muito acessíveis. A ilustrações são impressas em papel e a sua afixação depende de mecanismos simples, como a utilização de molas de roupa coladas na parede. A informação sobre a exposição ou a descrição das actividades são directamente pintadas nas paredes.

Estas exposições levam o museu às escolas e às bibliotecas e, por terem origem no conteúdo do livro, fomentam a leitura de uma forma indirecta.

Participação Invertida, o Museu é das Crianças

Algumas destas exposições são concebidas para dar visibilidade aos trabalhos das crianças. Mais uma vez, o tema do livro serve como ponto de partida para desenvolver actividades autónomas.

Como no caso do projecto de exposição participativa Aquário de Parede, em que o Pato Lógico desafiou escolas do concelho de Lisboa a criar a sua espécie marinha. Os trabalhos dos alunos foram entregues no escritório do Pato Lógico e foi criada uma exposição aberta ao público. Algumas das escolas participantes visitaram





a exposição e foram organizadas sessões com os autores do livro.

As crianças foram as estrelas do momento. O Pato Lógico propiciou um espaço de exposição pública do trabalho destes alunos. A produção artística funcionou no sentido inverso. O livro serviu como pretexto e plataforma de contacto entre a editora e os professores e às crianças foi dado espaço para que mostrassem as suas qualidades como artistas de pleno direito.

Estas experiências promovem a autoconfiança e o autoconhecimento e estimulam a criatividade.

Feira do Livro de Bogotá

Um dos casos de maior alcance deste formato de serviço educativo, embora aqui com outros meios à disposição, foi o da participação de Portugal na Feira de Bogotá¹ de 2013 como país convidado. O Pato Lógico foi o responsável pela concepção de um stand para o público infanto-juvenil baseado no livro *Mar*.

Em cada dia da feira visitaram o stand cerca de 7 mil pessoas, a maior parte crianças. Muitas delas nunca tinham visto o mar. Era possível tocar e desenhar na areia, escutar os sons do mar (gaiotas, ondas, mastros a ranger, os pregões das varinas), etc.

Estas experiências sensoriais, visuais, auditivas e tácteis, permitiram um acesso ao universo marítimo a todos os visitantes, incluindo aqueles com algum tipo de deficiência.

***ESTRAMBÓLICOS*, Somos Todos Diferentes**

Outros livros são explorados de forma mais específica, mais uma vez aproveitando os temas que abordam para o desenvolvimento de actividades pedagógicas.

¹ Bogotá, capital da Colômbia, América do Sul.



Neste livro com formato de *flap book*, em que as páginas estão divididas para serem combinadas entre si, uma série de seres fantásticos são descritos em textos de tom surrealista.

A partir deste livro foi criada uma oficina que trata de questões relacionadas com a aceitação da diferença e a compreensão do outro.

Pede-se à criança que participa na oficina que escolha um estrambólico ao acaso e que depois de ler o texto e observar a imagem pense e construa com materiais reutilizáveis uma casa ou um objecto para o seu estrambólico.

Para além de inúmeras bibliotecas e escolas, esta oficina já foi posta em prática na enfermaria infantil do hospital oncológico de Lisboa, onde recuperam crianças em tratamento a cancros variados.

Parceiros

O Pato Lógico apela à missão de serviço público de instituições como a Imprensa nacional – Casa da Moeda ou o parlamento português para as sensibilizar para a necessidade de colmatar falhas na produção de conteúdos para jovens no panorama editorial português.





Grandes Vidas Portuguesas

A colecção "Grandes Vidas Portuguesas" é uma colecção de biografias de personalidades portuguesas, publicada em parceria com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Contribui para a recuperação da memória colectiva de um país que nem sempre trata bem as figuras da sua história. Em particular as mulheres, ainda hoje vítimas de uma sociedade sexista.

Um dos objetivos desta colecção passa exactamente por relembrar a importância da memória para a formação dos jovens. Porque só conhecendo a história de um país podemos colaborar para o melhorar.

Assembleia da República

Preparação de uma colecção dedicada ao Estado português, que visa a aproximação dos jovens à política através do conhecimento das estruturas do Estado.

Como se faz uma lei; o que é o parlamento; como funcionam as eleições; a história do voto, são alguns dos temas a trabalhar nesta colecção, que deverá contribuir para a educação cívica dos jovens portugueses, nomeadamente através do conhecimento dos seus direitos, podendo eles próprios cooperar com uma sociedade mais inclusiva e respeitadora de todos os cidadãos.



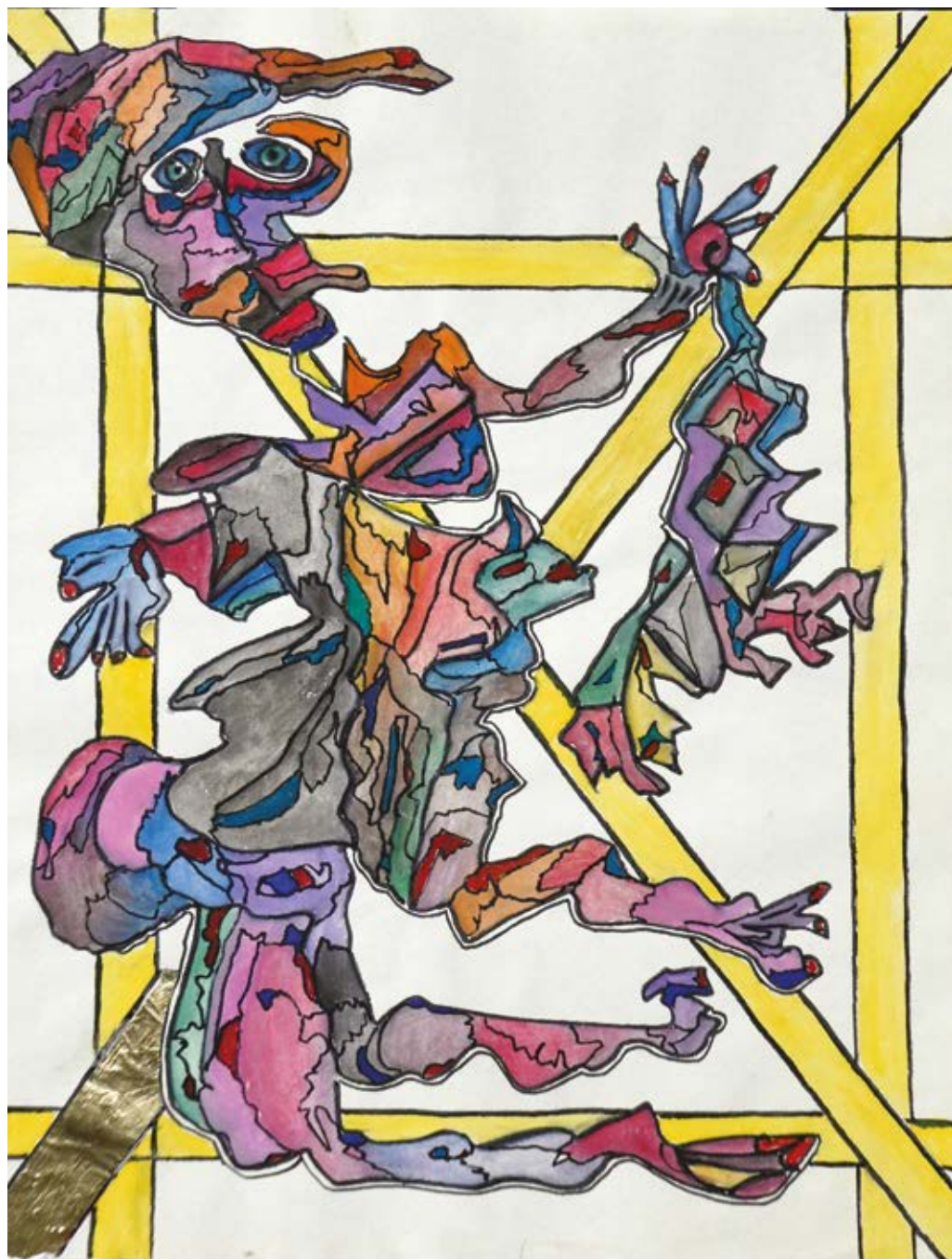
Missão

O Pato Lógico tem um papel social. Não é apenas um projecto comercial.

Nas actividades do serviço educativo do Pato Lógico, a descoberta destes objectos artísticos, vistos como espelhos do mundo, é feita sem certezas, excluindo dogmas, estimulando a curiosidade, criando dúvidas e interrogações, apelando à aceitação da diferença e ao conhecimento do outro.



Porque o saber absoluto é exclusivo e opressivo, o contacto com os jovens que trabalham com o Pato Lógico faz-se pela interrogação, pelo questionamento, pelo desafio ao autoconhecimento como condição prévia para o acesso à dignidade e responsabilização do ser humano.



O leitor amedrontado.

de Henrique Castanheira

Lápis e colagem sobre papel | 36 x 28 cm | 2020



O SOM DAS PALAVRAS

DANIEL COMPLETO

Não pude deixar de aceder ao convite da UCCLA para vos falar um pouco dos audiolivros que tenho publicado através da editora Canto das Cores e dos encontros que tenho desenvolvido em diversas escolas por todo o país.

Unindo a música com as palavras, os livros, as canções, a poesia e a vida andam misturados, pelo menos comigo. Com eles procuro levar algo de positivo, do ponto de vista lúdico, musical e literário, mesmo àqueles que ainda não sabem ler.

Na minha opinião, é justamente nessa altura que se começam a formar os grandes leitores. Os meninos do jardim-escola, para quem os audiolivros não são ainda uma obrigação, amam-nos mais que ninguém, crescem desmedidamente com eles. Mas precisam de um mediador, que pode ser um familiar mas, em geral, é uma educadora infantil, pois os pais frequentemente não têm tempo, preparação ou disposição para desempenharem tal papel.

E nós, autores que nos dedicamos aos mais novos, precisamos igualmente do mesmo mediador. Por isso insisto em afirmar que eu e os professores formamos uma equipa, no sentido literal da palavra.

Aposto nessa cumplicidade que nos une e que faz com que as crianças se liguem aos audiolivros, podendo desfrutar de todas as vantagens dessa entrega: a aprendizagem, o desenvolvimento da imaginação, da competência linguística, do espírito crítico, da fruição estética, afetiva e lúdica.

Mas o que noto por vezes é que, no seu empenho em ligar as crianças ao mundo dos audiolivros, acabam por convidar músicos como eu para sessões de apresentação de lengalengas e de outra temáticas, cuja música, mais que o texto, os pode encantar.

Eu sou músico. Fui professor de música. Trabalhei durante 15 anos com um grupo de música tradicional portuguesa, a “Ronda dos Quatro Caminhos”. Com esse grupo corri mundos.

Depois mudei-me com guitarra e bagagens para a música destinada a um público infantojuvenil.

Unindo a música com as palavras, no ano de 2010 realizei uma parceria com a escritora Luísa Ducla Soares, lançando o audiolivro *Brincar com as Palavras*, em que compus e interpretei doze dos melhores poemas da vasta obra de Luísa Ducla Soares, valorizando nas letras o aspeto lúdico e brincalhão, como demonstram os poemas “Abecedário sem Juízo”, “A Menina Feia”, “Na Máquina do Tempo”, entre outros. Durante 10 anos consecutivos realizámos 10 audiolivros, em parceria, sobre várias temáticas.

Mais tarde, juntei-me a outros escritores desta área, o José Fanha, o José Jorge Letria, o António Mota, a Isabel Alçada, a Ana Maria Magalhães e outros mais virão.

Fiz mais de duzentas canções em projetos que as juntaram em livros/discos que tenho levado aos meninos nas escolas por todo o país, bem como aos auditórios de muitas Câmaras Municipais. Serão talvez mais de uma centena de sessões por ano.

Recordo-me que, na minha juventude, não havia o hábito nem se sentia a necessidade de levar os autores às escolas. Estes escreviam nas suas torres de marfim, no café da esquina ou onde bem lhes apetecesse, publicavam os livros, mantendo-se distantes dos leitores. Estavam envoltos numa aura de distância e secretismo que fazia deles uma espécie de monstros sagrados. Os seus textos apareciam nos compêndios de língua portuguesa. Raras e poucas eram as bibliotecas escolares e trágicas se revelavam as estatísticas da leitura no seio das famílias portuguesas e, conseqüentemente, das crianças. Muitas destas nada liam, muitas outras se limitavam a consumir histórias aos quadrinhos ou publicações traduzidas sem o mínimo de qualidade que se vendiam nos quiosques.

Desapareceu, ou quase, a educação artística e, em particular, a educação musical.

A Música é olhada como distração, entretenimento, consumo e não como meio fundamental de crescimento, de desenvolvimento intelectual, físico e ético.

Na Noruega, todas as escolas têm uma banda em que, além dos meninos, os pais são convidados a participar tocando um instrumento. Tornam-se assim, também, em meios de consolidação da vivência familiar.

Nas nossas escolas, o processo de ensino está centrado nos sistemas de aprendizagem e na avaliação da sua suposta eficácia.

O afeto e a emoção estão, na maior parte dos casos, fora dos objetivos fundamentais dessa aprendizagem.

Se hoje, já bem entrado o século XXI, o panorama se alterou e numerosíssimos são os professores que tomam a iniciativa de convidar autores, nem sempre tal significa que estejam preparados para criar um ambiente favorável à leitura.

O Plano Nacional de Leitura, alvo embora de algumas críticas pontuais, tem tido o mérito de chamar a atenção para a necessidade de ler, oferecendo aos docentes e outros educadores conselhos e listagens de obras elaboradas de acordo com os níveis dos alunos. Com uma ampla panóplia de títulos, não será possível, mesmo a um professor muito ignorante, dar a desculpa de que não sabe o que escolher.

Convidar escritores, ilustradores e músicos para irem às escolas / às bibliotecas

Os encontros de alunos com os autores, que são já uma prática muito frequente em escolas e bibliotecas, podem ter um efeito muito positivo na aquisição ou consolidação do gosto pela leitura, pela ilustração ou mesmo pela música. No entanto, para se conseguir esse efeito, é indispensável que todos os alunos participantes tenham lido pelo menos uma obra do autor a convidar, tenham apreciado o que leram e desejem um contacto pessoal porque a leitura lhes suscitou curiosidade. Para assegurar esta condição, é aconselhável que o convidado seja autor de uma das obras trabalhadas.

Os convites proveitosos, para além de estimularem a prática e o gosto pela leitura e pela música, podem desencadear uma multiplicidade de atividades por parte dos alunos, tais como:

1 – Leitura ou declamação expressiva de poemas.

2 – A poesia pode passar a letra de canção, canção ao estilo popular, erudito ou ganhando contornos de modernidade, como a sua transformação em *rap*, que está agora muito em voga, principalmente quando existem alunos de origem africana. Sob este aspecto, gostaria de frisar o alcance que tem a ligação entre a literatura infantil e as vivências culturais do meio em que os jovens se inserem.

Em casos pontuais, as canções assim originadas poderão dar lugar a espetáculos musicais, a registos em CD, que acompanham os livros.

3 – A entrevista, que pode assumir características quase jornalísticas ou de bisbilhotice, indagando curiosidades.

Assistimos atualmente a uma preparação de questões e, geralmente, as crianças trazem-nas escritas, havendo por vezes, uma ordem, por fila, por ano, etc. Se há

perguntas pertinentes, originais, reveladoras de espíritos bem despertos, muitas vezes, no entanto, são decepcionantes.

4 – Dramatização de histórias, fazendo as crianças encarnar as personagens no sentido literal do termo e viver a narrativa. Esta atividade permite o desenvolvimento de múltiplas capacidades de expressão que se manifestam no teatro, desde a plástica, com pintura de cenários, pinturas faciais, aos trabalhos manuais e oficinais na feitura de adereços e guarda-roupa, à utilização da música, da dança. É uma atividade de equipa com todas as vantagens de interação e partilha que pressupõe.

5 – A ilustração. O gosto muito generalizado pelo desenho, pela pintura, pode ser explorado, permitindo que as crianças desenhem em folhas convencionais ou em grandes cartolinas destinadas a afixação em locais públicos onde o seu trabalho será apreciado. Muitas sonham também vir a ser ilustradoras ou terem outra atividade futura ligada às artes plásticas.

6 – Exposições de trabalhos diversos, alguns muito originais. São inúmeros os trabalhos que as crianças, por sua livre iniciativa ou sugestão dos professores, fazem a propósito de uma canção que ouviram em conjunto.

7 – As sessões de autógrafos. Nunca falham nestes encontros. Para as crianças é importante levarem uma recordação personalizada de um autor e comecem a considerar os livros como objetos de certo modo preciosos, a que se mantêm ligadas, por vezes para toda a vida.

8 – Correspondência posterior com o autor. O encontro pode prolongar-se com correspondência postal ou electrónica com o autor, que para tal vulgarmente se disponibiliza. Já tenho colaborado com alunos, fazendo com eles algumas canções.

É essencial que a dinâmica proporcionada pelos encontros com autores se não perca por significar, para o professor, o cumprimento de um objetivo que em si mesmo se esgota, e seja aproveitada para manter acesa a chama do amor aos livros e às canções.

Para terminar, gostaria de referir que é graças aos professores, educadores e às crianças que venho, cada vez mais, a musicar poemas para esta faixa etária.

É no jardim-escola que está a semente que se fará caule e ramo e flor e fruto. É lá que é primordialmente importante investir no gosto pela música e pela literatura. Talvez não haja hoje, para mim, nada mais gratificante do que andar de mão dada com as crianças e com os audiolivros.

Devo dizer-vos que é uma alegria quando ouço os meninos a cantar as minhas canções antes das minhas atuações e percebo que o meu trabalho e o dos meus companheiros da escrita são usados por alguns professores como caminho para dar mais força à festa do crescimento dos nossos meninos.

Trago, trazemos, para estas canções preocupações de ordem ambiental, comportamental, ética e social. Mas sempre num ambiente de festa e alegria.

Assim, quero dizer que, não sendo já professor, sou uma pessoa a colaborar com o processo educativo a tempo inteiro, um professor fora do sistema mas capaz de fazer voar os meninos para muito longe.

Audiolivros realizados em parceria com Luísa Ducla Soares, José Fanha, José Jorge Letria, António Mota, Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães:

- . *Lendas e Romances*
- . *O Som das Lengalengas*
- . *O Jantar dos Animais*
- . *Brincar com as Palavras*
- . *Mão no Chão e Pé no Ar*
- . *Poemas e Canções
para todas as Ocasões*
- . *Ailé, Ailé... Zeca cantado e contado*
- . *Cartas a Luísa Ducla Soares*
- . *O Eco da Ecologia*
- . *O Som das Palavras*
- . *O Baile do Bê-á-bá*
- . *Dos Pés à Cabeça*
- . *Quem dá Asas às Palavras*
- . *Alcobaça – Terra do Amor*
- . *Três Amigos muito Divertidos*
- . *Uma Vida de Papel*
- . *Quem não Trabuca não Manduca*
- . *Barcelos – Galarotes Diabinhos
Cabeçudos e Apitos*
- . *Entre Estrelas e Estrelinhas*
- . *Reis Rainhas Príncipes e Princesas*
- . *Casa de Palavras*
- . *Cantos e Contos Tradicionais*

2º TEMA

A LITERATURA INFANTOJUVENIL, LUGAR DO AFETO E DA EMOÇÃO

1. CREMILDA DE LIMA
**O mundo fantástico das histórias infantis...
um...dois...três...pliiim!!!!**
2. JOSÉ FANHA
**Literatura infanto-juvenil, lugar de afecto,
emoção e viagem**
3. SÍLVIA ALVES
Pequenas ilhas, grandes mundos
4. TERESA DUARTE REIS
Olhos que falam, sorriso que abraça
5. KÁTIA CASIMIRO
Contos tradicionais infantis – a sua importância
6. OLINDA BEJA
Sem pressa de viver – 1, 2, 3, era uma vez...



IX ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Conferencistas do 2º tema
A LITERATURA INFANTOJUVENIL,
LUGAR DO AFETO E DA EMOÇÃO**

EM CIMA:

*Da esquerda para a direita,
Cremilda de Lima, José Fanha, Silvia Alves*

EM BAIXO:

*Da esquerda para a direita,
Teresa Duarte Reis, Kátia Casimiro, Olinda Beja*



O MUNDO FANTÁSTICO DAS HISTÓRIAS INFANTIS... UM...DOIS...TRÊS...PLIIIM!!!

CREMILDA LIMA

*“Imaginar é mais importante que saber, pois
o conhecimento é limitado enquanto a
Imaginação abraça o Universo”*
Albert Einstein

Tema bastante aliciante na medida em que somente o mundo da imaginação e da criatividade nos permite abstrair do quotidiano e viajar... conhecer... entrar no mundo do sonho e da fantasia...

Quando de repente...um...dois...três... pliiim!!!!

Com a varinha de condão, *calubungo!*¹ a brilhar e o pensamento a fervilhar... as histórias vão surgindo, as crianças, curiosas, mostram-se ansiosas por escutar o narrador ou folhear os livros...

Quando me propus abordar este tema, surgiu-me a ideia de um jango² numa sanzala³ ou um kimbo⁴, cheio de crianças, e um soba, o soba mágico das histórias, todos sentados à volta da fogueira, a ouvir os provérbios, as adivinhas, as histórias, as canções... As crianças a sentir o despertar da imaginação e criatividade...

Do tema apresentado por Maria Eugénia Neto ao Colóquio sobre Literatura Infantil, “Deve-se escrever para crianças empregando o maravilhoso?”, extraí o seguinte:

¹ Calubungo – O som de uma varinha de condão quando faz uma magia.

² Jango – Espaço comunitário, uma construção leve em regra circular e sem paredes, com telhado de colmo.

³ Sanzala – Conjunto, ou aglomerado de kimbos ou cubatas.

⁴ Kimbo – Termo originário do dialecto luxaze, pertencente à família das línguas bantu. Trata-se em regra de pequenas habitações de paredes de argila e estrutura de paus atados por lianas, com cobertura de capim “penteado”. Também conhecido por cubata ou kubata.

“...o maravilhoso deve ser inserido na vida das crianças, em toda a expressão de arte dedicada para ela. A criança e mesmo o adulto, têm necessidade de sonhar, de idealizar. A criança no seu mundo de liberdade, de possibilidades, do tudo possível, está apta a conceber. E mesmo sem conhecer os caminhos, ela procura-os e tudo acha possível. Um exemplo de como a criança está apta a todas as possibilidades é o desenho. Quantas vezes ao desenhar uma casa ela põe alguém sentado dentro da mesma, sem parede. A parede não foi necessária...”.

O que é um conto fantástico?

Conto fantástico é uma narrativa cheia de emoções “de outro mundo”, ou seja, uma dissertação que está além da realidade, é o surrealismo, e deixa a imaginação realizar os efeitos mais especiais e sentidos mais absurdos, ou para lá da ficção.

Segundo o filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov:

“Há um fenómeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas de tipo natural e sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico.”

Características da literatura fantástica:

No género fantástico, os textos são pautados por uma realidade não lógica. Ou seja, a narrativa desenrola-se num mundo irreal ou universo onírico, marcado pelo absurdo, pela inverosimilhança e por situações extraordinárias.

As principais características dos contos fantásticos são:

- Narrativa concisa a partir de temas livres fantásticos, os quais aliam o fantástico e o real ou ficção à realidade, surgindo da oposição entre dois planos: real e irreal.
- Presença de alegorias e de personagens que podem ser: monstros, fantasmas, seres invisíveis, mágicos, mitológicos ou folclóricos, dentre outros.
- Realidade ilógica distante da realidade humana, composta de elementos maravilhosos, inverosímeis, imaginários, extraordinários, bem como a presença de magias e poderes sobrenaturais.
- Enredo não linear ou ziguezagueante (mescla de presente, passado e futuro), com utilização de recursos como o *flashback* (voltar ao passado) e o tempo psicológico (tempo das emoções e das recordações vividas pelas personagens).
- Provocam sensações de “estranhamento” no leitor, por meio da ruptura realidade-ficção.

Do livro *A quinta dos girassóis*⁵, retirei a seguinte passagem:

⁵ Cremilda de Lima, *A quinta dos girassóis*, 2016, Plural Editores, Luanda.

“...No dia seguinte, o jango estava cheio de crianças ansiosas que chegasse o grupo. Os encontros passaram a ser aos sábados, dia em que não tinham aulas. Com a imaginação criadora de Tchileza e a habilidade para o desenho de Vissolela, traziam sempre novidades. Desta vez tinham feito um cartaz muito bonito com o nome do seu grupo e podia ler-se: GIRASSÓIS. (p. 39)

O entusiasmo e as ideias foram tantas que todos juntos deram o nome de JANGO DA ALEGRIA ao espaço fantástico onde muitos sonhos se tornam alegres e coloridos... Fizeram um cartaz que colocaram na entrada, entre duas árvores.

Em homenagem à árvore mais antiga da região onde os mais velhos contavam histórias às crianças e jovens, à volta da fogueira, e onde se resolviam, com a presença do soba⁶ ou seculo⁷, as makas⁸ que aconteciam no kimbo e que ficava mesmo dentro do jango os meninos da Chibia deram ao seu grupo o nome de ÁRVORE MÁGICA.

“...O grupo ÁRVORE MÁGICA conseguiu convencer dois kotas⁹ a participarem do cantinho do conto e da leitura. Eles eram conhecidos pelo seu jeito de contar histórias. Além de as contarem, cantavam e tinham uma capacidade para transformar as histórias, acrescentando sempre coisas novas, eram alegres e os seus contos eram da terra, o que ainda agradava mais às crianças.

Eram realmente momentos culturais, pois, através da oralidade, os ensinamentos eram transmitidos, não só através dos contos mas também através de provérbios.

Eram momentos mágicos na árvore mágica, pois estava a pôr-se em prática, a recordar e a dar valor à oralidade, que era, nos primórdios da nossa História, a forma como os mais velhos transmitiam os valores às crianças, jovens, enfim... a todas as pessoas à volta da fogueira.” (p. 45)

Citando Octaviano Correia, na apresentação do livro *A quinta dos girassóis*, no Centro Cultural Português, em Luanda: “...Lutuúma tem um amigo, o Kiari, e são estes dois amigos que, juntos, vão descobrir a magia dos girassóis vivendo aventuras extraordinárias e... um bocadinho malucas num campo de girassóis...”

“Mas...pois é, nestas coisas de estórias há sempre um mas, mas, desta vez, não é um “mas” de dúvida. É um “mas” cheio de fantasia...é que o livro de Cremilda fala da tal magia que, já disse, têm os girassóis. Magia que faz sonhar...ou terá sido mesmo realidade?... que faz sonhar dois amigos, o Lutuúma e o Kiari que, imaginem, resolvem

⁶ Soba – Autoridade regional tradicional de Angola, chefe ou representante de uma região ou tribo.

⁷ Seculo, ou sekulu – Um mais-velho que faz parte do grupo dos conselheiros do soba.

⁸ Maka – Diferendo.

⁹ Kota – Pessoa de idade.

subir a um pé de girassol – qual é admiração, senhores adultos? – nisto das histórias para crianças tudo pode acontecer, até um pé de girassol pode aguentar, sem se partir, com uma criança lá em cima... e fazê-la viver, como aconteceu a estes dois amigos, aventuras nunca antes sonhadas.

Ah! Já me esquecia de uma coisa, ou melhor, de uma personagem muito importante do livro, o Soba Mágico dos Campos, um soba tão mágico que até é capaz de voar e que tem uma cabacinha cheia de uns pozinhos mágicos que servem para... ora essa, para que servem os pozinhos mágicos?...”

Cito agora Dario de Melo em *Vou contar*, um livro com cinco histórias das quais seleccionei um extracto do conto “O velho das quatro tranças”:

“Quatro tranças no cabelo, são as tranças que ele tem. Cada trança tem um nome. E cada nome um segredo que ele não diz a ninguém”. (p. 31)

Instigado pelo rei que o prendeu ele acabou desvendando o segredo...

Todos escutavam... e se perguntavam... Mas que velho é este que até tem segredos nas tranças... será feiticeiro ou kimbandeiro¹⁰? E o kota foi revelando...

– A trança do lado esquerdo chama-se: “não digas tudo aos amigos”; Esta aqui, do outro lado, tem um nome: “filho do teu amigo, não é o teu próprio filho”; À minha trança de trás chamei eu – “o velho do outro, também é teu velho”; E, por último, a trança que tenho à frente, é esta: a do “rei que não usa de justiça”. Só isto.” (p. 32)

Valores... sentenças a serem proferidas da boca dos mais velhos partindo da sua sabedoria ancestral... inculcando nos mais novos os valores através de histórias.

Em “A grande aposta de Nkuvu, a tartaruga”¹¹, Octaviano Correia parte de um provérbio cabinda para dar corpo à sua história.

“Nkuvu uié kangi

Nzau i litela (mu muana)”

“A tartaruga amarrou

O elefante e a baleia (para lutarem)”

“Contam os mais velhos de Cabinda, nesse bocadinho da nossa terra onde há grandes florestas de árvores tão velhas que nem os mais velhos sabem a sua idade, que há muitos anos a baleia e o elefante eram inimigos da tartaruga... Carregando a sua grande e pesada mala, Nkuvu, a tartaruga de velha casca enrugada, corria mundo fazendo seus negócios. Não havia planície nem montanha, rio ou mar, ilha ou ilhota que não tivesse já recebido a sua visita. Não havia ventos nem tempestades que detivessem a sua marcha.”

¹⁰ Kimbando, kimbandeiro – Curandeiro tradicional em Angola, a quem se atribui certos poderes de adivinhação.

¹¹ Conto do livro *O esquil de cauda fofinha e o dendém apetitoso*, de Octaviano Correia.

E as crianças perguntavam-se, imaginando, como conseguia a tartaruga realizar tal façanha...Conversa animada com o escritor que, perante tantas interrogações,...ia contando... contando... recebendo opiniões, qual delas a mais interessante... *“É que a tartaruga tem a vantagem de transportar a casa por onde ande...quando está cansada fecha a porta e as janelas e dorme regalada; se chove, entra em casa, instala-se na sala e nem uma gota de água a aborrece; quando o sol aperta ou bicharoco atrevido incomoda recolhe-se e acabou-se.”* (pp. 41 e 42) E...a criança entra sem pedir licença e já está instalada na casa da tartaruga...A personagem que competia com a tartaruga Nkuvu era o elefante Nzau, que também tinha os seus negócios mas tudo era muito complicado para ele pois só podia fazer os seus negócios em terra...

Outra personagem entra na história...a baleia Litela, que só podia fazer os seus negócios na água e quando chegava a uma ilha perdida, banco de areia ou de coral, as anémonas, as focas...lhe diziam que Nkuvu a tartaruga já tinha passado por ali...

Como terminará isto, questionavam-se as crianças, imaginando mil desfechos.

Na praia das areias douradas aconteceu o inesperado...apenas com uma corda... de um lado, Litela, a baleia, puxava, do outro, Nzau, o elefante, puxava ...até que a corda rebentou. Nkuvu, a tartaruga com a sua esperteza, venceu os mais fortes...

Interiorizar é sentir dentro de nós, da nossa imaginação, como as histórias interferem nas nossas vidas...

Fechar os olhos no silêncio é ver a luta destes corpulentos animais e olhar a tartaruga Nkuvu a demonstrar ...

De Óscar Ribas, *Missosso I*, (p. 48): *“Quanto à astúcia, salientamos o macaco, a tartaruga, o coelho e a sexa². E pelas suas partidas, esta verdade se impõe; o ardil sobreleva a força. Daí o adágio: «O que as mãos não podem pode a astúcia...”*

Nos contos de fantasia, entram os mais variados figurantes: homens, animais sereias e monstros. Monstros de só metade do corpo, isto é, só com um olho, uma orelha, um braço, uma perna, etc. – camucala. Monstros de enorme cabeça, a qual, por decepamento, logo se reproduz, embora restritamente – diquíxi. Monstros com corpo de fera e pés humanos – qinzári. Os dois últimos, antropófagos. Também seres metamorfoseados ou encantados, mas estes assinalados com jimbambas¹³ na testa e fontes...”

O mundo fantástico das histórias infantis é um mundo do subconsciente, do

¹² Pequeno antílope africano, também conhecido como seixa.

¹³ Do quimbundo, ou kimbundo, pequeno búzio. Ver glossário para uma explicação mais detalhada.

qual fazem parte as lendas, os mitos, as tradições que passam de geração em geração e permanecem na consciência de cada um.

Do livro *A kianda*¹⁴ e *o barquinho de Fuxi*¹⁵, traduzido para kimbundu, *O kyanda ni kaulungu ka Fuxi*.

Dedicatória em Língua Portuguesa
Com todo o amor e carinho
Dedico esta história
A todas as crianças angolanas
Para que conheçam
As nossas tradições
As nossas raízes culturais

Dedicatória em Língua Kimbundu
Ni kizole Kyoso
nguibana musabhu yu
kwa anandengue oso a Ngola
phala ni ejia
o jindanji já ifa
ni idifa yetu

“João chegou a casa eufórico com o seu barquinho de papel que aprendeu a fazer na escola. Com o coração aos pulos e a mente cheia de sonhos... encheu uma selha com água e... o avô foi olhando e ele fazendo ondas pequenas... grandes... muito grandes...

– Que grande calema!¹⁶ – disse-lhe o avô...

Espantado com o seu mundo encantado a entrar em acção...

Pliim!!!...Pliim!...Pliim...

Um dois três calubungo!...

O meu barquinho afundou!... quem é essa calema que estragou o meu barquinho, disse ele quase a chorar.

E o avô contou... encantou...

– Ah! Então a kianda fica assim tão zangada? E manda essas ondas tão altas? E... porquê?

É preciso cumprir a tradição... E para acalmar a kianda há um ritual que é preciso fazer...

Mas... Vamos ler o livro, meu neto... João sentado ao lado do avô na areia da praia olhando o mar foi entrando no mundo fantástico da história. À medida que o avô lia ele ia adormecendo embalado pelas ondas e quando de repente acordou contou ao avô todo maravilhado ...

¹⁴ Kianda – Divindade ou génio das águas, protectora dos pescadores.

¹⁵ Cremilda de Lima, *A kianda e o barquinho de Fuxi*, 2002, INALD.

¹⁶ Calema – Fenómeno natural da costa ocidental africana que ocorre periodicamente devido à influência da Lua, principalmente, sobre a Terra, caracterizado por grandes vagas de mar. A ondulação forma-se no alto-mar e a ressaca origina correntes muito fortes que, dirigindo-se para a costa, rebentam estrondosamente, provocando por vezes grandes estragos.

– *Nem imaginas o passeio que eu dei no mar e a kianda não estava zangada... apresentou-me um peixinho que não parava quieto um minuto... levou-me a ver grutas lá no fundo do mar... e agora ... de repente estou aqui ao pé de ti...*

– *Sonhar é entrar no mundo da imaginação e viver momentos mágicos como os que tu viveste no teu sonho... – disse-lhe o avô.*”

Parafraseando António Fonseca sobre *A kianda e o barquinho de Fuxi*, apresentado na Biblioteca Nacional de Angola, em Luanda: “... [Cremilda de Lima] *mantém em toda a sua obra uma preocupação permanente em recorrer ao imaginário que emerge das nossas tradições culturais, consagrando-o na contemporaneidade através de uma escrita simples, ao mesmo tempo que, com uma grande subtilidade no uso das ferramentas pedagógicas, procura levar à criança o reconhecimento das nossas tradições.*

De forma atractiva e clara, procura garantir que a identidade cultural angolana, nas suas diversas componentes, se perpetue.

Começando pelo título, Cremilda de Lima retoma a figura da Kianda, ou Génio do mar, ao mesmo tempo que retoma o nome de Fuxi, no correr da pena, [para] lembrar ou ensinar que muitos dos nomes angolanos têm a ver com as circunstâncias do nascimento da criança. Fuxi, diz-nos, é a criança nascida a seguir aos gingongos, ou seja, gémeos. E aqui a autora enriquece uma vez mais a língua portuguesa pela consagração de expressões ou termos originários do Kimbundu. Mais ousadamente diríamos, enriquece o imaginário adjacente à língua portuguesa.”

Maria João Chipalavela, em *A Viagem das Folhas do Caderno*, propõe-nos um conto tão simples mas que enche todo o nosso coração de ideias e nos leva a construir, no mundo fantástico das histórias, um caminho, aliás, várias propostas de caminhos, qual deles o mais fantástico...

“O caderno que era o mais bonito do armário salpicado de florinhas vivia triste só e abandonado pois a sua dona não lhe dava a mínima atenção... até que um dia...”.

Pliiim!...Pliiim!...Pliiim!...

Conta mamá, conta...o que aconteceu?

E a mamá contou...o papá contou...

Foram tantas as ideias que...todas juntas contribuíram para que as folhas fizessem uma grande viagem e fossem parar às mãos de uma menina que com grande habilidade as transformou...

Como a imaginação da crianças é tão fértil!...

Uma festa!... Uma boneca de papel cheia de vestidinhos coloridos...

A história de O imbondeiro que queria ser árvore de Natal surgiu de ideias guardadas na gaveta das histórias... O imbondeiro vivia martelando os meus sentidos

e eu pensava e pensava ... afinal quem também vivia esse dilema era um imbondeiro que vivia na Quissama...

“Numa savana imensa, na região da Quissama, há muitos imbondeiros. Porém, de entre tantos, havia um que era um grande sonhador... Sonhava ser árvore de Natal.”

Queria destronar o pinheiro.

Como representante de África...queria quebrar a tradição de ser sempre o pinheiro...

E...com as palavras mágicas...

*Boque!...Maboque!*¹⁷...E o soba mágico da savana assim que pronunciou as palavras mágicas, as múcuas¹⁸ iluminaram o lugar com luzes de várias cores, o imbondeiro estava lindo, transformara-se numa maravilhosa árvore de Natal.

E...nessa noite, uma verdadeira noite de Natal africana e, pela primeira vez, o pinheiro foi substituído pelo imbondeiro que, na savana iluminava, embelezava e aquecia o coração de todos os habitantes.

É este o mundo maravilhoso dos contos infantis!!!!

E...quando um dia pedi aos meus alunos que fechassem os olhos e pusessem a imaginação a funcionar...uma voz muito ténue se ouviu...uma preocupação se apresentou... já fechei os olhos...já pensei e não sei imaginar...

Olha para mim e pensa na mamã...Pensa nela, em momentos em que tu conversas com ela, falas-lhe de como foi o passeio no parque...a ida à praia...o teu dia na escola...

Estamos eu e tu a conversar sobre a mamã mas ela não está aqui...não é isso?

Então, agora fecha os olhos e imagina que dentro da tua cabecinha tu estás a “ver” novamente aqueles momentos que passaste com ela...

Agora abre os olhos e diz-me o que viste! Dentro da tua cabeça ...claro!...E fomos conversando...motivando...aos poucos...as histórias...acontecendo...

O mundo da imaginação é que nos faz inventar histórias fantásticas...

É preciso incentivar as crianças a criar.

Só com a leitura de histórias, o conto e o reconto poderemos levá-las a isso, pois elas começam a criar as suas próprias personagens.

No dizer de Octaviano Correia, *“os livros são casas onde dormem os sonhos e, para acordar esses sonhos e vivê-los é muito fácil, é só abrir os livros e lê-los.”*

E...assim, vamos abrir mais uma casa onde dormem os sonhos...

¹⁷ Palavras mágicas.

¹⁸ Múcua – Fruto do imbondeiro.

Ombela – A estória das chuvas, uma história de Ondjaki

Vamos abrir a porta devagar...devagarinho para que não haja um dilúvio...

E...a estória começa assim...

“Dizem os mais-velhos que a chuva nasceu da lágrima de Ombela, uma deusa que estava triste.”

As crianças sentadas em esteiras escutavam com muita atenção. A hora do conto é sempre acolhida por elas com muita expectativa. Solta-se a imaginação e ela viaja por mundos de sonho e fantasia.

“Estou triste e vou chorar...mas para que as minhas lágrimas não matem os bichos nem as pessoas que vivem na Terra, vou deixar que tenham muito sal e que alimentem todo os mares.”

– E o que aconteceu?...

– Ombela chorou...chorou...durante muito tempo – disse o narrador.

– Já estou a imaginar...como as lágrimas tinham sal encheram ainda mais a água dos mares...

– E para os rios, lagos, lagoas...Ombela chorou lágrimas com açúcar?

– Claro que não!... – disseram quase todos ao mesmo tempo.

“O pai de Ombela pôs as suas mãos em concha e mostrou-lhe as flores, as árvores, os animais e tudo o que na Terra precisava de água doce. Com o seu dedo desenhou alguns rios. Depois inventou os lagos e as lagoas.

– Estes riscos que vês na Terra, e estes lugares que parecem buracos vazios, esperam lágrimas tuas.”

Com as lágrimas de Ombela, que já não estava triste, nasceram então os rios, lagos e lagoas...

Dizem os mais velhos que Ombela teve muitas filhas...E que todas sabem fazer chover.

Maravilhadas com esta história, as crianças e nós, os adultos, sentimos menos o peso da vida...

E...assim... vamos abrir mais uma casa onde dormem os sonhos...

A Águia, a Rola, as Galinhas e os 50 Lweis¹⁹.

Gabriela Antunes inicia este conto de forma muito peculiar...

Senão vejamos...

“Vocês que se levantam cedo, muito cedo, ouviram já o galo cantar. Mas que diz ele? Vocês não sabem, mas eu sei!

¹⁹ Lwei – a mais pequena unidade do kwanza, em moeda metálica, equivalente a 50 cêntimos.

Mesmo com a barriga cheia, as galinhas esgravatam sempre o chão. Sabem porquê? Vocês não sabem, mas eu sei!

E todas as aves esgravatam o chão nervosas e rapidamente, rápido e nervosamente. Sabem porquê? Vocês não sabem, mas eu sei!

Pronto, não vale pedir mais. Eu conto, conto.”

Nas cabecinhas de quem escutava... as perguntas... foram enchendo o saco das ideias... (Afiml qual a relação entre estas aves e a moeda mais pequenina, o lwei, o filhinho do kwanza?)

No ar estabeleceu-se logo a curiosidade, todos ansiosos por desvendar o segredo...

A águia era riquíssima. Da sua casa lá no alto via o seu gado a pastar. O pastor era a rola, sobrinho da águia.

A lua que vendeu metade do gado e comeu a outra metade... em paga entregou cinquenta lweis... mas a águia deu a moedinha à rola que a guardou entre os pés e quando chegou a casa... viu que não a tinha...

A águia, zangada, declarou guerra às aves do Cuanhama²⁰ até acharem o dinheiro.

É por isso que as aves andam sempre nervosas a esgravatar o chão à procura da moeda... e o galo, mal se levanta, lhes pergunta a cantar: *“Já acharam, já acharam o dinheiro?”*

Interessante este conto, que nos permite estar com as crianças de forma alegre e descontraída a sentir a nossa cultura por meio de provérbios...

E o mundo fantástico das histórias infantis é como uma caixa mágica que, quando se abre, de lá saltam personagens que nos libertam e nos tornam diferentes. O mundo fantástico das histórias infantis está no farfalhar das folhas das mulembeiras²¹, no chilrear dos passarinhos, no brilho dos pirilampos, enfim, nos morros da Maianga, onde os meninos fazem a dança das frutas e cantam as mais belas canções.

²⁰ Cuanhama – Região e município da província do Cunene, em Angola, onde vivem, predominantemente, os cuanhamas, grupo étnico pertencente ao povo ovambo.

²¹ Mulemba, ou mulembeira, ou figueira africana, é uma árvore de porte elevado, chegando a atingir 15-20m de altura. A copa é volumosa e muito ramificada, produzindo uma grande área de sombra muitas vezes utilizada pelos sobas ou outras autoridades tradicionais para as suas reuniões.

PEQUENO GLOSSÁRIO

Boque! Maboque! – Palavras mágicas.

Calema – Fenómeno natural da costa ocidental africana que ocorre periodicamente devido à influência da Lua, principalmente, sobre a Terra, caracterizado por grandes vagas de mar. A ondulação forma-se no alto-mar e a ressaca origina correntes muito fortes que, dirigindo-se para a costa, rebentam estrondosamente, provocando por vezes grandes estragos.

Calubungo – O som de uma varinha de condão quando faz uma magia.

Cuanhama – Região e município da província do Cunene, em Angola, onde vivem, predominantemente, os cuanhamas, grupo étnico pertencente ao povo ovambo.

Jango – Espaço comunitário, uma construção leve em regra circular e sem paredes, com telhado de colmo.

Jimbambas – De zimbo, njimbo ou lumache, um pequeno búzio do tamanho de um bago de café, utilizado como “moeda” em quase toda a costa ocidental africana em tempos pré-coloniais. Os zimbos apareciam em quase toda a costa angolana, mais os mais belos eram os da ilha de Luanda e os mais valiosos os cinzentos. Jimbambas também pode significar, além de pequenos búzios, bugigangas, entre outros.

Kianda – Divindade ou génio das águas, protectora dos pescadores.

Kimbanda, kimbandeiro – Curandeiro tradicional

em Angola, a quem se atribui certos poderes de adivinhação.

Kimbo – Termo originário do dialecto luxaze, pertencente à família das línguas bantu. Trata-se em regra de pequenas habitações de paredes de argila e estrutura de paus atados por lianas, com cobertura de capim “penteado”. Também conhecido por cubata ou kubata.

Kota – Pessoa de idade.

Lwei – A mais pequena unidade do kwanza, em moeda metálica, equivalente a 50 cêntimos.

Maka – Diferendo.

Múcua – Fruto do imbondeiro.

Mulemba, ou mulembeira, ou figueira africana – Arvore de grande porte, chegando a atingir 15-20m de altura. A copa é volumosa e muito ramificada, produzindo uma grande área de sombra muitas vezes utilizada pelos sobas ou outras autoridades tradicionais para as suas reuniões.

Sanzala – Conjunto, ou aglomerado, de kimbos ou cubatas.

Seculo, ou sekulu – Um mais-velho que faz parte do grupo dos conselheiros do soba.

Sexa – Pequeno antílope africano, também conhecido como seixa.

Soba – Autoridade regional tradicional de Angola, chefe ou representante de uma região ou tribo.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Gabriela. *A Águia, a Rola, as Galinhas e os 50 Lweis*. 1982, INALD, Luanda.
- CHIPALAVELA, Maria João. *A viagem das folhas do caderno*. 1ª coleção “11 Clássicos Infantis”, 2015, Programa de Fomento do Livro e da Leitura, Angola.
- CORREIA, Octaviano. *O esquilo de cauda fofinha e o dendém apetitoso*, 1980, INALD, Luanda.
- DIANA, Daniela. “Conto Fantástico”, 2014, em Toda Matéria¹.
- LIMA, Cremilda de. *A quinta dos girassóis*, 2016, Plural Editores, Luanda.
- LIMA, Cremilda de. *O imbondeiro que queria ser árvore de Natal*, 2012, INIC, Luanda.
- LIMA, Cremilda de. *A kianda e o barquinho de Fuxi*, 2002, INIC, Luanda.
- MELO, Dario. *Vou contar*, 1988, UEA, Luanda.
- NETO, Maria Eugénia. “Deve-se escrever para crianças empregando o maravilhoso?” no Colóquio sobre Literatura Infantil, 1986, INALD, Luanda.
- ONDJAKI. *Ombela – A estória das Chuvas* (obra vencedora do Prémio Caxinde do Conto Infantil, 2012), publicado em Portugal com o título *Ombela – A origem das Chuvas*.
- RIBAS, Óscar. *MISSOSSO I*, Edições Chá de Caxinde, 1961, Luanda.

¹ <https://www.todamateria.com.br/realismo-magico/>



O leitor de poesia,
de Henrique Castanheira
Aguarela e lápis sobre papel | 36 x 28 cm | 2020

A ARTE DE SER LEITOR

JOSÉ FANHA

“Conta-me uma história de amor, uma história oriental, uma bela história de amor, de ciúme, de sangue e de morte! Conta-me uma história, senão mato-te”
Amores feiçiceiros, Tahar Ben Jelloun¹

Numa entrevista a um jornal português² e perante aquela pergunta repetidamente inútil que é: “O senhor escreve para quê?”, o escritor espanhol Muñoz Molina respondeu que escrevia para saber como é que acabava a história.

Creio que todos nós lemos para saber como é que começou a primeira história e como é que irá acabar a última.

Sei, de experiência feita, que ler, contar histórias, partilhar leituras, é uma coisa muito mais séria do que possam pensar os menos atentos. Todos nós precisamos de arte para cumprir a nossa tão imperfeita humanidade. Precisamos de símbolos como de pão para a boca. Precisamos de mergulhar dentro do universo dos símbolos para encontrar um nome, uma história, um território a que possamos pertencer.

Todos pertencemos a uma família, uma rua, uma cidade, um clube, um país. E, se podemos considerar que o mito é o território da pertença, a narração será a forma de trabalhar simbolicamente essa pertença e de consolidar as raízes identitárias, ligando indissolúvelmente o individual ao colectivo.

¹ Ed. Cavalo de Ferro, Lisboa, 2005

² *Expresso*, 10.11.90

Segundo Alberto Manguel, “*Ler, quase tanto como respirar, é uma das nossas funções vitais*”³. Não tenho dúvidas.

Ler, contar e partilhar histórias, além de constituir um grande espaço de afecto, pode ser, em circunstâncias extremas, uma questão de vida ou de morte, de morte ou de vida, como ainda nos lembra o escritor espanhol Jorge Semprún em *A escrita ou a vida*, ao narrar a experiência extrema da sobrevivência num campo de concentração nazi, lembrando-nos que “... *uma voz encostada a outra voz pode chegar para manter um ser humano em vida*”.

Tenho um caminho de vida, uma experiência vasta, diversa e ligada por diversos cordões umbilicais à escrita e às escritas, à leitura e à promoção da leitura.

Estou certo de que ler é porventura um dos actos primeiros do homem quando nasce. Mal abre os olhos, o homem lê. Talvez já leia até antes de os abrir. É claro que não lê Shakespeare ou Fernando Pessoa. Nem sequer lê o jornal desportivo.

A criança não sabe ler textos nem reconhece palavras ou letras. Mas lê, vocabulário, cheiros, temperaturas, cores, luzes, ambientes.

Ler, seja em que vocabulário for, faz parte do dia-a-dia de qualquer um de nós. Mesmo dos analfabetos. Mesmo dos que dizem que não gostam de ler.

Lemos as nuvens para saber se vai chover ou não. Lemos a cara do pai ou da mãe, da namorada, do professor, do director... Lemos a luz para tentar a hora do dia quando nos falta o relógio. Lemos os que viajam connosco no comboio, os que estão ao nosso lado na mesa do café. Lemos os olhos, os gestos, o corpo, os adornos, a roupa, a forma de caminhar.

A nossa cultura nasce da leitura e, em primeira ou última instância, nasce da palavra.

Sobre a Renitência à Literatura em Portugal

Os homens da modernidade do nosso país sempre apoiaram o pensamento, a ciência, o livro. Penso que sobretudo em D. João II e no Marquês de Pombal.

Para a preparação das viagens marítimas, D. João II contava com a colaboração dos grandes cartógrafos, matemáticos, astrónomos, médicos. Homens da ciência, homens do livro. O trabalho destes homens foi de tal maneira importante que se tornou nalguns casos em segredos de Estado. Divulgar esse precioso saber a algum país estrangeiro chegou a ser castigado com a pena de morte.

³ Manguel, Alberto. *Uma história da leitura* (1998:21).

A expulsão directa ou indirecta dos judeus de Portugal no reinado de Manuel e o terrível aparecimento da Inquisição tornaram-se simultaneamente na recusa de caminhar através do livro em direcção ao saber e à ciência moderna.

De que é que falamos quando falamos de Leitura

A aprendizagem da leitura é feita através de tecnologias pedagógico-didácticas por demais conhecidas, estudadas, problematizadas. Os figurinos dessa aprendizagem estão descritos e definidos.

Portugal foi talvez o último país da Europa a erradicar o analfabetismo. Em Abril de 74, 40% dos portugueses eram analfabetos, já para não falarmos das colónias deixadas à mercê do analfabetismo que era, por certo, uma das colunas do domínio colonial.

Hoje, em Portugal, já não há analfabetismo. Foi um dos frutos mais saborosos da democracia. Mas há ainda muita gente que não tem hábitos de leitura.

Saber ler é, no entanto, fundamental para construir isso a que se chama literacia. A capacidade de ler e interpretar leva-nos a integrar um texto escrito, construindo assim a cidadania para que as nossas sociedades apontam num tempo novo, democrático, feito de igualdade e progresso.

A Partilha da Leitura como Espaço Libertário

A leitura sempre foi um espaço libertário, um espaço de liberdade. O livro sempre foi perigoso para os universos concentracionários que fogem da liberdade de pensar que a palavra e o livro representam e solicitam.

Todas as ditaduras queimaram livros e perseguiram escritores.

À Descoberta do Outro

Gostaria de falar aqui de uma prisão chamada tempo presente. Todos nós, mais ou menos, vivemos aprisionados no presente.

Podemos ver hoje em dia que as mitologias se esfumaram no ar ou foram formatadas, as velhas histórias tornaram-se domesticadas, os avós vivem distantes do núcleo familiar e, em muitos casos, esqueceram o grande reportório que passava de boca em boca, de geração em geração, e construía as fábulas à sombra das quais as crianças cresciam.

Um tempo presente formatado e atomizado situa-nos num espaço sempre igual e, no entanto, profundamente solitário e alheio à diferença e à diversidade.

A leitura pode libertar-nos dessa prisão no presente e levar-nos atrás e à frente no

tempo e no espaço, até ao passado, ao futuro e a outros lugares ainda mais distantes. A leitura leva-nos ao outro. Conduz-nos à percepção de que o mundo é feito de pessoas diferentes, com práticas sociais diversas, ambições por vezes antagónicas.

Um barbeiro em *O outro pé da sereia*, de Mia Couto, diz que “É preciso esquecer para ter passado.” E é verdade. Não podemos recordar tudo. E há momentos, acontecimentos, dores que é bom esquecer para continuarmos a trazer um passado possível na algibeira. E eu acrescentaria que é preciso lembrar para ter futuro. E essa lembrança é a que nos é trazida pelos nossos mais velhos, pelas nossas vivências e pelo nosso mergulho na ficção.

No embalço dos livros eu já estive onde nunca fui. No tempo e no espaço. E através dessas leituras posso, porventura, ter conhecido lugares onde nunca fui e talvez nunca vá, lugares com as suas paisagens e os seus seres humanos, mas que fico a conhecer de forma muito mais profunda do que se eventualmente lá tivesse estado de facto.

Conheci um pouco de Buenos Aires e do mundo do tango através de Jorge Luís Borges ou de *O cantor de tangos*, de Tomás Eloy Martínez. Atravessei a selva amazónica e senti a sua pulsação vegetal e o seu bafo animal através de *O velho que lia romances de amor*, de Luís Sepúlveda. Defrontei-me com comportamentos amorosos bem diferentes daqueles que tenho por padrão lendo os romances policiais do sueco Heinnig Mankell ou até do *best-seller* Stieg Larsson. E esta lista podia ser interminável.

Apesar de lá ter estado por breves dias, a Bahía de S. Salvador que recorro é a dos livros de Jorge Amado. Conheço bem a Rússia das *Almas Mortas*, de Gógol, os territórios do norte do México pelos livros de Carlos Fuentes e os estados do Sul dos EUA pelos contos de Carson McCullers, Eudora Welty e de Flannery O’Connors ou pelos romances de William Faulkner.

A leitura faz-nos tomar consciência da necessidade de olhar e reflectir sobre a diversidade da vida real. E leva-nos a entender a necessidade de dialogar com essa diversidade e de nos acrescentarmos com o usufruto dessa mesma diversidade.

A leitura abre o nosso peito à compreensão da existência do outro e da sua riqueza que só é riqueza porque é diferença.

A delinquência, por exemplo, será sempre a incapacidade de entender e respeitar o outro. Um estudo em Filadélfia mostrou que 85% dos jovens adolescentes apresentados a tribunal por delinquência não tinham nenhum hábito de leitura.

Durante um ano trabalhei em Centros Educativos do Ministério da Justiça onde estão encerrados meninos delinquentes dos 12 aos 17 anos. Conheci jovens assassinos, assaltantes, violadores... E do contacto com eles aprendi o que é estar-

-se refém do presente. Explico. O passado destes meninos é lama e miséria, crime que poucos quererão recordar, auto-imagem estilhaçada, ausência de laços afectivos. Eles não querem recordar o passado. O que poderiam recordar é tão negro que recusam a recordação. Querem esquecer.

Mas também não têm futuro. Nunca tiveram. Nunca foram capazes de elaborar o desejo e construir o sonho. Querem uns ténis. Puxam da faca e roubam-nos na hora à primeira pessoa que virem com “aqueles” ténis.

Estes meninos estão presos na prisão, no espaço da prisão. Mas estão presos também num tempo eternamente presente, na ausência de sonho, na ausência de tempo.

A leitura que eu lhes propunha na actividade que desenvolvia com eles, esse vício bom com que procurava “infectá-los”, abria-lhes a possibilidade de romper os muros que os encerravam no espaço e no tempo. Permitia-lhes pensar e pensar-se, para trás e para a frente. No passado e no futuro.

É claro que o nível de literacia era muito variado. Ia do analfabeto ao jovem a frequentar o 9º ano. A instituição fornecia-lhes professores, aulas, ensino.

Mas o sonho pouco crescerá nos manuais. Eu trabalhava do outro lado das palavras. Estes jovens precisavam de aprender a sonhar. Todos nós precisamos. E um dos caminhos que mais e melhor contribui para a capacidade de sonhar, de elaborar o desejo, de conviver com a ideia de alteridade é justamente a leitura, quer a prosa quer a poesia, quer ainda o teatro.

A alguns eu contava histórias. A outros sugeria livros. Andaram por ali *O Príncipezinho*, *As aventuras de Tom Sawyer*, o *Fernão Capelo Gaivota*, *A gaivota e o gato que a ensinava a voar* (não por acaso a gaivota se tornou num símbolo do espaço de leitura), e muitos outros. Palavras de liberdade, de sonho, de integridade, palavras que abrem caminhos e fazem abrir o peito aos abraços.

A literatura pode levar-nos ao passado e ao futuro. Pode inclusivamente convidar-nos a espaços, tempos e universos pertencentes a outras cosmogonias que não as que regem o nosso quotidiano.

A literatura questiona-nos, leva-nos ao mais fundo de nós próprios, confronta-nos com o outro. E é esse a seu grande poder e a sua deslumbrante função.

A sociedade em que vivemos sofre em parte desta mesma condição. Vivemos num tempo de hamburguers, coisas de comer e deitar fora, coisas sem história nem memória, coisas sem raiz e, por isso mesmo, sem futuro.

A escrita e a leitura são o grande espaço do afecto, do tempo, do futuro.



Escrever a 4 mãos,
de Henrique Castanheira
Aquarela, lápis e colagem sobre papel | 36 x 28 cm | 2020

PEQUENAS ILHAS, GRANDES MUNDOS

SÍLVIA ALVES

É a primeira vez que venho a Cabo Verde.
Venho de Portugal, do Norte, onde nasci, de uma pequena cidade de origem romana, à qual regresssei há cinco anos, 30 anos depois de ter de lá saído.

A cidade é um vale. Como uma ilha rodeada de montes. E eu cresci a olhar os montes que a rodeavam e a imaginar o outro lado.

Cresci numa casa sem biblioteca e sem livros e apesar disso tornei-me leitora.

Segui as ciências e acabei nos livros, nas histórias e nas vidas de casas, muitas delas continuam a não ter biblioteca.

Mas agora existem muitas Bibliotecas no país e nas escolas. Os últimos anos têm sido de grande investimento na questão do livro e da leitura.

Há mais de 40 anos a vida era, em muitas coisas, muito diferente de hoje. Sobretudo para quem vivia no interior do país, numa pequena cidade. Agora as diferenças esbateram-se. Quanto mais não seja porque temos vias de comunicação e uma tecnologia que nos aproxima.

Mas, na verdade, na pequena escala, no crescimento das crianças, da família, no tamanho das casas, das ruas, do bairro, no tamanho dos dias, todos nos parecemos, todos os lugares se parecem.

E é no pequeno espaço que cabe a relação de cada um com o livro.

Tudo começa no tactear de pequenas mãos sobre um objecto que se vai

gradualmente transformar de forma e cor, imagem, palavra, história.

No alcance da palavra importa o que está perto. O olhar, o calor de um abraço, o som familiar da voz, os laços que o coração tece. A leitura começa muito cedo, na barriga da mãe, no colo. Nas mãos e na voz, no calor do abraço que devia sempre encerrar o dia.

A voz, as primeiras canções de embalo, o som das primeiras histórias, os cheiros dos lugares onde tudo acontece ficam pela vida fora junto de nós. Mesmo que não sejamos capazes de os ouvir, compreender ou dar importância.

Às vezes, só muito mais tarde reconhecemos na perda de alguém a dimensão dessa memória ao cruzar objectos, cheiros, fotografias, um pequeno desenho de infância. A infância é a nossa pequena ilha no meio do grande mundo. A pequena ilha que nos conforta.

Muitas memórias da minha infância vieram ter comigo quando escrevi a minha primeira história. Cheiros de terra, recordações de pessoas e coisas do campo, sabor de maçãs, lobos, ovelhas e pastores. O som do apito do comboio entretanto desaparecido.

A palavra está presente. Os livros abrem janelas para o grande mundo, antes de sermos capazes de abrir portas. Com eles aprendemos percursos antes dos pés se meterem ao caminho.

Só quando crescemos e saímos do nosso espaço descobrimos que o tamanho do mundo é tal que nos podemos perder e precisamos de mapas. Os livros são os melhores dos mapas.

O nosso trabalho enquanto escritores é apenas uma parte. A história é partilhada com o ilustrador. São dois autores em que um pode preceder o outro, que podem ter mais ou menos ligação durante o trabalho de escrita e ilustração. O livro é depois um trabalho delicado para que a convivência de um e de outro encante o leitor. Os livros, na infância, devem ser como a alimentação variada, o mais diversos possível. Diversidade versus critérios vários. Até descobrir que livros nos encantam.

E sempre que possível acompanhados de presença, de afecto e de exemplo. Dizer “lê” nunca será tão imperativo como a convivência diária com leitores.

Nos livros não há perigos porque tudo é uma relação de construção de pensamento. Entendemos o que somos capazes de entender à luz da nossa vivência e leituras. Por isso uma história é sempre diversa, na sua releitura e nos diferentes leitores que dela se apropriam.

Vivemos neste tempo o perigo de, no ritmo apressado dos dias, nos deixarmos substituir pelos objectos. Corremos o risco de que o telemóvel tome o lugar do pai

ou da mãe que conta uma história antes de dormir. Que o *youtube* tome o lugar da história dos avós, que passa o testemunho da família. Ou que entretém o olhar e a atenção da criança que come a sopa.

São os nossos desafios. Ter um mundo global nas suas oportunidades.

Ter um mundo especial nas suas particularidades.

Manter cada família é uma passagem de testemunho, de uma história, de histórias, de um gosto por ler.

Depois destes dias regressarei ao vale que é uma espécie de ilha. Num país pequeno, desigual, que se reinventa para poder proporcionar a todos um espaço de felicidade. Um país que vai descobrindo como os seus produtos, o seu sol, a sua paisagem trazem gente e modo de vida.

Mas temos de aprender a lidar com esta passagem de gente mantendo o nosso espaço. As nossas identidades. O nosso espaço de vivência e crescimento. Aprender a ser pequenos quando crescemos.

Ter todas as ferramentas nas nossas mãos. Ter o mundo nos nossos dedos mas a capacidade de o ler, de o julgar, de tomar decisões críticas.

As histórias absorvem os nossos medos. Transformam-nos.

Estamos aqui num encontro cuja razão de ser está na Língua que nos une. A possibilidade de falarmos uns com os outros, de nos lermos numa mesma língua, é privilégio que devemos acarinhar. E contribuir para que os livros possam circular. Fazer a mala e colocar um livro a par da escova de dentes. Um livro como compra para levar no regresso.

E vou terminar com um pedaço de história.

Em Outubro de 2003, nascia o meu segundo filho, e uma revista que criei e que coordenava, a "Bruxinha", mudava do semanário Notícias de Leiria, onde começara em 1999, como revista mensal, para outro semanário, o Região de Leiria. E durante doze anos a "Bruxinha" cresceu, viajou, houve livros sobre a sua história.

O tempo passou, os seus primeiros leitores cresceram, outros nasceram e a pequena "Bruxinha" que começou de papel mudou-se para um blogue onde, com o seu gato, continua a escrever histórias.

Todos os dias, o papel perscruta o horizonte em busca de nuvens ameaçadoras. Mas de muitas maneiras cuidamos desse misterioso ser, com cheiro e palavras, que vive e envelhece como todos nós.

A leitura é feita de pequenos passos. A Net deixa-nos espreitar para todo o lado, mas somos seres de uma página de cada vez. Somos algo entre tudo o que o nosso olhar abarca e o que os nossos dedos tocam.

Um leitor continuará a ser feito de muitos gestos e rotinas. De repetidos pequenos passos.

A "Bruxinha" que nasceu de papel mora agora num Blogue chamado "Sabe mais k(que) os teus Pais".

A "Bruxinha" resiste, convertendo a Net, as redes sociais no seu local, em caminho para chegar aos pequenos leitores.

Falo dela porque a podem encontrar.

Os pequenos livros e o projecto do Paulo Freixinho, fazer grelhas de palavras cruzadas para coexistirem com histórias e acordarem palavras adormecidas. São pequenas grelhas, pequenos passos. É de pequenos passos que se fazem grandes caminhadas.

Era uma vez um país longe, uma cidade pequena, uma rua estreita, uma casa grande. Há quem diga que parece uma casa assombrada! Há quem diga que em tempos antigos morava lá uma simpática família. Dizem-se muitas coisas sobre casas grandes e antigas, sobretudo em pequenas cidades onde as pessoas ainda falam umas com as outras. Mas a verdade é que nessa casa, nesse lugar-perdido-em-sabe-se-lá-onde-um-pouco-em-tudo-e-nada-parecido-com-o-lugar-onde-cada-um-de-vós-vive, acontecem coisas triviais, coisas estranhas, coisas diversas da vida das casas, sobretudo daquelas que ainda têm biblioteca.

Vivem nessa casa uma Bruxinha e um Gato que passam grande parte dos dias a descobrir e a arrumar com sagacidade palavras, mesmo as mais "escanifobéticas". Todas as palavras, mesmo as esquecidas, são precisas para os pensamentos de toda a gente. E para as histórias que a Bruxinha e o Gato escrevem para um blogue que fez grande furor entre os miúdos e mais graúdos, o "Sabe mais k(que) os teus Pais".

Agora trabalho com casas. Nem nós os escritores conseguimos pagar rendas de casas com histórias. Mas trabalhar com casas é trabalhar com pessoas e as pessoas são feitas de histórias.

E na mudança de mãos cada casa passa um testemunho do seu passado. E tenho escrito sobre pedaços das histórias das gentes que habitaram as casas. Como o último conto que escrevi, "A Casa do Sapateiro".

A casa existe. Numa rua esconsa e cheia de gatos. Uma rua na qual só existe uma pequena loja de um velho sapateiro. Falámos algumas vezes. Chama-se Manuel. É um homem de poucas palavras e, por vezes, respondia com perguntas às que lhe eram feitas. O trabalho escasseia, a rua não ajuda, o prédio onde tem a sua oficina quase cai e a idade, sobretudo a idade, impede-o de esperar mais que aquilo. Entretém as horas da reforma. Dá um resto de vida àquela casa. Quando não tem trabalho, lê.

Muitas vezes, ao passar, o vi através do vidro, absorto na leitura. Lê livros pesados de muitas páginas que apoia na banca onde, cada vez menos, trabalha. Lê para continuar a sua missão de ter um objectivo na vida.

Até aqui a história é verdadeira.

Depois continua com o que será...

Vai chegar um dia em que a porta não se abrirá, nem pela manhã, nem pela tarde, nem nos dias seguintes. O prédio há-de encontrar alguém que se encante pela varanda do lado poente. Começarão as obras. Deitarão paredes abaixo, levantarão andaimes e hão-de vir vigas novas e as cores, amarelas e quentes, regressarão à casa.

E depois o que eu gostaria que fosse...

Na pequena loja do sapateiro haveria de nascer uma livraria.

No último andar viveria o novo dono, também se chamaria Manuel, também gosta de livros e conta a cada hóspede que chega a história da casa e dos personagens que a habitam, saídos dos romances lidos por um sapateiro leitor. Avisa que podem encontrá-los pelo corredor, pelas escadas, no salão de chá ou a fazer compras na livraria. E a verdade é que os hóspedes os encontram. Sempre acompanhados por um livro, o seu livro. Entram e saem, sentam-se na mesa do salão de chá ou deambulam pela livraria, naturalmente, como hóspedes da casa, conversando sobre os livros de onde parece terem saído.

Ficar naquela casa é como atravessar uma porta mágica. Os sonhos ali são como romances, longos e cheios de aventuras. Ouvem-se conversas espantosas, conversas de espanto sobre um mundo que se aprecia sem o alterar. São assim as viagens.

Muito bem conseguido, dirão todos no regresso às suas vidas. “Parecem reais!”, “E quando falam connosco é como se tivessem acabado de sair de um livro”, “Falam como se pertencessem a outro tempo”.

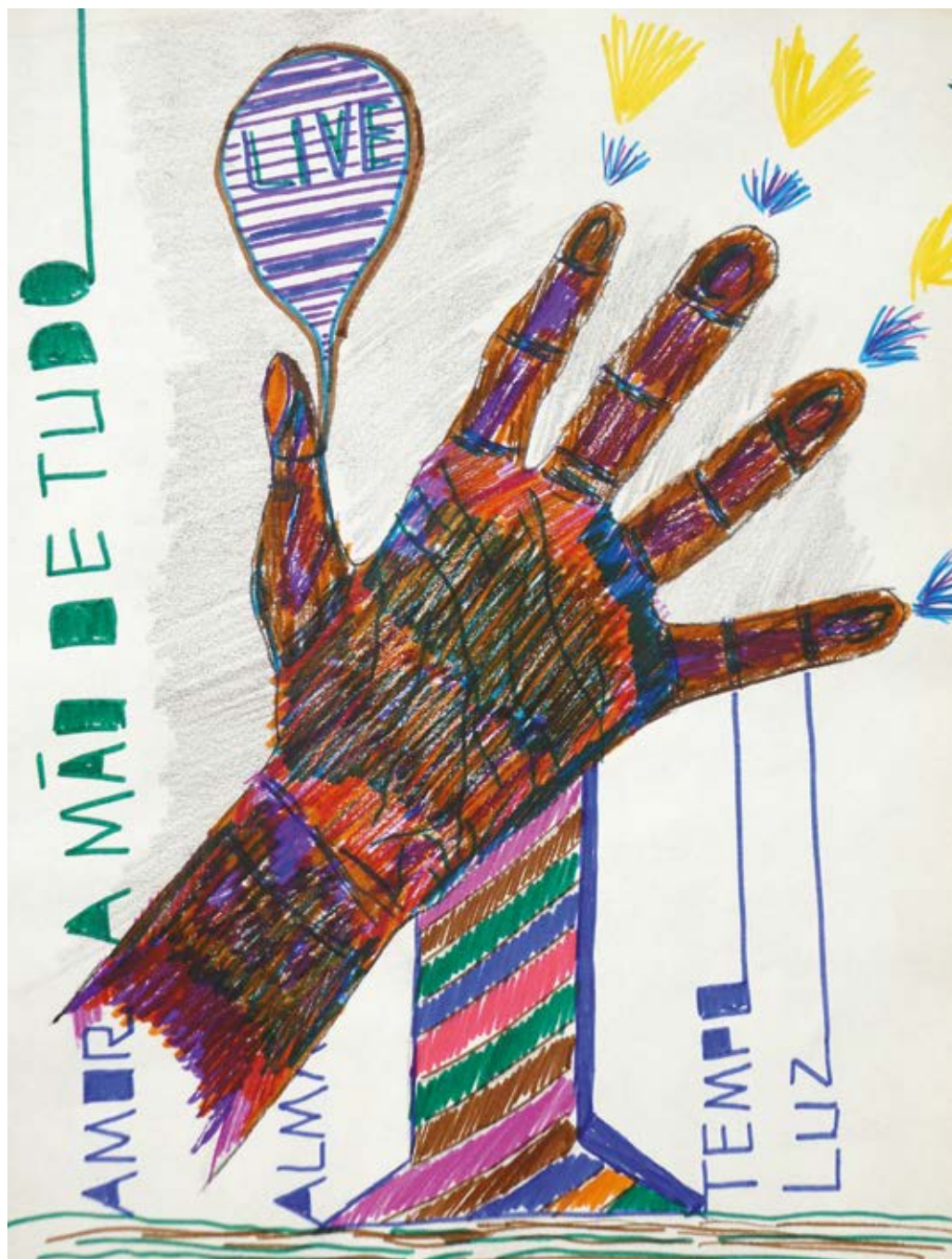
Todos os personagens moram ali há muito tempo, desde que o sapateiro começou a ler livros. Começaram a habitar a velha casa e continuam a habitar a nova. São reais e imaginados.

A história começou com um sapateiro que lia.

A minha tarefa é contar a história das casas para que elas encontrem os donos certos, ainda que improváveis, e permaneçam vivas nos novos tempos.

Era uma vez uma casa amarela com uma varanda virada a poente, numa rua onde agora, ao fim da tarde, pequenos leitores dão os primeiros passos.

Vão precisar de um sapateiro LEITOR.



A mão da escrita,
de Henrique Castanheira
Aquarela e lápis sobre papel | 36 x 28 cm | 2020



OLHOS QUE FALAM, SORRISO QUE ABRAÇA

TERESA REIS

Uma saudação calorosa a todos os intervenientes neste IX Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, ao Dr. Vítor Ramalho da UCCLA, ao Dr. Rui Lourido e Dr.^a Filomena Nascimento, com quem contactei, pelo trabalho que têm realizado em prol da Língua Portuguesa, e agora com este Encontro cujo tema versa, de um modo mais abrangente, a produção infantojuvenil.

Saúdo a Câmara Municipal da Praia e a Câmara Municipal da Covilhã, cidades geminadas desde 2009, pelo que trago alguns retalhos da história da minha cidade.

Estou Feliz! Mais um sonho a realizar-se: “Saborear” Cabo Verde, que me deixa com uma mão cheia de mar e de Céu, e poder aqui encontrar-me com outros autores no mesmo caminho: o do sonho, o da escrita e também e neste caso, o “dos afetos e emoções”.

Assim, repito, estou feliz, porque...

ODE DA SERRANA A CABO VERDE

*Venho da Serra, de urzes vestida
Visito Santiago de gente querida
Venho do coração de Portugal correndo
Trago doces e mel nas flores crescendo.*

*Venho da Serra, de mil cores vestida
Do alto dos montes, onde a água é vida
Venho do coração de Portugal correndo
Abadas de flores pelo caminho colhendo.*

*Venho dos montes das águas cantando
Sou como pastora de amores sonhando
Venho descobrir este céu tão lindo
Neste infinito mar de amores sorrindo*

*Em mil cores vejo este mar bordado
Com algas e espumas recordo o meu gado
À queda da noite as mornas cantando
Ao canto da sereia fico então sonhando.*

*Trago beijos e flores de Portugal, da Covilhã e da minha Serra
Recordo os amores que deixei na terra
Levo os perfumes do funcho e manjeriçã
Choro de amores que levo de Cabo Verde – da Praia, no coração.*

Sou Teresa Duarte Reis, nascida em Unhais da Serra, numa aldeia do Concelho da Covilhã, Portugal. A cidade da Covilhã é onde tenho vivido e estudado grande parte da minha vida e onde nasceram os meus filhos. Uma terra outrora cheia de lãs e de teares, com o cantar das águas que, quase magicamente, são as adequadas para a lavagem dos tecidos. Mas hoje, embora as lãs ainda marquem a história, a cidade mudou de rumo e vemo-la plena de estudantes com os livros no braço. A Universidade da Beira Interior ocupou os monstros adormecidos das fábricas e encheu-as de gargalhadas, livros e altos saberes académicos.

“Olhos que falam e sorriso que abraça”, o tema da minha comunicação, foi o que senti crescendo no colo da Serra da Estrela, numa aldeia fabril em que o som dos teares e o cheiro das lãs era constante e em que eu acordava com o cantar das ribeiras. Até o sino marcava o ritmo da vida religiosa ou fabril, numa família numerosa, com as histórias das avós ao serão, os cantares dos meus Pais, as rezas, experiências e exigências paternais que me tornaram na pessoa que sou hoje.

Mas os “olhos que falam e sorriso que abraça” prolongam-se no meu abraço de Mãe, em que a alegria e o riso, a partilha doce das nossas ternuras se multiplicaram,

mesmo nos momentos em que o choro deles se misturava com o meu...

E também se prolongaram como Professora, ao encontro dos olhares ansiosos dos meus alunos que sorriam quando o saber estava em descoberta...

Os “olhos que falam e sorriso que abraça” continuaram com as netas que me pediam: *avó, conta uma história das tuas, mas das tuas inventadas...* Daí, cresceram as minhas histórias.

É esta a simbologia do meu escrever, o meu “apego” aos sorrisos das crianças e aos mistérios que desvendo nos seus olhares, em que a musicalidade das palavras nos aproxima. Uso muito os diálogos e a poesia, para tornar mais musicais todas as minhas histórias infantojuvenis.

Assim, o meu destaque podia ir para os meus livros de Duendes, com música de Hugo Santos e ilustração de Cristóvão de Matos, em que os segredos da natureza se vão descobrindo, ou para a minha Janela que também “espreita” Cabo Verde com a *Festa da Chuva* e vai ao encontro de outras culturas e etnias que eu pretendo desmistificar, ou ainda para os meus contos do eterno “Era uma Vez...”

Mas destaco o calor da minha cidade, que trago no coração, e quero levantar o véu da sua história, contada por estudantes, com apoio dos Professores, tendo no centro Maria Covilhã, a Fiandeira, a personagem principal, a alma desta narrativa que enriquece o conto pelo seu amor à cidade.

Usei uma linguagem simples e leve pra contar a história da cidade da Covilhã no coração de Portugal, considerada... a “Manchester Portuguesa”, pela sua riqueza de lãs e rebanhos, de ribeiras e teares. Como a história é contada por jovens, enredei-a com dizeres e brincadeiras da miudagem que os grandes também gostam de recordar.

Então, quero deixar uma pequena abordagem deste conto com ajuda de algumas personagens, colegas aqui presentes que se prontificaram para me ajudar, aos quais agradeço: um aluno, um Professor, um narrador e Eu sou a Maria Covilhã.

Capítulo I – AS RIBEIRAS E A LÃ

Narrador – Olá, boa tarde...Eu nasci perto do mar, mas adoro a Serra e vou ter o gosto de vos guiar numa visita a esta terra linda na encosta da Serra da Estrela, onde o cantar das ribeiras nos faz sonhar e nos lembra a história da moura encantada.

Maria Covilhã, a Fiandeira – Estás a falar sozinho?

Narrador – Quem és?

M. Covilhã, a Fiandeira – Sou Maria Covilhã, a Fiandeira, então não vês?

Narrador – Bem me parecia! E estou já a supor aqui uma aula de história!

M. Covilhã, a Fiandeira – Sim, eu nasci com as ribeiras...

Narrador – Ribeiras? Eu só conheço a Goldra ou Degoldra...

M. Covilhã, a Fiandeira – Pois, pois, só conheces esta, moras aqui perto, mas temos também a Carpinteira. A Goldra ou Degoldra e a Carpinteira são as duas ribeiras que abraçam a cidade. A sua água límpida e pura é a força que fez brotar outra força maior – o têxtil.

Coro

A Carpinteira e a Goldra

Vão correndo com afã

São duas ribeiras amigas.

Elas fazem maravilhas

Que abraçam a Covilhã

Para os belos pastos criar

Onde se alimentam rebanhos

E p'ra suas lãs lavar!

A sua água limpa e pura

Traz-nos grandes benefícios

É uma bênção da natura

Na produção dos lanifícios!

Aluno – É que as ribeiras eram muito importantes, como já sabemos, para a lavagem das lãs. Eram águas límpidas e correntes...

Professora – Sim, e não podiam ser duras, ferruginosas ou calcárias. Eram de facto as águas ideais!

Narrador – Pois então, Maria Fiandeira, eu fui convidada para fazer de guia nas festividades das Escolas para o Festival Histórico... E agora é que eu ando a aprender! Oiço de todos, pergunto, interfiro quando não percebo e assim... Bem, melhor que ninguém, sabes certamente do que se trata.

M. Covilhã, a Fiandeira – Claro que sim, e eu preciso de estar atenta a tudo e a todos ...

Narrador – Maria Covilhã, uma vez que queremos mesmo ir às origens desta terra linda na encosta da Estrela, eu gostava de começar logo pelo estudo e pesquisa dos séculos XII a XIV, ... por causa daquela história da Lã.

M. Covilhã, a Fiandeira – Temos que ir mais atrás ... ainda mais atrás, meus lindos ... Vamos aos pastores, ao bucolismo, à transumância, às ovelhas. E o que vou “cantar-vos” cantavam os pastores naquelas tardes de verão, à sombra dos penhascos...

Coro

Ao som de mé - més e chocalhos
Florinda por nós lembrada
É a Filha do Conde Julião
De Rodrigo apaixonada.
Foi dessa formosa Florinda
De cava então chamada
Que de Cava Juliana
Veio o nome Covalhana.

Aluno – Pois, esse nome vinha no poema dos pastores... Até parece que oiço o som dos chocalhos ... Imagino aqueles enormes rebanhos, nessas épocas... Mas, ó Fiandeira, (...) aqui será então a Cova da Lã...

M. Covilhã, a Fiandeira – Sim, tanto no vale como na encosta, as ovelhas não aguentavam passar o verão lá em cima, na Serra, ou mesmo aqui em baixo, cobertas de lã e, por sua vez, os pastores não podiam deixar esse produto tão rico, por ali, em desperdício. Ao virem as lãs para o vale ou para a planície para serem tratadas na Covilhã, podemos estar realmente na Cova da Lã, onde passa a Rota ...

Aluna – Que rota, Maria Covilhã?

M. Covilhã, a Fiandeira – Uma Rota, destacada nos Itinerários Culturais Europeus, cujo percurso passa na região da Beira Interior. A Covilhã continua a ser considerada como centro da produção nacional dos tecidos de lã. A Rota da Lã contribui para *reforçar* esta nossa identidade – “Centro da produção da lã”.

ARAUTO

Senhoras e Senhores, somos Arautos do Palácio e trazemos as mensagens de Nossa Alteza o Rei D. Sancho.

O nosso rei D. Sancho considera a Covilhã uma vila muito importante, pela riqueza da lã. (...) E oiçam agora a Boa Nova: D. Sancho I, El-Rei de Portugal, concede-vos um Bom Foral.

Coro

Já não pagamos portagens
Somos livres nas pastagens
Somos daqui moradores
Ficámos grandes Senhores!
O Foral dado por El-Rei
Veio direitos consagrar
O Homem-bom eleger
Para nos representar.
Não esqueçamos Raimundo Pais
1º *Tenens* da Covilhã
O chamado Governador-geral
Cá desta terra da lã.

Aluna – Ora, tal como pesquisámos, até aos séculos XII/XIV, só se fabricavam na Covilhã panos como o burel. E repara como eles se vestiam. Podemos mesmo perceber que são tecidos mais grosseiros. Só depois, com D. João e D. Duarte apareceu a lã meirinha.

Coro

Somos nós gentes beirãs
Aqui estão nossos amores
Cantamos com os teares
Tecendo para os Senhores.
Fazemos parte de um povo
Que gosta de trabalhar
Tanto na quinta ou na horta
Ou tecendo no tear.

Aluna – Ui, gente, “respira-se atmosfera de lã” ... (*gargalhadas...*)

Maria Covilhã – Pois já vi que são muito preocupados e cuidadosos. Convosco eu não me inquieto, fico descansada!

Aluna – Mas a ti alguém te preocupa, Maria?

Maria Covilhã – Pois, pois! Ora quem me preocupa? Os miúdos mais pequenos que andam ali na brincadeira, ao pé do lago e os pais na conversa, percebem?

Aluna – Ora, Maria Covilhã, mas nestas coisas, os Pais têm “um olho no burro, outro no cigano”. (*gargalhadas...*)

COVILHÁ, A NOVA FACE

Narrador – Em fevereiro de 1975, é criado o Instituto Politécnico, com o Prof. Duarte Simões.

Aluna – Agora, sim...fica bem aquela frase que lemos no Museu, na parte mais recente, da Fábrica Veiga: “os fios do passado a tecer o Futuro”!

Eu gostei mesmo de perceber como parte das grandes fábricas, que pareciam monstros adormecidos, rejuvenesceram com salas de aulas e estudantes com os seus trabalhos académicos.

Professora – E como se aproveitaram espaços emblemáticos para virar a página desta linda cidade...

Narrador – Em 1986, o Instituto passa a Universidade da Beira Interior, com Licenciatura nos têxteis! E lembramos o Hino:

Maria Covilhã – *Gaudeamus Igitur, Juvenes dum sumus...Post jucundam juventutem, post molestam senectutem, nos habebit cellum...2X)*

Aluno – Hei, alguém traduza!

Professora – Alegremo-nos enquanto somos jovens, pois jovens alegres afastam a velhice. Possuímos o Céu...

(...)

Coro

Covilhã mudou a página
Mas mantém sua beleza
Deu novos rumos à vida
Novas fontes de riqueza.
De investigação e saber
Onde foi quartel outrora
Podeis visitar o Museu
Onde é a UBI, agora

Narrador (vibrando) – A mim até me lembram aquelas fotos antigas da nossa cidade! Sinto a Covilhã das fotos, a Covilhã da história, a Covilhã das lãs e das feiras... Penso que, como eu, todos conseguem imaginar aquele postal da cidade onde esses trabalhos se revelam e recordam como se tivéssemos vivido nessas épocas.



Mãe escritora,
de Henrique Castanheira
Lápis de cera sobre papel | 36 x 28 cm | 2020



“CORRE CRIANÇA, CORRE!” *

*Corre criança, corre!
Corre criança bonita
Corre criança de encantar,
De dia o sol te protege
De noite te guarda o luar
Brincas de dia ao sol
No rosto o sorriso marcado
De noite com o teu lençol
Brincas num vale encantado
Corre criança bonita
Corre criança feliz
Teu sorriso é tão lindo
Tua liberdade isso nos diz
Teu cheiro macio e suave
De quem é feliz mas não sabe
Nos lembra que é bom viver
Num mundo livre e sem maldade
Os teus olhos brilhantes*

*Refletem de noite o luar
De dia são dois diamantes
Que imitam o sol a raiar
Quando deixares de ser criança
O sol continuará a brilhar
Por isso quem corre encanta
E mesmo que já não sejas criança
O sorriso deverás sempre guardar
O teu sol ainda brilha
E o teu céu é quem te guarda
E mesmo que triste algum dia
Não é isso que rouba a alegria
De uma criança que é livre
Que corre sem rédeas e vive
Cantando, sorrindo e brincando
Porque corre e é mimada
Pois sabe que é muito amada!*

Kátia Casimiro

* Poema declamado pela autora na Escola Eugénio Tavares e no âmbito do IX EELP, na cidade da Praia, Cabo Verde.



O escritor de contos,
de Henrique Castanheira
Aquarela e lápis sobre papel | 36 x 28 cm | 2020



CONTOS TRADICIONAIS INFANTIS – A SUA IMPORTÂNCIA

KÁTIA CASIMIRO

*“(...) As crianças são as flores da nossa luta e a principal razão do nosso *combate.”*

Amílcar Cabral

**contra o analfabetismo, contra a ignorância,
contra a desigualdade, contra a indiferença.
A criança que lê torna-se num adulto fortalecido.
Instruir e entreter*

LER PARA SABER? OU LER PARA SER?

Contar histórias e escutá-las é o início da aprendizagem para se ser leitor, tendo pela frente um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

O contador de histórias está ainda muito relacionado com a tradição / literatura oral dos países de língua portuguesa (embora a televisão e a Internet tenham vindo mudar um pouco isso).

A minha avó é do tempo em que se pagava a pessoas para contarem histórias.

Imaginação e fantasia? Muito mais do que isso. Os contos são uma forma de aprendizagem, de transmissão de valores e sabedoria. Mas, claro que são também uma forma maravilhosa de estimular a imaginação e a fantasia das crianças.

Ao ouvir as histórias dos contos tradicionais e fábulas infantis, por vezes a criança pode identificar-se com os sentimentos, medos e angústias vividos pelas personagens ou com situações específicas. A forma como os acontecimentos se desenrolam e a própria moral da história podem ajudar a criança a identificar os seus próprios sentimentos, a procurar uma solução para os seus problemas e, assim, estabelecer relações mais satisfatórias consigo e com os outros.

A literatura infantojuvenil é, sem dúvida, um lugar de afetos e emoções!

Esta **capacidade** de fantasiar sobre uma existência diferente da nossa, de construir novos mundos habitados por personagens fantásticas, potencia o desenvolvimento

não só da criatividade e da inteligência emocional mas também da vontade de descobrir sempre mais e de representar papéis diferentes daqueles que se vivem no dia a dia.

As crianças desenvolvem também a capacidade de sonhar¹, de pensar de forma positiva e de ter esperança no futuro. Acreditar que no final das histórias tudo acaba de forma quase sempre feliz, são lições que se podem facilmente aprender em várias fábulas, como o “Patinho Feio”, ou a “Cigarra e a Formiga” ou outros contos infantis, como:

O Soldadinho de Chumbo

A Lebre e a Tartaruga

Cinderela

Branca de Neve e os Sete Anões

O Macaco e o Tambor (Guiné-Bissau)

Quem quer casar com a Carochinha/ A Carochinha e o João Ratão (Portugal)

Lenda do Canta Galo (São Tomé e Príncipe)

Lenda do Céu e Terra Ligados (Timor-Leste)

Os Rapazes, o Velho e o Burro (Cabo Verde)

A lenda da Kianda (Angola)

O Macaco e o Cágado (Moçambique)

Pinóquio (Itália)

O primeiro contacto que as crianças têm com a leitura é feito através da audição de histórias, muitas vezes contadas pelos pais ou familiares; depois, há que as incentivar para desenvolverem o gosto pela leitura, para serem bons leitores.

Os contos tradicionais podem ser um valioso meio auxiliar na educação (escolas) para os valores das crianças, já que nestas curtas e fantásticas histórias aparecem personagens com ações que possibilitam vislumbrar valores universais, tais como: Justiça, Igualdade, Diferença, Responsabilidade, etc...

Os contos tradicionais infantis permitem que as crianças se divirtam, riam, sonhem, viajem por lugares nunca vistos ou imaginados, assistam a momentos de enorme comoção e tensão, travem duelos com monstros, fadas, príncipes, feiticeiras e vençam, vencendo igualmente os que lhe facultaram a vivência destes triunfos,

¹ *O Pequeno Príncipe* (do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry) e *O Meu Pé de Laranja Lima* (do brasileiro José Mauro de Vasconcelos), são igualmente referidos pela autora como obras mais adequadas para jovens.

quer seja em casa, na escola ou entre brincadeiras de amigos. Os contos tradicionais ensinam-nos, num registo curto e cheio de sentido, a vivenciar episódios que, através de metáforas, se assemelham à vida real.

O nosso subconsciente retira dos contos o que, para cada um de nós, naquele momento, é necessário apreender. E nem todos interpretamos os contos da mesma forma, o que é uma mais-valia preciosa. No final da história, se eu me identificar com o lobo do capuchinho vermelho, sentirei vergonha de ser mau e mentiroso, se me identificar com o capuchinho vermelho, sentirei que não se deve desobedecer aos ensinamentos do papá e da mamá, se me identificar com o caçador ficarei feliz, cheio de orgulho e bravura, se me identificar com a avózinha ou fico feliz ou fico triste porque o lobo comeu.

Para além disso, aprendemos também a contar histórias.

É cada vez mais importante que as crianças se consciencializem da igualdade para todos, realçando o ser mais enquanto pessoa, sendo mais solidário, mais responsável, mais justo e mais verdadeiro para promover a felicidade e harmonia entre os homens.

Os contos são histórias antigas mas sempre atuais, porque os seus enredos falam de emoções comuns a todos nós, como a tranquilidade, a inveja, o medo, a coragem, o ódio, a felicidade, o ciúme, a alegria, a ambição, a rejeição, a decepção, o amor... que, só podem ser compreendidas e vivenciadas pela criança através das emoções e da fantasia.

Os contos deixam fluir o imaginário, despertam a curiosidade e têm como objetivo ensinar os valores. Desta forma contribuem muito para a formação da personalidade e ajudam as crianças a entender um pouco melhor o mundo que as rodeia.

No processo de ensino é muito importante dar atenção ao emocional para formarmos cidadãos mais ativos que, no futuro, saberão resolver, sem medo, os conflitos normais da vida. A forma de julgamento que divide as personagens em boas ou más, belas e feias, fortes ou fracas, faz com que as crianças entendam melhor alguns valores e condutas humanas para o convívio em sociedade. Como, por exemplo:

Pinóquio = não se deve mentir

Bruxa má = a inveja é feia

Os contos tradicionais são primordiais para o ensino da leitura e para a formação da criança. São por isso uma manifestação literária.

Hoje em dia, há uma oferta variada de conteúdos infantis muito educativos

e interativos que estimulam a aprendizagem e incutem valores às crianças. Só que, atualmente, há uma oferta muito maior do que havia antigamente, consequentemente, há de tudo, conteúdos bons e maus.

É bom ser saudosista, reviver a nossa infância, mas não podemos estar desatentos ao que se faz hoje em dia e ao evoluir dos tempos, das tecnologias e das próprias crianças.

Por isso, nós, escritores e contadores de histórias, temos a responsabilidade de reinventar e escrever novos contos com novas abordagens, retirando dos contos antigos valores e conceitos e acrescentando vocabulário moderno e elementos atuais de forma a aguçar o interesse das crianças e dos jovens.

Se queremos que os jovens escrevam, devemos dar-lhes motivação. Por exemplo, através de concursos literários com júris sérios.

A literatura oral deixa fortes marcas na literatura escrita africana, com a presença marcante do imaginário, do sobrenatural, com vários elementos míticos.

Concluindo:

“Conta o Conto que Ouviste Contar”

*Conta o conto que ouviste contar
acrescenta-lhe um ponto e vai sempre a somar
a conto, o canto e todo o encanto
se move no tempo e nos faz lembrar
da criança e jovem que fomos um dia
escutando, recontando e acreditando
na vida, com pontos e vírgulas andando
sem querer um ponto final
no conto que nos fez sonhar
que somos grandes, mesmo sendo pequenos
que somos belos, mesmo quando horrendos
conta o conto que ouviste contar
retira-lhe um ponto e vai sempre a tirar
tira-lhe a palavra, mas não lhe tires a voz
subtrai-lhe o brilho, mas nunca a alma
divide-lhe a pontuação, mas não lhe arranques o coração.
conta e canta o conto que ouviste contar
multiplica-lhe o riso e o choro*

*que o conto escutado e contado
nunca seja esquecido ou morto
pois se a muitos apenas o conto entretém,
a outros instrui e leva mais além!
e quando chegares nesse mais além
outro conto escreve, para se contar
assim renovando para aquele que depois vem
sempre tendo o que contar, não se acabe desanimando
por não ter o que escutar
e não saber o que contar
conta o conto que ouviste contar
não hesites partilha, acredita
que há alguém que o esteja a escutar
conta o conto que ouviste contar!²*

² Poesia declamada pela autora no IX Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, na cidade da Praia, Cabo Verde.



Apaixonada pela banda desenhada,
de Henrique Castanheira
Aquarela e lápis sobre papel | 36 x 28 cm | 2020



“ SEM PRESSA DE VIVER – 1,2,3,
ERA UMA VEZ...”

OLINDA BEJA

“**H**á sempre uma criança dentro de nós!” – dizia, perentório, um velho que eu conheci e me contava histórias. Chamava-se Strong, era um contratado oriundo de Cabo Verde e preenchia o meu imaginário mal empurrava o portazinho de madeira do meu quintal. Eu esperava por ele como quem espera um Messias. E eu já não estava naquela faixa etária a que a sociedade associa a literatura das célebres histórias de encantar.

Não sabia ler nem escrever. Dizia que nunca ninguém o tinha mandado à escola pois que no seu tempo não era obrigatório. Hoje, penso até que a maior parte dessas belíssimas histórias não eram senão fruto de uma fértil e inesgotável imaginação que se soltava quando se sentava no velho tronco de uma antiga árvore do pão. Era um momento mágico, como se a vida parasse. Mas isto foi há muitos anos. Hoje digo com prazer que:

“Felizmente sou de um país onde a oralidade sempre se sobrepôs à palavra escrita. Durante séculos ela foi a nossa arma de combate. Durante séculos o contador de histórias conseguiu aliviar grilhões de escravatura e deliciar gerações e gerações de contratados.”

A história é o alimento do imaginário que provoca a fantasia e o sonho, além de possibilitar o trânsito entre a fantasia e a realidade. Sendo assim, desenvolve habilidades artísticas, a capacidade de dar sequência lógica dos factos e a linguagem

oral e escrita, ampliando o vocabulário. Além disso, desenvolve o senso crítico, desperta o gosto da leitura e educa a atenção da criança. É na infância que se formam as principais atitudes fundamentais diante da leitura. Por isso, a literatura infantojuvenil tem servido, ao longo dos tempos, para despoletar e fazer surgir nos jovens a fonte da criatividade aliada ao sonho, ao gesto inventor, que seguirá um caminho de desbravamento cultural.

Temos, no entanto, que nos lembrar que os tempos vão mudando e com eles surgem sempre os grandes desafios. E a literatura, seja ela infantil ou não, tem sido uma das grandes vítimas. Chamei-lhe vítima, mas não sei se será bem assim. Tudo tem o seu lado bom e o seu lado mau, depende do nosso ponto de vista.

Sabemos perfeitamente como era o tempo da nossa infância, nós os que já dobramos mais de meio século de vida. Era o tempo das histórias da carochinha, do viver em paz no campo e até nas vilas e nas pequenas cidades, o tempo de viver em família total, ou seja, o clã familiar era enorme, uno e coeso. Havia o pai, a mãe, os irmãos e, sobretudo, a velha avó ou o avô e, por vezes, até algum tio solteirão que também fazia parte da casa. Tudo era a união perfeita para o desenvolvimento criativo das crianças. As vozes que rodeavam os nossos ouvidos eram vozes cantantes, conhecidas, carinhosas, sobretudo as dos mais velhos. Qual era o papel dos avós? Exatamente o que hoje debatemos – o passar para nós o testemunho de vivências, por vezes dramáticas, por vezes belas, mas que iam desenvolvendo nas nossas cabeças cenários irreais, paisagens que só poderiam existir em terras de fantasia. Mas fossem quais fossem as histórias que nos contavam, o tempo da contação preenchia um lugar que perdura até hoje. Nós sonhávamos, nós imaginávamos, nós criávamos. Mas como antes disse, os tempos mudaram nestas últimas décadas. Os avós, essa figura emblemática que, mesmo quando não viviam connosco, tínhamos a preocupação de visitar todos os fins de semana, essa figura desapareceu dos nossos lares. Agora, foram eles viver para outros lares e essa imagem foi irradiada das nossas vidas. Um golpe a que nós assistimos mas que, para os mais jovens, já não é golpe. Eles já não fizeram parte desse antigo clã que nós conhecemos. Eles estão num outro estádio, em que a palavra “família” se resume a dois ou três elementos e que, num abrir e fechar de olhos, se desintegra, seja por separações abruptas, seja por cortes de laços atribuídos à maioridade e, por isso, ao viver só, independente.

O homem esquece-se que Freud disse categoricamente, “*O homem é a sua infância*”, mas João dos Santos, o médico psiquiatra que foi o grande criador da moderna Saúde Mental Infantil em Portugal e o grande impulsionador da viragem da Psiquiatria Infantil, disse mais:

“Só é bom saborear a vida, quando se saboreou a doçura da infância”.

E agora faça a pergunta: Como se poderá saborear a doçura da infância se, nos tempos vindouros, nos esperam tantos atropelos, tantas multidões ávidas de vida fácil e despreocupada, de ultrapassagens indiferentes pela natureza, já de si tão destruída, como?

Hoje já ninguém pára para ver o pôr do sol. Ninguém sorri ou nos dá um abraço involuntariamente. Por enquanto, no meu país, ainda paramos na floresta a ouvir o canto do ossobó. Mas eu disse “por enquanto”, repito, “por enquanto”. A evolução está a ser rápida demais. O stress caminha a passos de gigante. Onde terão então os jovens o tempo para sonhar, para criar, para imaginar, onde poderão escutar a voz doce dos avós a sussurrar-lhes histórias?!

“1, 2, 3... era uma vez” começava assim a minha avó de Portugal...

“Vem minha neta, vem ouvir soya d’abuyá”, era a voz da minha avó do outro continente, diferentes as histórias mas iguais no carinho e na palavra terna e doce com que iam soltando, sem saber, o verbo imaginar.

Lembro-me que quando comecei a lecionar dizia que fazia flores com os meus alunos. Dava-lhes uma imagem, punha música de fundo na sala e eles criavam, imaginavam, escreviam o que iam sonhando. Nasciam assim autênticas obras de arte que reuníamos em livros artesanais. Era a nossa forma simples de homenagear a literatura. O sonho ganhava forma. Aparecia em todo o seu esplendor. Nos meus últimos anos de ensino já era tão difícil conseguir esse mesmo trabalho. Difícil e ridículo, era assim que eles diziam. E o adjetivo “ridículo” mostrava perfeitamente que o tempo deles já era o tempo do não-sonho, do tudo feito, do carregar no botão e terem a resposta. Já nem mesmo a leitura de textos, de contos, tinha a mesma avidez, o mesmo sabor. Apercebi-me perfeitamente da mudança!

Claro que sabemos perfeitamente que o livro e a escrita tiveram grandes desafios através dos tempos. Antes de Gutenberg, um livro era mais caro do que uma casa. Os livros eram privilégio de reis ou membros da Igreja; ler não era só exclusivo, mas desnecessário – não havia o que ler.

“Com a criação da imprensa, os livros foram-se popularizando e deram origem a gigantescos saltos culturais, coisas inimagináveis para a época, como bibliotecas, o surgimento de clássicos, a educação e a alfabetização em massa e a ascensão das livrarias. Os livros explodiram e espalharam-se, transformando o mundo, os autores e os leitores.”

Ler transformou-se então numa doutrina desde a escolha do livro até à discussão que o mesmo suscita. E esse foi um momento bonito da sua história. Lia-se por

e com amor. Mas o tempo nunca perdoou... de um salto aparece o mundo da informática, os *tablets*, toda a gama de audiovisuais com todos os atrativos possíveis, o mundo da robótica, numa palavra só, a pressa de viver!

Qual será então o papel da literatura infantojuvenil, ou antes, de toda a literatura num mundo de stress, de “betão frio e indiferente das grandes cidades” do “agora não... talvez amanhã” ou ainda “filho, não tenho tempo!”?

Como poderão os jovens sobreviver no remanso desejado de um *dolce farniente*, folheando as páginas de um livro, se terão, como já têm, tantas outras alternativas aliantes e tentadoras? As solicitações serão cada vez mais, e só com lembranças afetivas através de histórias infantis, contos e poesias será possível desfrutar momentos de prazer e afetividade.

Diz-se que as crianças gostam de ouvir e ler histórias, o que lhes falta é o estabelecimento de uma relação prazerosa com o texto literário, tanto no sentido lúdico, quanto no sentido afetivo, pois parece que o espaço escolar sempre serviu como lugar de razão. Infelizmente, por um longo tempo, a emoção e a afetividade estiveram longe das salas de aula.

Penso que as necessidades serão muito maiores que as atuais e terá que haver, no mínimo, uma biblioteca e um contador de histórias em cada escola para que se possa dar aos jovens, que viverão comprimidos entre o betão e a corrida diária, um momento agradável de recriação de um mundo que, embora não tendo conhecido, lhes irá provocar curiosidades e saudades.

No futuro, não caberá mais à escola nem ao professor conceber a literatura infantojuvenil como instrumento pedagógico de menor valor, mas levá-la para a sala de aula como uma proposta didática diversificada e rica para que não perca nunca a sua natureza lúdica, seduza os jovens em teias interativas de criatividade e para que, mesmo no bulício e no stress, possam sonhar com “a doçura da infância”.

Apesar de tudo, penso que não será fácil, mas tudo requer o seu tempo. Talvez se inventem novas formas de contar, de ler, de escrever. Talvez se façam rodas de conversa a começar “No tempo dos nossos bisavós...era o tempo em que os homens falavam...” e eles, os jovens das novas tecnologias e das grandes cidades tentarão, quem sabe, mesmo com esforço, começar a dizer aos seus amigos do café cibernético “sabes... 1,2,3, era uma vez...”.

3º TEMA

ESCREVER O MUNDO, ESCREVER- -SE A SI

1. ANDRÉA ZAMORANO

Afinal os jovens leem e escrevem – "fanfictions" e outros gêneros literários na ponta dos dedos

2. ADELA FIGUEIROA PANISSE

A literatura infantojuvenil na Galiza: uma necessidade educativa e cultural

3. A. PEDRO CORREIA

Era uma vez um rapazinho



IX ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Conferencistas do 3º tema
ESCREVER O MUNDO, ESCREVER-SE A SI

EM CIMA:

Da esquerda para a direita,
Andréa Zamorano, Adela Figueiroa Panisse e A. Pedro Correia



AFINAL OS JOVENS LEEM E ESCREVEM – “FANFICTIONS” E OUTROS GÊNEROS NA PONTA DOS DEDOS

ANDRÉA ZAMORANO

A leitura é fundamental para a inserção do indivíduo em seu contexto socioeconômico e cultural, a literatura para ampliar a sua mundividência. A forma como nos relacionamos uns com os outros e com que o está à nossa volta, nos dias de hoje, se alterou de maneira profunda em função da intensificação do uso das chamadas novas tecnologias.

Não é necessário explicar o quão dependentes nos tornamos dos nossos dispositivos móveis e do conjunto de conveniências que um simples toque no monitor é capaz de proporcionar. Desde o momento em que acordamos com o despertador programado no telefone até ao momento em que repetimos o gesto de colocar o mesmo telefone ao nosso lado na cabeceira da cama, para nos acordar na manhã seguinte, passamos praticamente todo o dia em contacto com uma tela. O fenômeno não está restrito às camadas adultas da população.

Por todo lado vemos crianças, adolescentes e jovens adultos numa vivência ainda mais intensa com as tecnologias. Dados sobre o aumento do número de horas de navegação na internet estão amplamente difundidos. Nesse contexto, como é possível não considerarmos que os verdadeiros nativos digitais, numa relação quase simbiótica com os seus aparelhos móveis e com as redes sociais, uma extensão deles próprios, não estejam também lendo online?

Porém, os jovens não estão apenas lendo. Os pré-adolescentes, os adolescentes e os

jovens adultos leem mas também produzem gêneros literários digitais que estabelecem novas relações entre leitura e a produção literária. Por que o fazem, como o fazem, o que leem, qual o reflexo da sua produção na aquisição de conhecimentos, de novas leituras, o que é para eles a literatura, são perguntas que deixo para os teóricos da literatura, da semiótica, das teorias da recepção, ou para os educadores, que deverão trabalhar com esses novos desafios. Nesta breve intervenção, prefiro suscitar questões reconhecendo o trabalho de leitores/autores juvenis e as novas dinâmicas de produção que esses textos literários aportam.

Há uma significativa produção acadêmica de teses de mestrado e de doutorado que se têm debruçado sobre o tema das “fanfictions” no Brasil, contudo, o fenômeno continua sendo tratado marginalmente, sendo reduzido na associação à literatura de massa e aos produtos da indústria cultural, como filmes, séries, músicos populares e celebridades digitais.

No entanto, os investigadores da área, cada vez mais, compreendem as obras produzidas nos meios digitais como uma produção literária fortemente marcada pela ficcionalidade e pela capacidade de fabulação. Ainda que pouco conhecida do *establishment*, e não reconhecida pelo cânone literário, as obras produzidas no gênero “fanfiction” têm como principal traço o contar uma história, prática antiga da humanidade.

O que são as “fanfictions”

A cultura de fãs não é um processo novo, nem recente. Os primeiros grupos se organizavam em clubes e partilhavam a paixão pelos esportes ou pelo teatro. Na década de 20 do século passado, surgiram as primeiras *fan magazines* – fanzines – sobre as obras de Jane Austen. O romance *Orgulho e Preconceito* continua a gerar uma quantidade enorme de trabalhos acadêmicos, assim como de “fanfictions”; as fãs de Austen são conhecidas como “janeites” ou “austenites”.

Apesar de não terem nascido na era digital, as “fanfictions”, “fanfics” ou apenas “fics” se popularizam com advento da cultura de massa, da televisão e do aparecimento de ídolos jovens que permitiram uma identificação entre o leitor/consumidor e o artista/obra. O termo vem diretamente do inglês – ficção de fã – e inscreve-se num quadro maior onde os fãs, seja de literatura, de cinema, de histórias em quadrinhos, de séries televisivas e/ou até grupos musicais, se articulam em torno de uma “persona” ou de um objeto artístico e geram novos produtos a partir de um original, depois publicado em plataformas e aplicativos online específicos.

Assim, as novas obras circulam dentro do grupo que conhece a obra original e partilha as mesmas referências. O leitor/autor desenvolve, retrabalha ou cria um novo

material servindo-se das personagens de que é fã. Pode ser um episódio, uma cena ou uma situação que quer ver contada de forma diferente. O leitor/autor escreve esse novo trabalho, nem sempre seguindo as regras internas do autor original. A essa liberdade dá-se nome de domínio dos fãs ou “fandom”. Dentro dos “fandoms” existem diversos gêneros textuais que não apenas os textos escritos. Escrever “fanfics” é considerada uma prática tradicional em relação ao universo da produção de “fanart”.

A mais célebre fonte geradora de conteúdo de “fanfiction” para pré-adolescentes e adolescentes continua sendo a saga de *Harry Potter*, da escritora J. K. Rowling, e os subsequentes filmes, que originaram perto de um milhão de histórias nas várias plataformas. No caso de *Harry Potter*, a autora já permitiu que fosse encenado um espetáculo de teatro em Londres a partir de textos de “fanfiction”. Os fãs produziram ainda, também com autorização da autora, o filme “A Origem do Herdeiro”, sobre Voldemort, vilão e arqui-inimigo de Harry. O filme está disponível para visualização na plataforma de vídeos *Youtube*.

Esse é outro aspeto relevante quanto às obras de “fanfics”, os autores fazem a sua produção artística sem visar um objetivo comercial ou lucrativo. As obras costumam ser entendidas como uma forma de homenagear o autor original ao ser atribuída uma nova vida ao seu trabalho.

De outro ponto de vista, o do autor original, o entendimento pode ser distinto. Num primeiro momento, uma “fanfic” parece promover um uso indevido das obras. A autora J. K. Rowling sente-se lisonjeada, já George R.R. Martin, autor da saga da *Guerra dos Tronos*, acredita que a prática infringe os direitos de autor. Por razões de mercado, atualmente as editoras entendem que as “fanfics”, no final de contas e apesar de tudo, ajudam a popularizar e a promover a venda e a leitura das obras originais. O combate à apropriação de material com direitos de autor demonstrou um elevado custo em função do volume de processos, sendo evitado pelas editoras. Até 2018, a Amazon permitia que as “fanfics” fossem vendidas através do *Kindle Worlds*, uma plataforma específica para “fanfictions”. Aqui, o autor da “fanfic” era obrigado a dividir metade do valor da venda com o autor original da obra.

As “fanfics” estão classificadas quanto ao tipo de conteúdo que veiculam, se se mantém ou não próximas à história original e quanto à classificação etária. Por exemplo, uma obra OC quer dizer que é *Original Character*, ou seja, quando a “fanfic” tem pelo menos a inclusão de uma personagem criada pelo autor original da obra que serve de base para a nova obra; já uma *Out of Character* significa que a personalidade ou comportamento da personagem não estão de acordo com a obra original a partir da qual a “fanfic” nasceu.

A obra infantojuvenil *A Bolsa Amarela*, da escritora brasileira Lygia Bojunga, publicada em 1981, que recebeu o prémio Hans Christian Andersen, concedido pela *International Board on Books for Young People*, filiada à UNESCO, é um exemplo. A sinopse do livro nos conta “é o romance de uma menina que entra em conflito consigo mesma e com a família ao reprimir três grandes vontades (que ela esconde numa bolsa amarela) – a vontade de ser ‘gente grande’, a de ter nascido menino e a de se tornar escritora.”

A leitora/autora, “ficwriter” BadGirlSabaku decidiu recontar a história mais ao gosto dos seus interesses pessoais. Faz o aviso logo na entrada da sua página: “*A sinopse é TOTALMENTE tirada do livro A Bolsa Amarela (de Lygia Bojunga) assim como o rumo da história. Eu apenas mudei algumas coisas MÍNIMAS, como o nome dos personagens, para se encaixar na categoria Naruto. Lembrando que essa é apenas uma fanfic feita por uma grande fã do livro*”.

A autora da “fanfic” enquadrou a sua obra com a classificação etária de L (livre para todos os públicos), quanto aos subgêneros, é um *crossover*, pois junta outra personagem muito amada do “fandom”, Naruto, e um conjunto de *tags* (etiquetas), que funcionam em algumas ocasiões como subgêneros, outras como indicação do conteúdo, levando a uma localização mais rápida no infindável universo das publicações. Vale a pena notar também que essa “fanfic” foi publicada no último mês quando o livro original é de 1981. Para o novo produto artístico, gerado pela “fanwriter”, ser compreendido pelos seus leitores, eles devem ter conhecimento da obra original e das características da personagem que foi acrescentada, Naruto. O subgênero *crossover* potencia a descoberta e a leitura de diferentes autores.

São inúmeras as plataformas onde os fãs podem ler e publicar os seus trabalhos, a maior talvez seja a *Wattpad*, com mais de setenta milhões de inscritos e prêmios anuais para os autores. As mais antigas são a *Archiveofourown* e *Fanfiction.net*. Os aplicativos *Spiritfanfiction* e *Nyah!* estão muito difundidos entre os jovens do Brasil. Uma nota interessante quanto a ambos é a sua preocupação em informar os jovens autores das diferenças de registros entre fala e escrita. As duas plataformas têm mediadores, chamados de “leitores beta”, dedicados ao ensino do português e página de dicas “Feitas especialmente para você, amante do mundo das fanfics, que não se sente atraído pela Gramática e tem dúvidas de Redação. A língua pode ser muito bonita e fácil de lidar e aqui vamos te mostrar como” é que o está escrito na entrada da página do *Nyah!*. Os leitores beta, revisores dos textos, são figuras típicas da produção de “fics”, contudo, nem todos os sites dispõem dessa possibilidade, o próprio autor deve se responsabilizar pela correção de seu texto.

O/A jovem autor(a)

A principal mudança de paradigma das “fanfictions” é que, ao contrário da literatura juvenil tradicional, não temos mais adultos a escreverem narrativas para jovens. Temos jovens escrevendo para outros jovens dos quatorze aos vinte e um anos. O anonimato, da mesma maneira que permeia as redes sociais, se instala nas “fanfics”. Autor e leitor podem coexistir no mesmo usuário. A indefinição permite que cada lado possa assumir identidades que funcionam como alter-egos.

Há ainda uma conquista de espaço de publicação pelas jovens autoras adolescentes. Invertendo o que acontece no mercado editorial tradicional, a maioria dos autores de “fanfics” são autoras. O universo das “fanfictions” é liderado pelas jovens autoras/leitoras desde sempre

Escrever “fanfictions” exige tempo e emprego ativo das habilidades de leitura e escrita e, regra geral, não é reconhecido pelos professores. As jovens e os jovens criadores não são acarinhados pelo ensino tradicional, que não vê a atividade com bons olhos. Apesar de milhões de jovens falantes de língua portuguesa exercitarem a modalidade discursiva da narração em um novo suporte, as publicações são olhadas como um passatempo, talvez se devendo a uma forte presença dos produtos da cultura de massa nas suas produções e ao preconceito em relação a esses mesmos produtos da indústria cultural.

A literatura de massa, tida como superficial, como uma literatura que nada exige e nada cria em quem lê, não é ensinada e nem trabalhada na maior parte das escolas, mas está amplamente difundida entre os jovens com as suas aventuras de vampiros, lobisomens, magia, sagas distópicas e amores impossíveis que se amplificam nas condições propícias.

Na mesma proporção que a literatura de massa enche os corredores dos supermercados e as vitrines das livrarias, os universos “fandom” também têm as suas prateleiras virtuais abarrotadas com textos de jovens desconhecidos à espera de serem lidos. Ao mesmo tempo, no universo das “fanfics” não faltam exemplos da chamada literatura canônica a serem retrabalhados pelos adolescentes. *Os sofrimentos do jovem Werther*¹ mudaram de século, porém as angústias continuam sendo as mesmas de qualquer apaixonado. Temos desde Machado de Assis, de leitura obrigatória no ensino médio no Brasil, até José Saramago, também de leitura obrigatória no secundário em Portugal, reinventados em “fanfics” pelos jovens leitores/autores.

¹ Romance de J. W. Von Goethe (1774)

Tal como no mundo editorial tradicional, existem, no domínio dos fãs, obras para todos os gostos literários. Textos que podem ser lidos com maior facilidade sobre um cantor, uma celebridade ou um vampiro, tanto quanto outros que obrigam a um exercício de maior concentração, têm uma preocupação com a estética e levam o leitor a se questionar sobre o mundo em que se insere.

Quantos clássicos das nossas literaturas, hoje canonizados², não nasceram na forma de folhetim: *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, que apenas assinava os seus trabalhos com “um brasileiro”, foi publicado anonimamente no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, onde também Machado de Assis colaborou; *O Guarani*, de José de Alencar; *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, o próprio Nelson Rodrigues. Em Portugal temos Camilo Castelo Branco, *Mistérios de Lisboa*.

Conclusão

Através da subjetividade, da linguagem e do seu carácter estético, a literatura permite ao leitor um entendimento de novas realidades, conduzindo-nos a um lugar de reconhecimento do outro e de nós mesmos. No entanto, a literatura em si não transmite nada, ela cria. Umberto Eco afirmava que “a obra literária era um sistema aberto” que necessitava do leitor para criar o sentido, nem sempre compatível com a intenção inicial do autor. Cada leitor, com a sua biblioteca individual, as suas referências, o seu enquadramento histórico e os seus processos de leitura preencherá as lacunas do texto para finalizar a obra, em contínua reconstrução. E é no campo da receção que as “fanfics” nascem.

As novas tecnologias são responsáveis por uma verdadeira revolução na forma como se lê e produz conteúdo na atualidade. Os recursos das novas tecnologias reconfiguraram também a relação entre o consumo e a produção de textos literários. Por que não enxergar esse jovens leitores/autores e o seu trabalho como tal?

² Obras que fazem parte da chamada literatura canónica, “conjunto de obras (e seus autores) social e institucionalmente consideradas “grandes”, “geniais”, perenes, comunicando valores humanos essenciais, por isso dignas de serem estudadas e transmitidas de geração em geração”, in <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone/>, ou “aquela que atravessou séculos, construindo memória e identidade”, in <https://www.ffms.pt/FileDownload/91195017-4d78-413a-a35f-9a8e674bd72c/literatura-e-ensino-do-portugues>, ambas obtidas em 18/09/2019. A literatura canónica, segundo muitos pensadores, não é, não deve nem pode ser, um repositório estanque, impermeável à entrada de novas obras.

³ O romance *Mistérios de Lisboa* foi inicialmente publicado no jornal portuense *O Nacional*, a partir do seu nº 52 de 4 de março de 1853. Só surgiu como livro em 1854. In <https://www.almedina.net/mist-rios-de-lisboa-1563998730.html>, obtido a 18/09/2019.

As “fanfics” contêm um apelo constante à participação do leitor, à sua tomada de posição. Exigem um conhecimento prévio de obras para poderem trabalhar a integração dos novos elementos narrativos. Permitem a criação de novas identidades e são um produto artístico.

Para concluir, também é importante reter do universo das “fanfics” que, contrariamente ao que se poderia pensar, ele está repleto de textos originais à espera de serem lidos como numa biblioteca.



O menino escritor,
de Henrique Castanheira
Lápis de cera sobre papel | 36 x 28 cm | 2020



A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA GALIZA. UMA NECESSIDADE CULTURAL E EDUCATIVA*

ADELA FIGUEROA PANISSE

Somos seres “conta contos”. Para os humanos, imaginar mundos é tão importante como comer. Alimentar o imaginário e alimentar o corpo, o soma e o espírito, são funções duais e inseparáveis da condição humana.

A nossa pegada neste mundo está feita de sonhos e de contos. (Para além de bastante lixo.) Somos a terrível espécie da palavra que tudo invade e para toda parte caminha. Inventamos a luz do fogo para quebrar a noite e lá, no calor das fogueiras, imaginamos mundos e criamos fantasias. A redor do lume fizemos o nosso lar e aí, agasalhados pelo seu calor e o das pessoas que a noite escura envolve, ou deitadinhos no leito, sempre as crianças gostaram de escutar o som da tribo. A referir contos que colaboravam com a transmissão cultural do grupo e afiançaram a coesão social. O ser humano é um ser social. Nunca teríamos sobrevivido se não fosse em grupo. Na Cova Eirós, em Triacastela, apareceram vestígios duma fogueira de 180 000 anos. Com certeza que à volta daquele lume ancestral contar-se-iam muitos contos e lendas.

Nos contos transmitem-se os valores morais do povo, as ensinanças necessárias para sabermos pertencer ao grupo humano em que nascemos e as advertências para nos prevenir dos perigos que ameaçam a todas as crianças no seu percurso

vital. Nos contos tradicionais ou nos romances cantados “à carão”¹ das lareiras, as madrastas, o lobo, o acoassador de meninas, estão presentes como advertência dos perigos reconhecidos que existem no mundo. As lendas que contam a história da tribo e que rompem a transcendência do tempo foram indispensáveis para ubicar-nos² sobre a terra e fornecer-nos indicações acerca de quem fomos, que somos e para onde será que podemos ir.

Neste momento, os contos infantis mudaram radicalmente a respeito³ de gerações passadas. Já não há bruxas más nem velhas agachadas nas profundezas da floresta que atraíam as crianças para a sua casinha de chocolate. Não há pais que abandonem suas criaturas no meio do bosque. Agora os contos são amáveis, fomentam o amor às pessoas e, sobre tudo, à natureza.

Algo de história

Na Galiza, os contos tradicionais contados em galego ficavam ao resguardo do mundo oficial da escrita e dos livros, alumiados polas chamas das lareiras. Eu nunca li um conto galego, em criança. Sim, li para os meus três filhos. Ainda que soubesse alguns, de que gostava imenso, ao escutar as estórias nas cozinhas ou entre as lavadeiras à beira do rio. Todas as minhas leituras foram de contos “universais” escritos em *castellano*⁴ sem qualquer referência ao mundo galego resistente nas aldeias e no campo. Acontecia também assim nas escolas. Nunca os mestres nem as mestras se importaram com referir contos galegos em nosso idioma às crianças galegas na Galiza. Aliás, isto implicaria por parte deles um exercício de investigação, uma pesquisa e uma rutura com a inercia cultural dominante. Até à chegada da “democracia” e ao reconhecimento legal da Autonomia da Galiza e da sua língua.

Segundo Blanca Roig⁵:

“a literatura infanto-juvenil em Galiza não existe até a década dos anos 50 em que Galaxia recupera a cultura galega e, desta época, encontramos apenas 96 obras publicadas no período de 1950 a 1979. Com a oficialidade do idioma galego e sua incorporação nas escolas a literatura infanto-juvenil mostra um incremento notável na produção. Nos

¹ Em redor, à volta.

² Ubicar-se, colocar-se, estar situado, num determinado local.

* A autora usa a chamada “norma galega internacional”, ou Galego internacional, que bebe na tradição dos cancioneros e é inspirada nas soluções fornecidas pelo Acordo Ortográfico de 1990.

³ Em relação a.

⁴ A autora escreve *castellano* quando escreve em espanhol. Noutras circunstâncias opta por escrever castelhano.

⁵ Blanca Roig (Coordenadora). *Historia da Literatura Infantil e Xuvenil en Galicia*. Xerais 2015.

primeiros tempos esta tem um objetivo utilitário, e dizer produz-se, de preferência, como material escolar e pouco e pouco as temáticas foram diversificadas dentre elas narrativas, poesias, literatura dramática, história em quadrinhos e traduções, e atualizando-se consoante os novos modelos de sociedade e as demandas desta. Aparecem autores de qualidade notável como Marilar Alexandre, Xavier P. Docampo, Agustín Fernández Paz ou Paco Martim, entre outros” (estes três, Prémio Nacional de Literatura de Espanha).

Xosé Neira Vilas promoveu o Prémio Arume de poesia infantil (2001) que ganha Marica Campo⁶, na sua II edição, com o livro *Abracadabras*, editado polo Castro⁷. Xosé Neira Vilas é bem conhecido na Galiza polo seu livro *Memórias dun neno Labrego*. “*Eu sou o Balbino, un rapaz d’aldea, como quen di un niguén. E ademais pobre*”. Com estas palavras, que já são famosas no mundo da literatura galega, começa o seu livro. E Manuel Maria publica *Os Soños na Gaiola* (1978) de poesias e canções para crianças. Para mim, um facto fulcral na literatura infantil e juvenil da Galiza.

Mas, contudo, a literatura galega perde leitores em relação à literatura castelhana.

Ainda hoje é muito mais fácil para uma mestra encontrar fontes de literatura infantil em castelhano do que em galego. Embora exista, na atualidade, uma grandíssima produção literária infantil e juvenil na nossa língua, nas escolas é maioritária a utilização do castelhano para leituras infantis e juvenis. Ainda existindo planos da Xunta para promover as bibliotecas nas escolas que envolvem o idioma galego como condição para conseguir fornecimentos destes materiais (Bibliotecas Inclusivas).

As mestras consultadas dizem que um fator importante na promoção do nosso idioma e, na sequência do livro infantil e juvenil em galego, é a TV. Na atualidade não há, apenas, banda desenhada em galego, como já fora o *Xabarin Club*⁸ (por exemplo). Isto faz com que as crianças não tenham seus heróis em galego, mas sim em castelhano, o que reforça muito o uso desta língua por parte delas.

A cultura popular perde chance porque é feita em galego e desde a Galiza, em benefício da cultura *española* uniformizadora e destrutora da nossa cultura tradicional.

⁶ Maria do Pilar Campo Domínguez

⁷ Edicións do Castro, criada por Isaac Diaz Pardo.

⁸ “O “Xabarin Club” é un programa infantil e xuvenil emitido pola TVG que comezou a súa andaina o 18 de abril de 1994”, in Galipedia (Wikipédia em galego), informação recolhida em 16 de setembro de 2022 (N.R.)

A recolha de contos populares já foi feita no primeiro quartel do século passado, assim quanto de cancioneros e folklore popular. Nomeadamente promovida pelos movimentos nacionalistas galegos nascidos desde princípios do século XX, como as “Irmandades da Fala”. Estas também promoviam as escolas em galego e a defesa da língua e cultura galegas. O Franquismo deu cabo de todo este movimento de recuperação dos “Saberes populares”, mas ainda nos piores momentos da ditadura nunca se deixou de fazer publicações em galego, subsistindo a Editorial Galaxia, que foi promovida no mecenato do grupo *galeguista* resistente na Galiza. Também sempre houve o recurso de Portugal. Eu ia lá na procura de livros e contos para que meus filhos lessem estórias na sua língua. Algo que não estivesse em *castellano*.

Considero que é muito importante elevar à escrita personagens e estórias que reflitam a nossa cultura própria e, mais ainda, que exista uma literatura em galego sobre contos, canções e anedotas que possam fornecer material aos mestres e às mestras para afixar a identidade de meninos e meninas galegos. Criar o respeito pelo próprio e amor ao coletivo em que nasceram e desenvolvem sua vida. Amar seus avós e avós, suas mães e pais. Amar suas carvalheiras e rios, seus montes e ribeiras, seu mar e praias, adubado tudo em lindas estórias compreensíveis e aceites por elas. Saberem das tradições que agasalharam seus pais e mães quando eram crianças, e conhecerem seu país. Só se ama o que se conhece, e só se defende o que se ama. Este pode ser um dos objetivos da literatura infantil e juvenil. Educar no lazer, nos jogos e nas canções no amor ao próprio e desde ele amar o universal.

As crianças gostam de música, versos rimados e imagens vistosas e coloridas. Também gostam, e muito, do humor. Fazer rir a uma criança é o prémio maior do contador de estórias. E vê-las acompanhar os cantos dum conto também o é. Ainda as crianças e jovens gostam muito dos mistérios. Saber manter a atenção da gente miúda é um repto, e mais ainda nos tempos em que vivemos, de avalanche de informação que abruma⁹ à maioria das pessoas e que, para o mundo das crianças é irresistível e mesmo, diríamos, aditiva. Tudo é rápido, diverso e penetrante.

Mas os tempos próprios das nenas e dos nenos, são, de natural, tempos muito demorados. Eles precisam de vagar para “digerirem” tanta informação que lhes alcança. E não há. Não há tempos para meditar, madurar e interiorizar as informações.

Por isso cá defendemos o conto, quer lido, quer contado. O conto que faça com que as estórias antigas e novas passem de geração para geração. O conto que divirta

⁹ Torna escuro, constringe, sobrecarrega.

e que transmita valores morais e de esperteza. O conto que cante, que acarinhe e que arrole¹⁰. O conto que faça rir, dançar e brincar. Eu lembro muitos contos da minha infância que ouvia nos jantares, para me fazerem comer, ou no leito, para espantar os meus medos infantis. Contos que meu pai lia nas calmas das sobremesas, antes de irmos brincar ou dormir. Eu contei contos aos meus filhos e, agora, também aos meus netos. Que incluso me ajudam a reescrever alguns que tenho feito, porque as crianças não somente gostam de ouvir, mas também de recriar as estórias que lhes vamos referindo.

Não quero deixar de citar ao Padre Sarmiento (Fray Martin Sarmiento, grande vulto da Ilustração¹¹ espanhola, galego de raiz e de prática literária). Na sua obra dedicada à educação da juventude, recomenda que as primeiras letras que os meninos galegos deveriam aprender fossem em idioma galego. E que os mestres deveriam dirigir-se aos estudantes nesta língua que era a própria deles. “*Explicar latines en castellano para as crianças galegas, seria «aprender ignoto per ignoto»*” em palavras suas.

O caso Galego

Falando com diversas livreiras¹², disseram-me elas que o livro galego infantil não se vende mal. Confessavam no Faro dos Três Mundos¹³, especializado em literatura infantil e juvenil, com livrarias em Lugo, Corunha, Santiago e Vigo, que, em geral, de cada 10 livros vendidos 5 poderiam ser em galego. Mais em Lugo e Santiago, menos em Corunha. Elas “votavam a faltar”¹⁴ livros que tratassem temáticas demandadas por jovens, como as aventuras e mistérios bem ilustrados, e livros interativos. Na Galiza há muitas editoriais que trabalham o livro galego para crianças (Algar, Picarona, Patos de Peixe, Engaiolarte, Kalandraka ou a desaparecida A Nosa Terra, que criara a serie baseada no livro Bolachas), mas há poucas para o livro juvenil. Também as livreiras queixam-se de que, em galego, não há nada para trabalhar as diferenças, a diversidade. Em *castellano* há muita literatura infantil

¹⁰ Envolve.

¹¹ Nota da Autora: “A Ilustração é uma etapa da História da Espanha (século XVIII) que se caracteriza por que se introduzem muitas novidades, nomeadamente no campo da cultura. As artes, as ciências e as letras são cultivadas e valorizadas como antes não se tinha feito na Espanha obscurantista. Os vultos mais importantes deste período histórico são Sarmiento e Feijoo (os dois galegos).”

¹² Donas de livrarias.

¹³ Grupo livreiro.

¹⁴ Sentiam a falta de.

dedicada a socializar a diferença. Também há uma grande carência para tudo o que tenha a ver com as ciências (Matemática...).

Projetos são destacados como o de *María Fumaça*, que é mistura de literatura, cantos e música. Criado por Uxía Senlle e sua família para abordagem da “diferencia” das pessoas com capacidades diferentes. Transcrevo desde a sua página:

María Fumaça é un proxecto musical de celebración da vida. Ducias de artistas cantando a alegría de vivir. Uxía, Sérgio Tannus, Magín Blanco, Isaac Palacín, Tanxarina, Carlos Blanco, o noso Ruí, Familia Domínguez Senlle e moitas amigas e amigos... viaxan nun libro-disco, con CD e DVD, no tren máis festeiro que nunca houbo nin haberá.

Falei com a Uxía Senlle a respeito deste projeto e confirmou que era um projeto familiar mas que envolveu muitos artistas. Aliás, como faz ela, em tantas ações criativas de incorporação do mundo galego na lusofonia.

Na Galiza, para além do conflito linguístico entre o domínio do castelhano e a resistência do galego, existem também duas maneiras de escrever a nossa língua, a normativa, chamada oficial, feita mais ou menos à imagem da norma do castelhano, e a internacional, que bebe na tradição dos cancioneiros e é inspirada nas soluções fornecidas pelo Acordo Ortográfico¹⁵, que chamamos de Galego internacional.

Livros escritos na norma internacional da língua galega há muito poucos. Mas sempre está aí Portugal para procurar literatura de todo tipo.

Através Editora, que edita livros na normativa internacional para o Galego, tem pouca cousa em literatura infanto-juvenil como o *Nântia* e a *Cabrita d'Ouro*, de Concha Rousia. Para jovens.

Também há bastantes exemplos de autoedição e de editoriais que “*permetem*” algumas publicações nesta norma como era Edicións do Castro, criada polo insigne Isaac Díaz Pardo, hoje desaparecida junto com seu criador.

A cumplicidade educativa

Para trabalhar o livro em galego não abunda com haver editoras e livrarias. Precisar-se-á do concurso de pais, mães e das escolas. Estas últimas são fundamentais para a demanda de livros em galego e de temática galega. A rede de escolas infantis da Xunta “A Galinha Azul” (de 0 a 3 anos) tem em suas bases que o ensino há de ser em galego na sua totalidade. Mas encontramos que em muitas delas isso não se

¹⁵ Acordo Ortográfico de 1990, em vigor em Portugal e noutros países lusófonos.

cumpre e que os materiais escolares que utilizam nem sempre estão em galego. Por isso elas não fazem demanda que possa puxar para a produção rendível de materiais educativos em Galego.

Isto é o que figura como indicativo para a Rede Galega de Escolas infantis:

“As escolas infantís da rede “A Galiña Azul” están dirixidas a nenos e nenas con idades comprendidas entre os 3 meses e os 3 anos. Trátase dun servizo público de atención á infancia, educativo asistencial, que busca adaptarse ao concepto de familia do século XXI e permitir a conciliación da vida laboral e persoal da cidadanía galega, ao tempo que facilita a súa inserción no mercado laboral”.

Acho algo cómico o da “inserción no mercado laboral”, e sinalo como na sua apresentação o idioma galego nem se menciona.

Em geral, nas escolas públicas, o uso do galego, que poderia puxar pela literatura infantil, depende em maior medida da vontade das mestras e mestres e dos projetos educativos elaborados pelo centro. O uso do idioma galego é mais frequente no rural que nas vilas, onde este é praticamente inexistente. Eu tenho uma netinha de três anos que, felizmente, vai a uma escola em que o galego é o idioma generalizado. De 50 livros que as crianças da sua turma manejaram, neste inverno, 40 eram em galego. (Ela adora sua escola.)

Há também um modelo privado de escola que é feito na íntegra em galego. São as “Escolas Semente”, em Trasancos (Ferrol), Lugo, Compostela e Vigo (proximamente na Corunha). São infantários de 2 a 6 anos (agora também terão primária na categoria de internacional) com um sistema educativo baseado na natureza, na autorrealização, na exploração e na liberdade. São seus princípios:

Coeducação, Laicidade, Assemblearismo, Interação com a natureza, Respeito pola autoregulação da criança, Integração no contexto do seu bairro e da cidade.

Estas escolas sim que seriam demandantes de literatura infantil além de outros materiais. Falando com a educadora da “Semente” de Lugo, conta-me que ela necessitaria livros infantis que trabalhassem as ciências (Matemática), os dinossauros ou a diversidade.

Fui visitar esta escola em Lugo. Com criancinhas de 2 anos até 5. Cantamos, contamos e dançamos numa manhã de primavera entre o sol e as nuvens. “Cloe a Amiguinha das flores” e “O Rei da Floresta” foram as nossas estórias. Elas também contaram as suas e desfrutaram dançando com a “Sra. Maria e o Sr. Dom Xosé castanhas assadas e vinho com mel” que dá início ao livro *O Rei da Floresta*. Gostei daquela escola, tão naturalmente em galego, com miudinhos/as galegos/as e na Galiza.

É importante também atender a procura de literatura por parte da franja etária da adolescência ou pré-adolescência, o que se conhece como ensino secundário. Como já disse, para este público existe muito menos oferta que para os pequenos. A serie *Dragall, o dragão Galego* (de Edicions Xerais), de Elena Gallego, iniciou uma interessante experiência que foi subscrita por bastantes escolas da Galiza até o ano 2014.

Marica Campo, reconhecida escritora galega de obra diversa que tem livros de contos para crianças e jovens (*Xoel aprendeu a voar, Unha misión para Clara...*), comentava-me acerca da sua experiência com os livros de literatura juvenis. Foi interessante porque visitou muitos centros de ensino onde seus livros foram postos como leitura obrigada para jovens de entre 5 e 13 anos. Ela encontra que a aceitação da literatura galega depende muito da orientação do professorado a respeito da língua. Se este é mais votado para a prática e respeito pelo idioma galego, os estudantes leem, comentam e discutem acerca das obras que lhes foram indicadas. Mas se o professorado não mostrar qualquer interesse pela língua, resulta difícil estabelecer um colóquio com os jovens que se desinteressam pela leitura como se desinteressam pela língua. Nós comprovamos isto. No Colégio Fingoi, de Lugo, onde sua professora trabalhava bem com seus estudantes, a visita para falarmos do *Mistério da Escada Interior* resultou ótima e muito produtiva. Com intercâmbio de opiniões, etc. No entanto, visitamos algum Instituto em que foi pouco menos que uma perda de tempo. O alunado não tinha sido preparado e o uso do galego por parte do professor não era comum e dialogante.

O conflito linguístico na Galiza

Compre¹⁶ dizer que na Galiza existe uma certa esquizofrenia a respeito do nosso próprio idioma. Há setores da população muito interessados em seu cultivo e defesa, mas a maioria é passiva face ao conflito linguístico em que vivemos: o domínio do castelhano sobre o idioma próprio da Galiza, o Galego, é cada vez mais evidente. O galego perde espaço e utentes de ano após ano. Basta uma só criança a falar castelhano para que o grupo se vire completamente para essa língua. Isto acontece também entre as pessoas grandes. É um fato curioso de mimetismo linguístico ainda não bem estudado. Mas acontece.

Na Galiza também existe o problema da normativa. As editoriais em galego recebem verbas pelas suas publicações, mas somente se esta é feita na norma oficial,

¹⁶ É necessário

mimética da norma *castellana*. Isto faz com que recusem publicar livros em galego na norma internacional porque para elas poderia ser um mal negócio. Nisto, a Editorial Kalandraka tem feito uma aposta pelo livro galaico-português que pode ser de grande interesse. Não é milagre que seja esta editorial a que alcança mais vendas em Galiza.

Admitimos que, bem programada, a literatura pode ser uma eficaz ferramenta para compensar a diglossia e a perda de utentes da Galiza. E, como não, a literatura infantil e juvenil é sem dúvida um instrumento eficaz e necessário para reforçar a identidade e a cumplicidade com Galiza e sua cultura.

Para além da Academia da Língua Portuguesa na Galiza, eu pertenço a um coletivo ecologista (que cumpriu os seus 43 anos de existência), a ADEGA (Associação para a Defesa Ecológica da Galiza), que tem diferentes projetos. Um destes é o da Educação Ambiental, com elaboração de materiais, quer para crianças, quer para adultos. A Fundação Eira faz parte deste projeto. Na sua casa celebramos a língua a cultura e o ambiente por igual. O nosso guieiro é *Recuperação de Saberes Populares*. São muitos os serões de “Conta Contos” que lá se fazem. Tradicionais galegos e também internacionais com participação de elementos vindos de Brasil, Portugal e outros países lusófonos. A literatura oral é de suma importância na criação dos vínculos afetivos e do estabelecimento das redes sociais. Sempre temos a visita do “Apalpador”¹⁷ no Natal, e de contadoras e contadores de “contos da lareira”, alguns destes já profissionalizados como Celsinho, Luis Pérez, Alba Maria, entre outras figuras.

Em Lugo existe um movimento interessante de Cultura Oral, é o chamado “Galiza Encantada” que lidera Carlos Reigosa, do Museu Provincial, e envolve, no encontro anual que fazem, a muitos escritoras e escritores e, como não, conta contos. Transcrevo da sua página: “*Galicia é un país habitado por homes e mulleres de carne e óso pero tamén por seres que bulen nun mundo fantástico ou encantado, e tamén real, coma o noso... Desde 205 seguimos encantados*”. Eu tenho algum conto publicado numa das suas recompilações, “A lenda da Ceguinha”.

A questão da normativa

Nós temos comprovado que, nem para crianças nem para adultos/as, a normativa representa um impedimento, pois todos os livros que temos feito são escritos na

¹⁷ Versão galega do Pai Natal

norma internacional para o galego. E todos os livros foram bem sucedidos, quer nas vendas quer na sua aceitação pelo público.

Alguns, como o *Rei da Floresta* ou o *Mistério da Escada Interior*, foram utilizados como livros de leitura de diferentes colégios. Outros, para adultos, como *Madeira de Mulher*, e *Atlântida: Mulher D'Água*, foram escolhidos para diferentes clubes de leitura em escolas de idiomas e associações de mulheres.

Nesta altura, o problema da normativa vai virando para um entendimento entre as partes. Marca o início desta *entente* a publicação da **Lei Paz-Andrade** para fomento do uso do Português na Galiza, aprovada por unanimidade no Parlamento galego. Transcrebo da Wikipedia:

«A *Lei nº 1/2014, do 24 de marzo, para o aproveitamento da lingua portuguesa e vínculos coa lusofonia*, mais conhecida como **Lei Valentín Paz-Andrade**, é uma lei do Parlamento da Galiza[1]. Nascida a partir da Iniciativa Legislativa Popular Valentín Paz-Andrade, de onde se retira o nome pelo qual a lei é mais comumente conhecida, trata-se de um instrumento normativo que visa estreitar os laços



Celsa e Adela entregam alguns livros à Diretora da Biblioteca Nacional.

da Galiza e da variedade galega da língua portuguesa com o resto de variedades da língua portuguesa e os países em que ela é oficial. A Iniciativa Popular, especialmente apoiada por setores reintegracionistas¹⁸ da sociedade, tem seu nome em homenagem ao economista, jurista e escritor galego Valentín Paz-Andrade, ilustre defensor da reaproximação entre a norma escrita galega e portuguesa[3].

Ao ser enviada ao Parlamento, em 2012, a iniciativa contava com 17.000 assinaturas e foi aprovada por unanimidade em 2014[4][2].»

Exemplos de algumas publicações¹⁹:

Escolhemos diversos estilos adaptados as diferentes idades. Contos cantados para pequeninhos de 2 ou três anos, teatro infantil para crianças desde 5 anos para adiante, contos para contar por um maior ou ler quando a criatura for algo mais grandeira, ou teatro juvenil para pré-adolescentes.

“Cloe a Amiguinha das Flores”. Este é um conto em verso e com canções. É para crianças desde os 2 anos. Por meio dos versos aprende-se o nome das flores mais frequentes, como a margarida, o girassol, a violeta, as rosas ou as vincas²⁰, para além das árvores froiteiras²¹.

Pingas. Obra de teatro para crianças desde os 5 anos, com personagens malandros (os poluentes) e uns outros tenros (as gotinhas de água) que tenta falar do ciclo hidrológico para criancinhas, por médio dos risos e dos valores clássicos dos bons e dos maus. Também pode ser uma introdução a conceitos matemáticos como o grande, o pequeno, o ínfimo ou o infinito.

O Rei da Floresta. Desde os 4 anos em diante. É uma coletânea de contos para serem lidos ou contados. Trata de recuperar uma tradição muito antiga na Galiza e que ficou resguardada nas montanhas dos Ancares e do Courel: a figura do “Apalpador”, que vem ser o Pai Natal de culturas alheias, o Olenxtero do País Vasco, etc. Acompanhado de versos e canções. Nas montanhas de Ourense é chamado de “Pandigueiro”.

¹⁸ Reintegracionistas: São assim chamadas as pessoas que pretendem “reintegrar” o galego para seu espaço original, o mundo galaico-português, como já tinha sido outrem nos tempos da lírica galaico-portuguesa. À diferença da atual normativa que escreve o galego sob as normas gerais do Castelhana. Estes são chamados de isolacionistas porque consideram o galego como uma ilha sem conexão com outras línguas. (N.A)

¹⁹ Estes livros são escritos por Adela Figueroa, ilustrados por Celsa Sánchez e musicados por Xaquín Facal. Editoriais: O Castro, e Fundacion Eira.

²⁰ Também conhecidas como pervincas.

²¹ Árvores de fruto

O Mistério da Escada Interior. A partir de 8 anos, que é a idade que tem um dos protagonistas, o Chinto. É uma obra de teatro infantil, pensada para pre-adolescentes, que acontece na muralha de Lugo. Aproveita-se para recriar o mundo na chegada dos romanos, recuperando velhas tradições como a das lendas associadas a pedras com petróglifos, e também os jogos populares que tinham na época, como a Décima Escrita, para trabalhar os números e as letras coa gente miuda. Esta obra pode ser utilizada como simples lazer, tratando de desvendar o mistério do neno romano Casio, para matemáticas, para língua, ou mesmo para cultura clássica. Ou trabalhar valores como a amizade e os afetos. Foi utilizada no Colégio Fingoi de Lugo como texto de base para língua galega.

O velho da Pena Patela. Um conto de mistério e de medo, no mais clássico estilo dos contos de “aparecidos”²² ou contos da lareira. É dedicado a Breixo, um rapaz de 13 anos que morava perto da Pena Patela em Outeiro de Rei (Lugo). Foi publicado em Brasil, pola Free Books, em versão electrónica de Paulo Soriano.

A modo de conclusão

Na Galiza, o idioma galego recua face ao castelhano, quase à mesma velocidade que se esvazia o mundo rural onde fora cultivado por séculos.

Os poderes públicos nada fazem de real para a preservação, cultivo e promoção do galego. A literatura infanto-juvenil pode ser um valioso instrumento de cultura e de promoção do idioma galego assim quanto da autoestima da população em geral. A normativa do galego internacional é pouco significativa no total das publicações em galego e menos ainda na literatura infantil. Compre²³ termos um acordo entre os/as escritoras para promover a literatura infantil e juvenil na norma internacional e aproximarmo-nos mais ao português por que disso somente podem vir benefícios: ampliação das nossas miras, internacionalização da nossa cultura e recuperação das nossas tradições.

*“Minha amiga de olhar longo
admira-me teu passo certo
palavras após do vento
palavras contra silêncios”*

²² Almas do Purgatório

²³ É necessário



A LINHA IMAGINÁRIA

A. PEDRO CORREIA

Há muito tempo que as pessoas, ali, se matam rapidamente, sem cerimónias e por motivos fúteis.

Dois bairros rivais dividiram a praça ao meio com uma linha imaginária. Quem, do outro bairro, a atravessar, morre.

À parte isso, são pessoas normais, que cultivam o hábito de se roubarem umas às outras sempre que podem.

Apenas aquela linha ninguém rouba. Por ser imaginária e por ser, na verdade, a única coisa que realmente respeitam¹.

Era uma vez um Rapazinho

Era uma vez um rapazinho nascido em Angola, país onde viveu os primeiros quase quinze anos da sua vida, e que teve a fortuna de ter quem, desde sempre, lhe contasse histórias. Tratava-se de histórias orais, contadas de memória, que começavam invariavelmente por “Era uma vez...” ou “No tempo em que os animais falavam...”. Estas fórmulas, mil vezes repetidas, tinham o condão de despertar a curiosidade, treinar a atenção e espicaçar a imaginação. O rapazinho ouvia as palavras uma

¹ Do livro PRAÇAS, vencedor do Prémio Literário UCCLA – Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa, 2019

a uma, atento, preparando-se para os malabarismos que, mais tarde, por via da literatura e dos falares inventivos das pessoas, as veria fazer.

Aos poucos, quando o rapazinho começou a juntar as primeiras letras e a saber transformá-las em sons, os livros começaram a maravilhá-lo, com todos aqueles desenhos, aquelas letras, aqueles sons, aquelas linhas, aquelas palavras, aquelas histórias encerradas lá dentro, dormindo sobre papel, esperando que a página se vire para, subitamente, acordarem. Os primeiros livros, com desenhos, em quadradinhos, muitos deles edições baratas de capa mole e descuidada, ajudavam-no a entender as palavras e a visualizar os cenários, o que, para quem ainda soletrava com alguma dificuldade, era uma ajuda preciosa.

Com o tempo, foi conhecendo heróis e heroínas de papel e com eles convivendo. Solucionou mistérios com Rip Kirby, pilotou aviões e cruzou os céus com o Major Alvega, combateu vilões juntando-se a Batman e ao seu amigo Robin, tornou-se aprendiz de magia com Mandrake, tombou no caldeirão de Obélix, riu-se com Haddock, lamentou não ter nascido no Planeta Krypton, como Super-Homem. Conheceu um rato chamado Mickey e a sua namorada Minnie, deu com um pato que era milionário, ganancioso e forreta a quem chamavam Patinhas, encontrou um papagaio desocupado que dava pelo nome de Zé Carioca, aliou-se a um grupo de amigos no qual se destacava uma tal Mafalda, que lhe fazia perguntas incómodas.

Com esta galeria de amigos, o mundo começava a mudar irremediavelmente. Até então, o rapazinho vivia na pacatez apodrecida de pequenas cidades coloniais onde tudo parecia perpetuar-se. Os ventos da História sopravam já noutras direcções mas disso o rapazinho não sabia. Quem vive num lugar longe de outros lugares, todos eles parados e ruminantes, num tempo e país em que a televisão era inexistente, o cinema infantil raro, os jornais e revistas submetidos à censura, tem dificuldade em imaginar um mundo plural e diverso, prenhe de realidades desconhecidas. Mas dessa canga, o rapazinho, com os seus detectives e heróis, cavaleiros, magos, ratos, patos e demais animais que falavam – dessa canga o rapazinho começara já a libertar-se e o mundo adquiria novo desenho e nasciam repentinos desejos de conhecê-lo. Sim, porque, afinal, existia o Canal da Mancha, que separava um país chamado França de outro chamado Inglaterra, e que o Major Alvega atravessava no seu avião. E havia uma cidade de nome Nova Iorque onde, disfarçado de jornalista, vivia o Super-Homem. E o Rio de Janeiro, de onde ninguém afastava o Zé Carioca. Existiam também índios do outro lado do oceano, e pradarias, e bisontes em manadas a perder de vista.

De repente, saber tudo isto faz sonhar, faz imaginar, faz evadir, faz viajar apenas

porque se percorrem as páginas misteriosas de uns livros e se leram as palavras ali colocadas pelo seu autor ou tradutor. E aí, quando se apercebe de que existe um autor e que alguém escreve aquelas histórias, com aquelas palavras, o mundo dá outra volta e muda outra vez de tamanho.

Até então, começa-se por coisas simples, não se é exigente, não é ainda a forma, ou o ritmo, não é a escolha criteriosa das palavras, a estética, que fascinam. O importante, nessa fase, são as viagens, as aventuras, os mistérios. Por isso, o rapazinho pertenceu ao grupo dos Cinco, dos Sete, e acampou nos campos ingleses perseguindo suspeitos. Mas, agora que existe um autor, agora que as palavras se conhecem já só de olhar para elas, agora que a leitura flui, as narrativas tornam-se mais desafiantes, dá-se a volta ao mundo num balão, em oitenta dias, risca-se os mares em busca de uma ilha que esconde um tesouro, arrisca-se a pele em travessias do deserto, anda-se pelo Mississípi escutando canções vindas das margens, desespera-se nas águas de Cuba, à deriva, lutando com um peixe enorme por sobrevivência e teimosia, começam-se a percorrer os abismos complexos da condição humana. Por essa altura, o rapazinho já percebeu que existe uma arte chamada literatura, e que é uma arte maior, capaz de ultrapassar a própria vida e de forjar mundos que não pertencem a este mundo. Compreendeu finalmente que, para construir ou destruir sonhos ou galáxias, basta a cabeça do autor, umas folhas de papel e a cumplicidade do leitor.

II

Falei atrás de um rapazinho – eu próprio – e de um tempo e circunstâncias precisos, de pequeníssimas cidades do interior perdidas no torpor colonial dos anos sessenta e inícios de setenta. Falei de uma aparente imutabilidade do tempo, dos hábitos, do estado de coisas. Falei de um tempo longo, comprido, sem televisão, a necessitar de leitura e imaginação para lhe preencher o lento escorrer.

Mas, entretanto, o rapazinho, noutra país, noutra continente, noutra século, deixou de ser apenas um rapazinho e foi, ele próprio, pai. E quis, como lhe competia, entregar intacta aos filhos a magia das palavras, o feitiço dos livros. E, se os viu entusiasmados com Harry Potter, se conseguiu que penetrassem, ainda que ao de leve, nos mundos de Tolkien ou na resolução de mistérios detectivescos, também os viu divididos e menos tocados pelas histórias que dormiam em folhas de papel.

Experimentamos hoje, em muitos países, a vertigem de uma contínua aceleração em que nada aparenta permanecer. Por outro lado, no estágio actual da tecnologia de que dispomos, vivemos uma espécie de convite imparável à experimentação de sensações, de geografias, de emoções, de tomadas de posição, de opiniões, de

realizações. A imaginação explodiu em múltiplas direcções e agrega-se, constitui-se em camadas, imaginação fundada em imaginação, imaginação construída sobre imaginação, das artes à ciência, da alimentação às formas de viver o lazer. Também as possibilidades de evasão se tornaram maiores e mais imediatas, tal como as possibilidades de comunicação. Podemos estar aqui, nesta sala, e com um clique visitar um museu em Pequim, passear por uma rua de Buenos Aires, aterrar em Marte, explorar o interior de um vulcão, assistir em grandes planos à disputa de uma refeição entre hienas e leões. Podemos também ouvir em tempo quase real o canto de aves que se encontrem nos antípodas de onde estivermos, aprender línguas de povos com quem nunca nos cruzámos, assistir a jogos e espectáculos em simultâneo com milhões de outras pessoas espalhadas pelo planeta. E podemos, também, olhar para o próprio planeta a partir de um satélite ou estação orbital. Sabemos que em coisas tão simples como falar ao telemóvel, a nossa voz vai ao espaço e regressa à Terra sem que disso nos apercebamos.

Situações que nos parecem banais e corriqueiras, às quais mal prestamos atenção, esquecidos já de que há bem pouco as desconhecíamos, que exigiriam, há poucas décadas, requintes assombrosos de libertação mental.

Tudo isto, naturalmente, se estende aos jovens e crianças, habituados assim à vertigem e à mudança, à actualização constante e permanente.

Mas não sejamos ingénuos: o planeta não corre à mesma velocidade em todos os sítios, existem milhões de rapariguinhas e de rapazinhos em lugares pobres e remotos sem acesso a livros, sem bibliotecas perto, sem telefones inteligentes ou acesso à internet. Para muitos não existe vertigem nem mudança, a sua vida decorre em condições em que um livro simples e barato é ainda um luxo.

A literatura parece, perante alguns destes cenários, perder terreno e capacidade de cativar. É maior, portanto, o desafio de quem agora escreve para esses biliões de leitores que serão o futuro do planeta e, quiçá, da literatura. Cativar, hoje, convocar a imaginação, o sonho e a evasão através da palavra impressa no papel ou fixada no ecrã é, porventura, mais difícil e exigente. Nesse sentido, os verdadeiros heróis desta história não são os heróis criados, as personagens, mas os criadores desses heróis, os escritores, os autores de literatura infanto-juvenil.

Voltemos, então, ao princípio deste texto, mesmo sabendo que um princípio, um bom princípio, nunca se repete: Era uma vez um rapazinho que...



IX ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA

FOTOGRAFIAS





1. Entrada do Parque 5 de julho, onde decorreu a sessão de abertura do IX EELP
2. Escritores e membros da mesa da sessão de abertura, no Parque 5 de julho

3. Escritores e membros da mesa da sessão de abertura, no Parque 5 de julho
4. Parque 5 de Julho, assistência na sessão de abertura





5. Sessão de abertura. Da esquerda para a direita, Óscar Santos, Presidente da Câmara Municipal da Praia, José Ulisses Correia e Silva, Primeiro Ministro de Cabo Verde e Vitor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA
6. Sessão de abertura. Óscar Santos, Presidente da C.M.Praia
7. Arménio Vieira, Prémio Camões 2009, na homenagem a Germano Almeida
8. Parque 5 de Julho. No palco, à esquerda, Germano Almeida, o homenageado deste Encontro. A oradora, Ana Cordeiro



9



10



11



12



9. Da esquerda para a direita, João Pinto de Sousa, Vítor Ramalho (que apresenta o Prémio Literário UCCLA), Rui Lourido e A. Pedro Correia, no Parque 5 de julho
10. A. Pedro Correia, autor de *PRAÇAS*, vencedor do Prémio Literário UCCLA
11. Apresentação do livro *PRAÇAS*, vencedor da 4ª edição do Prémio Literário UCCLA. No écran, a capa do livro
12. Inauguração da Biblioteca Escolar de Ponta de Água. Ao centro, a Ministra de Educação de Cabo Verde
13. Germano Almeida, Prémio Camões 2018, foi o autor homenageado neste Encontro
14. Inauguração da Biblioteca Escolar de Ponta de Água. Da esquerda para a direita, Cremilda de Lima, Celsa Sánchez, José Fanha, Olinda Beja e Andréa Zamorano



16



17



18



19



20



21



22



23

15. Escola Regina Silva, com Silvia Alves e alunos
16. Centro Educativo de Miraflores, com Olinda Beja
17. Centro Educativo Coração de Jesus, com Adela Figueroa e Celsa Sánchez
18. Escola Primária da Abela, na Terra Branca, com Cremilda de Lima
19. Escola Eugénia Afonso Freire, Praia Baixo, com José Fanha e Daniel Completo
20. Centro Educativo da Achada Grande| Escola do Salineiro – Ribeira Grande de Santiago, com Germano Almeida e Rui Lourido
21. Escola não Agrupada de São Francisco, com José Fanha e Daniel Completo
22. Centro Educativo da Achada Grande| Escola do Salineiro, com Germano Almeida





23. Escola Manuel Lopes, com Sílvia Alves e Avelina Ferraz
24. 1º Painel, dia 21 de junho. Da esquerda para a direita, Adela Figueroa, Celsa Sánchez, Avelina Ferraz, Incanha Intumbo (moderador), Daniel Completo e André Letria
25. Adela Figueroa (Galiza)

26. Celsa Sánchez, ilustradora (Galiza)
27. Avelina Ferraz – editora (Portugal)
28. Incanha Intumbo, Presidente do Instituto Internacional da Língua Portuguesa
29. Daniel Completo (Portugal)



31



32



33



30. André Letria (Portugal)

31. Jantar oferecido pela UCCLA às delegações de Portugal e de Cabo Verde no Restaurante Gamboa, cidade da Praia

32. idem

33. idem





34. idem

35. Receção aos escritores e membros da UCCLA na Presidência da República de Cabo Verde

36. Presidente da República de Cabo Verde, Jorge Carlos Fonseca, com Olinda Beja (à esquerda) e Avelina Ferraz (à direita)

37. Presidente da República e A. Pedro Correia

38. Presidente da República e Andréa Zamorano

39. Presidente da República de Cabo Verde à conversa

com Vitor Ramalho e José Bastos (UCCLA)

40. Presidente da República e Filomena Nascimento (UCCLA)

41. Fotografia de grupo da receção aos escritores e membros da UCCLA na Presidência da República de Cabo Verde

42. Presidente da República e Kátia Casimiro





43. Presidente da República e Sílvia Alves
44. 2º Painel, dia 21 de junho. Da esquerda para a direita, Teresa Duarte Reis, Sílvia Alves, Herminia Curado (moderadora), Cremilda de Lima e José Fanha
45. José Fanha (Portugal)
46. Kátia Casimiro (Guiné-Bissau)
47. Cremilda de Lima (Angola)

48. Sílvia Alves (Portugal)
49. Teresa Duarte Reis (Portugal)
50. Herminia Curado (Cabo Verde)
51. Natacha Magalhães (Cabo Verde)
52. Olinda Beja (São Tomé e Príncipe)
53. Assistência na Biblioteca Nacional de Cabo Verde durante um debate no dia 21 de junho



54



55



56



57



54. Painel, manhã do dia 22 de junho. Da esquerda para a direita, técnica da C.M.Praia, Adela Figueroa, A. Pedro Correia, Manuel Brito-Semedo (moderador) e Andréa Zamorano

55. Andréa Zamorano (Brasil)

56. Daniel Medina (Cabo Verde)

57. Augusta Teixeira (Cabo Verde)

58. Odaír Varela (Cabo Verde)

59. João Lopes Filho (Cabo Verde)

60. Manuel Brito-Semedo (Cabo Verde)

61. Painel da tarde, dia 22 de junho. Da esquerda para a direita, Odaír Varela, Aristides Lopes da Silva (moderador), João Lopes Filho e Daniel Medina



62



63



64



65



62. Sessão de encerramento do IX EELP, dia 22 de junho.
Da esquerda para a direita, Vitor Ramalho, Óscar Santos e David Hopffer Almada

63. Vitor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA

64. Óscar Santos, Presidente da C.M.P.

65. David Hopffer Almada (Cabo Verde)

66. Mesa de encerramento, da esquerda para a direita,
Vitor Ramalho, Óscar Santos e David Hopffer Almada

67. Momento de confraternização dos participantes, com
jornalistas e organização



68



69



70

68. Visita ao Campo de Concentração do Tarrafal, Chão Bom, Ilha de Santiago

69. Visita ao Campo de Concentração do Tarrafal, Chão Bom, Ilha de Santiago

70. O Grupo a caminho do Tarrafal

A LITERATURA INFANTOJUVENIL

PROGRAMA DAS MESAS E COMUNICAÇÕES REALIZADAS NO IX EELP Cidade da Praia - Cabo Verde

Dia 20 de junho

- 9h Visita dos escritores a bibliotecas escolares dos Municípios da Ilha de Santiago.
 Encontro de Arménio Vieira e de Germano Almeida com alunos das escolas do
 Município da Praia
- 14h30m Inauguração da Biblioteca Escolar de Ponta de Água
- 16h **SESSÃO DE ABERTURA**
 Parque 5 de julho
- Intervenções*
Primeiro-Ministro de Cabo Verde, Dr. José Ulisses Correia e Silva
Presidente da Câmara Municipal da Praia, Dr. Óscar Santos
Secretário-Geral da UCCLA, Dr. Vítor Ramalho
Presidente da EMEP, Eng^o. Victor Coutinho
- 17h **HOMENAGEM A GERMANO ALMEIDA – PRÉMIO CAMÕES 2018**
 Ana Cordeiro, sobre o autor e a sua obra no âmbito da literatura
 Arménio Vieira, “*Germano e a Literatura de Cabo Verde*”
 O Autor, por si próprio

18h APRESENTAÇÃO DE LIVROS

Oradores: Rui Lourido, A. Pedro Correia, João Pinto de Sousa e Vítor Ramalho
Apresentação do livro *PRAÇAS*, vencedor da 4ª edição do Prémio de Revelação Literária UCCLA – Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa
Apresentação do livro do VII EELP – *Literatura e Lusofonia 2017, Anais do VII Encontro de Escritores de Língua Portuguesa*

Dia 21 de junho

Biblioteca Nacional de Cabo Verde

9h 1º TEMA

PÔR IMAGENS E SONS NAS PALAVRAS, PÔR PALAVRAS NAS IMAGENS

Moderação Dr. Incanha Intumbo, Presidente do Instituto Internacional da Língua Portuguesa

André Letria (Portugal)

Pato Lógico - O Conhecimento do Mundo como Estímulo para a Inclusão

Daniel Completo (Portugal)

O Som das Palavras

Avelina Ferraz (Portugal), editora

O Audiovisual e a Escrita – subsistemas

Celsa Sánchez Vázquez (Galiza), ilustradora

Pausa para café

Debate

14h30m 2º TEMA

A LITERATURA INFANTOJUVENIL, LUGAR DO AFETO E DA EMOÇÃO

Moderação Hermínia Curado Ferreira, Academia Cabo-verdiana de Letras

Cremilda de Lima (Angola)

O mundo fantástico das histórias infantis... Um...dois...três...pliiim!!!!

José Fanha (Portugal)

Literatura infanto-juvenil, lugar de afecto, emoção e viagem

Sílvia Alves (Portugal)

Pequenas ilhas, grandes mundos

Teresa Duarte Reis (Portugal)

Olhos que falam, sorriso que abraça

Pausa para café

Moderação Fátima Bettencourt

Hermínia Curado Ferreira (Cabo Verde)
A Magia das Palavras na Literatura Infanto-Juvenil

Natacha Magalhães (Cabo Verde)
Mediação de Leitura e Formação de Novos Leitores, da Família às Escolas, possibilidades e experiências

Kátia Casimiro (Guiné-Bissau)
Contos Tradicionais Infantis – a sua importância

Olinda Beja (São Tomé e Príncipe)
Sem pressa de viver – 1,2,3, era uma vez...

Debate

Dia 22 de junho

Biblioteca Nacional de Cabo Verde

9h30m 3º TEMA

ESCREVER O MUNDO, ESCREVER-SE A SI

Moderação Manuel Brito-Semedo, Universidade de Cabo Verde

Andréa Zamorano (Brasil)
Afinal os jovens leem e escrevem – "Fanfictions" e outros gêneros literários na ponta dos dedos

Adela Figueiroa Panisse (Galiza)
A Literatura infantojuvenil na Galiza: Uma necessidade educativa e cultural

Pausa para café

A. Pedro Correia (Portugal)
Era uma vez um rapazinho

Augusta Teixeira (Mana Guta, Cabo Verde)
Personagens Infanto-Juvenis no Espaço da CPLP: Um Exercício de Literatura Comparada

Daniel Medina (Cabo Verde)
Despertar para a Imaginação

Debate

14h30m – 16h00m

Moderação Aristides Lopes da Silva, Pró-Reitor da UNICV

João Lopes Filho (Cabo Verde)

Literatura Infanto-Juvenil

Odair Varela (Cabo Verde)

Livros para a Infância em Cabo Verde. Por que não temos o que queremos e não queremos o que temos

Debate

16h **SESSÃO DE ENCERRAMENTO**
Biblioteca Nacional de Cabo Verde

Oradores

Presidente da CMP, Óscar Santos (preside à sessão)

Secretário-Geral da UCCLA, Vítor Ramalho

Presidente da Academia de Letras de Cabo Verde, David Hopffer Almada

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

20 a 22 de junho

Exposição e Feira do Livro

23 de junho

Visita a Assomada

Visita à Cidade Velha e ao Tarrafal



ESCRITORES

Referências Bibliográficas

A. PEDRO CORREIA
ADELA FIGUEROA
ANA CORDEIRO
ANDRÉ LETRIA
ANDRÉA ZAMORANO
CREMILDA DE LIMA
DANIEL COMPLETO
GERMANO ALMEIDA
JOSÉ FANHA
KÁTIA CASIMIRO
OLINDA BEJA
SÍLVIA ALVES
TERESA DUARTE REIS

A. PEDRO CORREIA

[Portugal]



A. Pedro Correia nasceu em Angola, em 1961, e aí residiu até 1975. Tem nacionalidade portuguesa e vive presentemente na cidade de Lagos, no Algarve. É artista plástico, dedicando-se especialmente à escultura, à criação de objetos tridimensionais e à área de instalação multidisciplinar. Participou em residências artísticas em Portugal, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe e tem obra dispersa por diversos países.

O livro *PRAÇAS*, vencedor da 4ª Edição do “Prémio Literário UCCLA – Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa”, é o seu primeiro trabalho literário. O coordenador da equipa de seleção e crítica literária, António Carlos Cortez, poeta, ensaísta e crítico literário, observa, na sua apreciação da obra:

“..eis um livro pensado como sucessão de histórias, breves flashes, fotografias intempestivas, confissões ou observações de vozes a braços com a desumanidade ...”

“... a escrita (de A. Pedro Correia) é prensada, curta, incisiva; (o) estilo (é) comedido, de quando em quando irónico. A palavra ganha sentidos quando é literal...e quanto mais literal mais poético (é o texto). Uma poética da destruição.”

ADELA FIGUEROA PANISSE

[Galiza]



Professora Catedrática de Biologia-Geologia, já reformada, Adela Figueroa Panisse é escritora e ativista em questões como Ecologia, Educação e normalização da língua galega. Tem várias obras publicadas, em poesia e prosa. Poesia: *Vento de Amor ao Mar* (2005); *Xanela Aberta* (2007); *Memoria de Pés Sem Sombra* (2016). Teatro infantil: *O Misterio da Escada Interior* (2014); *Pingas* (Prémio 2018 Ass. Cultural O Facho). Contos para crianças: *O Rei da Floresta* (Livro Disco de relatos e canções, 2012); *Cloe a Amiguinha das Flores* (Livro Disco, 2017). Relatos de Mulheres: *Madeira de Mulher* (2010); *Atlantidae, Mulher D'Água* (2018). Para além disso, colabora em numerosas publicações coletivas de poesia no Brasil, Galiza, Espanha.

Participou na primeira reunião do Acordo da Ortografia Simplificada, em 1986, convidada pela Academia Brasileira de Ciências e Letras e, representando a ADEGA (Associação para a Defesa Ecológica da Galiza), em vários encontros de Educação Ambiental na Lusofonia (em Santiago de Compostela, na Galiza, e em Aveiro, Portugal). Foi cofundadora da ADEGA e sua presidente de 2006 a 2010. Atualmente é presidente da Fundação Eira (Para a Recuperação dos saberes populares e do Património Cultural e ecológico da Galiza).

ANA CORDEIRO

[Cabo Verde]



Ana Cordeiro, natural de Coimbra, é licenciada em Filosofia pela Universidade de Coimbra e mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Universidade do Porto, com uma dissertação intitulada "Nós Cabo-Verdianos. A Representação da Identidade nos Textos Literários do Século XIX".

A viver em Cabo Verde desde finais de 1978, foi professora nos liceus Domingos Ramos (Praia), e Ludgero Lima (Mindelo). Esteve 26 anos à frente do Polo do Mindelo do Centro Cultural Português / Instituto Camões. É sócia fundadora da Ilhéu Editora, que dirige desde 1989, e membro da Cooperativa que criou a Escola Portuguesa do Mindelo, em 2016, da qual é diretora.

Tem vários artigos em jornais e revistas sobre temas de cultura e literatura, de que se salientam: "Nós Cabo-verdianos — A Representação da Identidade nos Textos Literários do séc. XIX" (2011); "Germano Almeida: o contador de estóreas" (2008); "La ville de Mindelo entre fiction et réalité", (2007).

ANDRÉ LETRIA

[Portugal]



André Letria nasceu em Lisboa em 1973. Frequentou o curso de Pintura da Faculdade de Belas Artes de Lisboa e começou a sua atividade de ilustrador em 1992. Desde então, as suas ilustrações percorrem as páginas de livros e jornais.

Fez cenários de teatro e realizou filmes de animação. Visita regularmente escolas e bibliotecas em Portugal e no estrangeiro para falar do seu trabalho e desenvolver oficinas criativas baseadas nos livros que ilustra e edita.

Ganhou o Prémio Nacional de Ilustração, o Grande Prémio Gulbenkian e um *Award of Excellence for Illustration*, atribuído pela Society for News Design (EUA). O seu livro *A Guerra*, com texto de José Jorge Letria, foi distinguido com alguns dos mais conceituados prémios na área da ilustração e do design, como o Grand Prix do Nami Concours, da Coreia do Sul, ou o prémio Talking Pictures da Feira do Livro de Nova Iorque.

Tem obras publicadas em diversos países, como os EUA, o Brasil, a Espanha ou a Itália. Em 2010, criou o Pato Lógico, uma editora independente, onde publica escritores e ilustradores que admira.

ANDRÉA ZAMORANO

[Brasil]



Andréa Zamorano nasceu no Rio de Janeiro e viveu mais de metade da sua vida em Lisboa, Portugal. Estudou Língua e Literatura de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, licenciou-se em Estudos Portugueses na Universidade Nova de Lisboa e frequentou o mestrado de Literatura Comparada na Universidade de Lisboa.

Autora de contos, ensaios e crónicas, Andréa Zamorano assina mensalmente a coluna *A Casa da Andréa* na revista Blimunda, da Fundação José Saramago e colabora com diversas publicações. Em 2015 lançou o seu primeiro romance, *A Casa das Rosas*, pela editora Quetzal, e foi vencedora do prémio Livro do Ano pela revista TimeOut. Em agosto 2017, a obra foi editada no Brasil pela Tinta Negra. No segundo semestre deste ano, será lançado o seu segundo romance.

CREMILDA DE LIMA

[Angola]



Cremilda de Lima nasceu em Luanda, tem o Curso do Magistério Primário, é Bacharel em Pedagogia e Licenciada em Ensino Básico (1º Ciclo), tendo participado na Reforma Educativa.

Em 1977, publicou os seus primeiros contos e foi incluída na primeira coleção de contos infantis editada em Angola. Participou igualmente na realização da coletânea *Histórias de Encantar*.

A escritora tem várias histórias publicadas, outras em fase de publicação, e algumas das suas obras foram traduzidas para outras línguas, outras adaptadas para teatro. É ainda autora do primeiro CD de *Contos Infantis Angolanos*.

Membro da União dos Escritores Angolanos e da Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde, foi nomeada para o Prémio Internacional de Literatura Infantojuvenil Astrid Lindgren e para os Globos de Ouro Angola 2019.

Cremilda de Lima venceu o Prémio Nacional de Cultura e Artes, Edição 2016, na disciplina de Literatura, e foi condecorada com a Medalha de Bravura e Mérito Cívico e Social pelo Presidente da República de Angola, João Lourenço, em 2018.

"A Literatura Infantil Angolana no período Pós-independência: Estudo sobre a Escritora Cremilda de Lima", foi o título da Dissertação de Mestrado de Maria Manuela Cristina Ananaz, que usa o pseudónimo literário "Kanguimbo Ananaz".

DANIEL COMPLETO

[Portugal]



Daniel Completo nasceu em Lisboa em 1964, licenciou-se em Educação Musical e esteve ligado a um dos mais genuínos registos da Música Tradicional Portuguesa integrando o grupo *Ronda dos Quatro Caminhos*. É autor de vasta e significativa obra de canções para crianças, realizada em parceria com vários escritores, dos quais se destacam: Luísa Ducla Soares, José Fanha, José Jorge Letria, António Mota, entre outros.

Em 2005 lança o seu primeiro trabalho a solo, *Finisterras*. Em 2010, em parceria com Luísa Ducla Soares, lança o audiolivro *Brincar com as Palavras*, compondo e interpretando doze poemas da escritora e valorizando nas letras o aspeto lúdico e brincalhão. Em 2011, de novo com Luísa Ducla Soares, lança o livro+CD *O Som das Lengalengas*, incluído em poucos meses no Plano Nacional de Leitura (PNL). Nos anos seguintes, publica, em parceria com vários escritores, cerca de duas dezenas de audiolivros, muitos deles incluídos no PNL.

Daniel Completo realiza espetáculos infantis organizados por Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia e Bibliotecas Municipais, entre outras entidades, e visitas de autor com ações de incentivo à leitura em escolas, bibliotecas e feiras do livro.

GERMANO ALMEIDA

[Cabo Verde]



Germano Almeida nasceu na ilha da Boavista, em Cabo Verde, em 1945. Licenciou-se em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa. Foi Procurador da República de Cabo Verde e exerce atualmente advocacia na cidade de São Vicente.

As suas primeiras estórias foram publicadas sob o pseudónimo de Romualdo Cruz na revista *Ponto & Vírgula*, da qual foi um dos fundadores. Germano Almeida é ainda coproprietário e diretor do jornal *Aguaviva*, e sócio da Ilhéu Editora, responsável pela publicação dos seus livros em Cabo Verde. A sua obra de ficção representa uma nova etapa na rica história literária de Cabo Verde e está publicada em vários países, como Brasil, França, Espanha, Itália, Alemanha, Suécia, Holanda, Noruega, Dinamarca, Cuba, Estados Unidos, Bulgária e Suíça, tendo sido já reconhecida com a atribuição de diversos prémios.

O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo foi adaptado ao cinema, no filme intitulado “O Testamento do Senhor Napumoceno”, galardoado com o 1º Prémio do Festival de Cinema Latino-Americano de Gramado, no Brasil, e distinguido com os prémios para o melhor filme e melhor ator no 8º Festival Internacional Cinematográfico de Assunción, no Paraguai.

Germano Almeida foi o vencedor do Prémio Camões de Literatura de 2018.

Algumas das suas publicações:

O Fiel Defunto (2018); *Regresso ao Paraíso* (2016); *Do Monte Cara Vê-se o Mundo* (2014); *Eva* (2006); *Mar da Laginha* (2004); *Viagem pela história das Ilhas* (2003); *As Memórias de um espírito* (2001); *Dona Pura e os Camaradas de Abril* (1999); *A Família Trago* (1998); *Estórias Contadas* (1998); *A Morte do meu Poeta* (1998); *Estórias de Dentro de Casa* (1996); *A Ilha Fantástica* (1994); *Os Dois Irmãos* (1995); *O Dia das Calças Roladas* (1992); *O Meu Poeta* (1990); *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo* (romance de estreia, 1989).

JOSÉ FANHA

[Portugal]



José Fanha nasceu em Lisboa, em 1951. É escritor, poeta, declamador, dramaturgo e dramaturgista, adaptador de textos de teatro, nomeadamente de Brecht, Dario Fo e Steven Sondheim, autor de letras para canções e textos para rádio, guionista de televisão e cinema. Licenciado em Arquitetura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, tem um Mestrado na área de Educação e Leitura pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa com uma tese sobre Comunidades de Leitores intitulada Novos modos de leitura – Novas identidades.

Foi o Comissário do 1º Encontro da Literatura Infanto-Juvenil da Lusofonia, na Fundação “O Século”, Estoril, em 2015.

Tem dirigido Oficinas de Poesia e de Escrita e desenvolvido um trabalho intenso de divulgação de poesia e promoção do livro e da leitura em bibliotecas e escolas um pouco por todo o país.

José Fanha tem uma vasta obra publicada, em prosa, poesia e teatro, principalmente dirigida à infância e à juventude.

KÁTIA CASIMIRO

[Guiné-Bissau]



Ivanilde Kátia Rodrigues Casimiro nasceu em Bissau, em setembro de 1979.

Residente em Portugal há 37 anos, é Assistente Técnica no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Central (CHULC).

Participou na 88ª Feira do Livro de Lisboa com a obra infantojuvenil *Íris e o jogo das cores*, publicada pela Chiado Editora em 2018.

Atuou como contadora de estórias da Guiné-Bissau no 1º Festival Infantojuvenil de língua portuguesa – Travessia das Letras, Templo da Poesia – Oeiras, em 2019. Foi ainda a representante da Guiné-Bissau no 1º e 2º Encontros Culturas Poéticas –Tertuliana – 2018 e 2019.

Kátia Casimiro é ainda autora dos poemas: “Corre Criança Corre!” e “Gosto” – XII e XIII Encontros Poéticos da Liga dos Amigos Hospital Santa Marta (LAHSM), em 2017 e 2018.

É autora do “Tributo a Tony Tcheka”– I Volume da obra: Tributo – *Homenagem a Autores Marcantes da Literatura Universal* (Chiado Books, 2019), e do conto de Natal, “O par de sapatinhos”, na coletânea *Natal em Palavras* (Chiado Books, 2018).

É igualmente autora de uma pequena história na “SMS” – *Coletânea de Micro Narrativas Ficcionalis* (Chiado Books, 2019) e de uma carta de amor na coletânea *Três Quartos de um Amor* (Chiado Books, 2019).

OLINDA BEJA

[São Tomé e Príncipe]



Escritora, poetisa, narradora, nasceu em Guadalupe, São Tomé e Príncipe, em 1946. Ainda criança deixou as ilhas e foi viver em Portugal, em Viseu, onde reside atualmente.

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês) pela Universidade do Porto, possui Formação Superior em várias áreas.

Docente do Ensino Secundário em Portugal, lecionou Língua e Cultura Portuguesas e Lusófonas na Suíça, de 2005 a 2014.

Olinda Beja tem uma vasta obra publicada – poesia, romances, contos – grande parte da qual dedicada à difusão da cultura e da vida em São Tomé e Príncipe. As suas obras têm sido estudadas em universidades no Brasil, Inglaterra, Alemanha, França, África do Sul, Suíça e Luxemburgo. Tem contos e poemas traduzidos para várias línguas.

Em 2013, venceu o Prémio Literário Francisco José Tenreiro com o livro de poesia *A Sombra do Océano*, incluída no Plano Nacional de Leitura (PNL – Ler+) por um período de 10 anos. Em 2015, o seu livro *Um Grão de Café* foi recomendado para o PNL – Ler+.

Publicações mais recentes: *Tomé Bombom* – Conto, 2016; *Todos Somos Vento, Rio, Flor...* conto infantojuvenil, 2017; *Chá do Príncipe* – Contos, 2017, e *Simão Balalão* – Conto infantojuvenil, 2019.

SÍLVIA ALVES

[Portugal]



Sílvia Alves nasceu em 1965, em Chaves, foi professora de Ciências durante doze anos. Responsável pela programação cultural do Bar Alinhavar, foi autora e coordenadora editorial da revista "A Bruxinha", no semanário *Região de Leiria*; foi cronista no *Região de Leiria* e no blogue da revista *Os Meus Livros*, colaborou em outras revistas como a *Rodapé*, *Minguante*, *LER* e *Fada Morgana* (Galiza). Dirigiu sessões de histórias e mediação de leitura na Pediatria do Hospital de Santo André, em escolas e bibliotecas.

Publicou o primeiro livro em 2006: *Coisas de Mãe*, com ilustrações de João Caetano. Desde 2011, colabora com Paulo Freixinho no projeto "Sabe Mais k(que) os teus Pais" – Palavras Cruzadas, um blogue para miúdos. Em 2013, participou no II Encontro de Narração Oral em Santiago do Chile e coorganizou o Encontro Luso-Galaico de Escritores – Ponte Escrita, em Chaves (2016 a 2018). Em 2018 participou na Feira do Livro de Maputo, onde apresentou a segunda edição do livro: *História de um Chapéu e outros Contos*, edição da Escola Portuguesa de Moçambique.

Os livros preenchem-lhe a casa. As casas ocupam-lhe os dias. Escreve em algumas luas, sob o olhar de um gato. É mãe de dois filhos em todas as estações.

TERESA DUARTE REIS

[Portugal]



Teresa de Jesus P. Duarte Reis nasceu em 1947, em Unhais da Serra, município da Covilhã. Estudou na Covilhã e fez o curso do Magistério Primário em Castelo Branco, após o que se licenciou em Comunicação Social na Universidade da Beira Interior, com Estágio Prático na Rádio Clube da Covilhã. Fez o curso de Formação de Formadores, no CILAN. Lecionou o 1º e 2º Ciclos desde 1971 até 2002, ano da sua aposentação.

Teresa Reis tem uma considerável bibliografia, principalmente na área da literatura infantil e infantojuvenil. Sócia da Associação Portuguesa de Poetas, publicou poesia, escreveu poemas para o Blogue Capeia Arraiana, “La Ruta de los Castillos”, participou em várias Antologias e, entre 1997 e 1999, fez reportagens semanais para o Jornal Nova Guarda.

Alguma bibliografia:

Poesia: *Arco-íris* (2005); *Ecos do Meu Pensar* (2009); *Porque os silêncios também se escrevem* (2016); *Aromas de Madressilva e Fios de Azul* (2020);

Literatura Juvenil: *Mistério na Serra da Estrela*; *Maria Covilhã, a Fiandeira – Uma viagem no Tempo* (2018); *Era uma Vez* (2018);

Literatura Infantojuvenil: *Os duendes e a protecção do meio ambiente* (2008); *Os Duendes no Quintal do Sr. Joaquim*, livro e CD-ROM, com Hugo Santos; *Pequenos Contos de Natal* (2007); *Cores de um pé-de-vento* (2008); *Janela* (2011); *Poemas do Estudo do Meio*; *O Sonho*.



Organização



UNIÃO DAS CIDADES CAPTAIS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

Patrocinador Oficial



Patrocínio



Apoio Institucional



Media partner





Patrocinador Oficial



Patrocínio



Apoio



Comissão Temática
de Promoção e Difusão
da Língua Portuguesa
dos Observadores
Consultivos da CPLP